

# Filosofia

## Teoria Wikipédia

# Conteúdo


<b>1</b>	<b>Filosofia</b>	<b>1</b>
1.1	Definição de filosofia	1
1.1.1	Etimologia	1
1.1.2	Conceito de filosofia	2
1.2	Métodos da filosofia	4
1.3	Disciplinas filosóficas	6
1.4	Cronologia	6
1.5	História	6
1.5.1	Pensamento mítico e pensamento filosófico	8
1.5.2	Filosofia antiga	9
1.5.3	África	11
1.5.4	Filosofia oriental	11
1.5.5	Filosofia medieval	12
1.5.6	Filosofia do Renascimento	13
1.5.7	Filosofia moderna	13
1.5.8	Filosofia do século XIX	14
1.5.9	Filosofia do século XX	15
1.5.10	Movimentos filosóficos da atualidade	17
1.6	Ver também	17
1.7	Referências	17
1.8	Bibliografia	19
1.9	Ligações externas	20
<b>2</b>	<b>Lógica</b>	<b>21</b>
2.1	O estudo da lógica	21
2.2	História	22
2.3	Lógica aristotélica	22
2.3.1	Lógica formal	22
2.3.2	Lógica material	23
2.4	Lógica matemática	23
2.5	Lógica filosófica	23
2.6	Lógica de predicados	24
2.7	Lógica de vários valores	24

2.8	Lógica e computadores	24
2.9	Tipos de lógica	25
2.10	Testes de lógica	26
2.11	Respostas dos “testes de lógica” citados acima	26
2.12	Ver também	26
2.13	Referências	27
2.14	Leituras adicionais	27
<b>3</b>	<b>Metafísica</b>	<b>29</b>
3.1	Origem da palavra “metafísica”	29
3.2	História da metafísica	30
3.3	Problemas metafísicos	31
3.3.1	As categorias ontológicas	31
3.3.2	Necessidade e contingência	32
3.4	Ver também	34
3.5	Notas e referências	34
3.6	Bibliografia	34
3.7	Ligações externas	34
<b>4</b>	<b>Verdade</b>	<b>35</b>
4.1	Filosofia	35
4.2	O portador da verdade	36
4.3	Tipos de verdade	36
4.4	Teorias metafísicas da verdade	36
4.4.1	Verdade como correspondência ou adequação	36
4.4.2	Verdade por correspondência	36
4.4.3	Desmenção	36
4.4.4	Deflacionismo	36
4.4.5	Desvelamento	37
4.4.6	Pragmatismo	37
4.5	Teorias formais	37
4.5.1	Verdade lógica	37
4.5.2	Verdade em matemática	37
4.5.3	Teoria semântica da verdade	37
4.6	Referências	38
4.7	Bibliografia	38
4.8	Ver também	38
4.9	Ligações externas	38
<b>5</b>	<b>Sofisma</b>	<b>39</b>
5.1	Sofistas da Grécia antiga	39
5.2	Definições segundo Aristóteles	39

5.3	Prática contemporânea . . . . .	39
5.4	Ver também . . . . .	40
5.5	Referências . . . . .	40
<b>6</b>	<b>Escola sofisticada</b> . . . . .	<b>41</b>
6.0.1	Moral, direito, religião . . . . .	41
6.1	Referências . . . . .	42
6.2	Ligações externas . . . . .	42
6.3	Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças . . . . .	43
6.3.1	Texto . . . . .	43
6.3.2	Imagens . . . . .	44
6.3.3	Licença . . . . .	45

# Capítulo 1

## Filosofia

 **Nota:** Para outros significados, veja Filosofia (desambiguação).

**Filosofia** (do grego Φιλοσοφία, *philosophia*, literalmente «amor pela sabedoria»<sup>[1][2]</sup>) é o estudo das questões gerais e fundamentais relacionadas com a natureza da existência humana; do conhecimento; da verdade; dos valores morais e estéticos; da mente; da linguagem, bem como do universo em sua totalidade.<sup>[3]</sup> O termo foi cunhado por Pitágoras (570 – 495 a.C). Ao examinar tais questões, a filosofia se distingue da mitologia e da religião por sua ênfase em argumentação racional; por outro lado, diferencia-se também das pesquisas científicas por geralmente não recorrer a procedimentos empíricos em suas investigações. Entre seus métodos, estão a argumentação racional, a análise conceitual, a dialética, a hermenêutica, a fenomenologia, as experiências de pensamento e outros métodos investigativos *a priori*. A Filosofia é o saber mais abrangente – na medida em que ocupa-se com os grandes temas da humanidade. A partir dela, são fundamentadas e desenvolvidas teorias, metodologias, pesquisas, projetos educacionais, bem como elabora-se, inclusive, a própria fundamentação racional das instituições do conhecimento humano, i.e., as instituições científicas, artísticas, religiosas e culturais.

Por razões de conveniência e especialização, as disciplinas filosóficas foram classificadas em várias subáreas temáticas ou campos de estudo e investigação, entre os quais destacam-se principalmente a Metafísica (cujo ramo basilar é conhecido como Ontologia); a Epistemologia, a Lógica, a Ética (ou filosofia moral), a Estética (ou filosofia da arte), filosofia da mente, filosofia das ciências naturais e sociais, filosofia da religião, filosofia da matemática, filosofia da linguagem, filosofia da física e filosofia política.

### 1.1 Definição de filosofia

#### 1.1.1 Etimologia

A palavra “filosofia” (do grego) é uma composição de duas palavras: *philos* (φίλος) e *sophia* (σοφία). A primeira é uma derivação de *philia* (φιλία) que significa



Filósofo em Meditação, detalhe de Rembrandt, 1632, no Museu do Louvre

amizade, amor fraterno e respeito entre os iguais; a segunda significa sabedoria ou simplesmente saber. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber; e o filósofo, por sua vez, seria aquele que ama e busca a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber.<sup>[4]</sup>

A tradição atribui ao filósofo Pitágoras de Samos (que viveu no século V a.C.) a criação da palavra. Conforme essa tradição, Pitágoras teria criado o termo para modestamente ressaltar que a sabedoria plena e perfeita seria atributo apenas dos deuses; os homens, no entanto, poderiam venerá-la e amá-la na qualidade de filósofos.<sup>[4]</sup>

A palavra *philosophía* não é simplesmente uma invenção moderna a partir de termos gregos,<sup>[5]</sup> mas, sim, um empréstimo tomado da própria língua grega. Os termos φιλοσοφος (*philosophos*) e φιλοσοφειν (*philosophhein*) já teriam sido empregados por alguns pré-socráticos<sup>[6]</sup> (Heráclito, Pitágoras e Górgias) e pelos historiadores Heródoto e Tucídides. Em Sócrates e Platão, é acentuada a oposição entre σοφία e φιλοσοφία, em que o último termo exprime certa modéstia e certo ceticismo em relação ao conhecimento humano.

### 1.1.2 Conceito de filosofia

Para os eruditos o conceito de “filosofia” sofreu, no transcorrer da história, várias alterações e restrições em sua abrangência. As concepções do que seja a filosofia e quais são os seus objetos de estudo também se alteram conforme a escola ou movimento filosófico. Essa variedade presente na história da filosofia e nas escolas e correntes filosóficas torna praticamente impossível elaborar uma definição universalmente válida de filosofia. Definir a filosofia é realizar uma tarefa **metafilosófica**. Em outras palavras, é fazer uma filosofia da filosofia. O sociólogo e filósofo alemão **Georg Simmel** ressaltou esse ponto ao dizer que um dos primeiros problemas da filosofia é o de investigar e estabelecer a sua própria natureza. Talvez a filosofia seja a única disciplina que se volte para si mesma dessa maneira. O objeto da física não é, certamente, a própria ciência da física, mas os fenômenos **ópticos** e **elétricos**, entre outros. A **filologia** ocupa-se de registros textuais antigos e da evolução das línguas, mas não se ocupa de si mesma. A filosofia, no entanto, move-se neste curioso círculo: ela determina os pressupostos de seu método de pensar e os seus propósitos através de seus próprios métodos de pensar e propósitos. Não há como apreender o conceito de filosofia fora da filosofia; pois somente a filosofia pode determinar o que é a filosofia.<sup>[7]</sup>

Platão e Aristóteles concordam em caracterizar a filosofia como uma atividade racional estimulada pelo assombro ou admiração. Mas, para Platão, o assombro é provocado pela instabilidade e contradições dos seres que percebemos pelos sentidos. A filosofia, no quadro platônico, seria a tentativa de superar esse mundo de coisas efêmeras e mutáveis e apreender racionalmente a realidade última, composta por **formas eternas** e **imutáveis** que, segundo Platão, só podem ser captadas pela **razão**. Para Aristóteles, ao contrário, não há separação entre, de um lado, um mundo apreendido pelos sentidos e, de outro lado, um mundo exclusivamente captado pela razão. A filosofia seria uma investigação das causas e **princípios fundamentais** de uma única e mesma realidade. O filósofo, segundo Aristóteles, “conhece, na medida do possível, todas as coisas, embora não possua a ciência de cada uma delas por si”.<sup>[8]</sup> A filosofia almejaria o conhecimento universal, não no sentido de um acúmulo enciclopédico de todos os fatos e processos que se possam investigar, mas no sentido de uma compreensão dos princípios mais fundamentais, dos quais dependeriam os objetos particulares a que se dedicam as demais ciências, artes e ofícios. Aristóteles considera que a filosofia, como ciência das causas e **princípios primordiais**, acabaria por identificar-se com a teologia, pois Deus seria o princípio dos princípios.<sup>[9]</sup>

As definições de filosofia elaboradas depois de Platão e Aristóteles separaram a filosofia em duas partes: uma filosofia teórica e uma filosofia prática. Como reflexo da busca por salvação ou redenção pessoal, a filosofia prática foi gradativamente se tornando um sucedâneo da fé religiosa e acabou por ganhar precedência em relação à

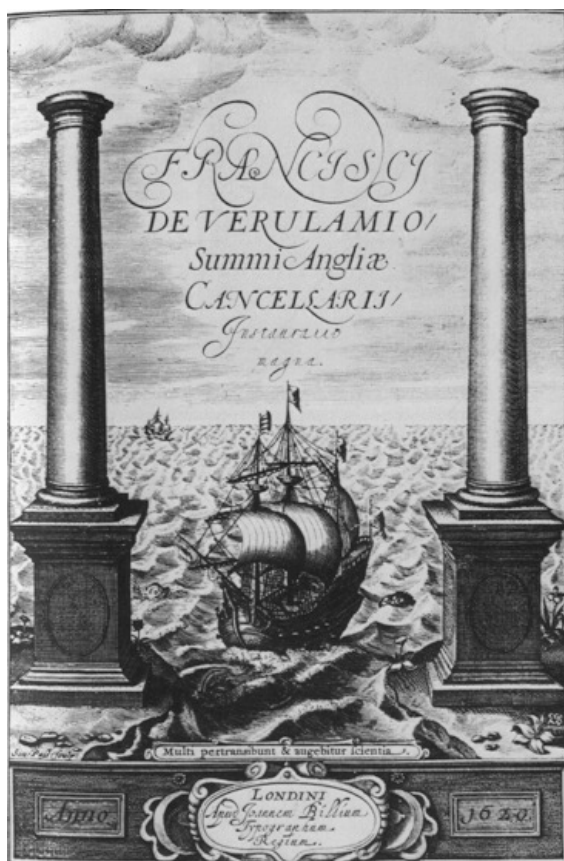
parte teórica da filosofia. A filosofia passa a ser concebida como uma arte de viver, que forneceria aos homens regras e prescrições sobre como agir e como se portar diante das inconstâncias do mundo. Essa concepção é muito clara em diversas correntes da filosofia helenística, como, por exemplo, no **estoicismo** e no **neoplatonismo**.<sup>[9]</sup>

As definições de filosofia formuladas na Antiguidade persistiram na época de disseminação e consolidação do **cristianismo**, mas isso não impediu que as concepções cristãs exercessem influência e moldassem novas maneiras de se entender a filosofia. As definições de filosofia elaboradas durante a **Idade Média** foram coordenadas aos serviços que o pensamento filosófico poderia prestar à compreensão e sistematização da fé religiosa; e, desse modo, a filosofia passa a ser concebida como “serva da teologia” (*ancilla theologiae*).<sup>[9]</sup> Segundo São Tomás de Aquino, por exemplo, a filosofia pode auxiliar a teologia em três frentes: (1) ela pode demonstrar verdades que a fé já toma como estabelecidas, tais como a existência de Deus e a **imortalidade da alma**; (2) pode esclarecer certas verdades da fé ao traçar **[[[analogia]]]**s com as verdades naturais; e (3) pode ser empregada para refutar ideias que se oponham à **doutrina sagrada**.<sup>[10]</sup>

Os medievais também mantiveram a acepção de filosofia como saber prático, como uma busca de normas ou recomendações para se alcançar a plenitude da vida. Santo Isidoro de Sevilha, ainda no século VII, definia a filosofia como “o conhecimento das coisas humanas e divinas combinado com uma busca pela vida moralmente boa”<sup>[11]</sup>

Tanto na Idade Média como em qualquer outra época da história ocidental, a compreensão do que é a filosofia reflete uma preocupação com questões essenciais para a vida humana em seus múltiplos aspectos. As concepções de filosofia do **Renascimento** e da **Idade Moderna** não são exceções. Também aí as noções do que seja a filosofia sintetizam as tentativas de oferecer respostas substantivas aos problemas mais inquietantes da época. O advento da era moderna fez ruir as próprias bases da sabedoria tradicional; e impôs aos intelectuais a tarefa de encontrar novas formas de conhecimento que pudessem restabelecer a confiança no intelecto e na razão. Para **Francis Bacon** - um dos primeiros filósofos modernos - a filosofia não deveria se contentar com uma atitude meramente contemplativa, como queriam os antigos e medievais; ao contrário, deveria buscar o conhecimento das essências das coisas a fim de obter o controle sobre os fenômenos naturais e, portanto, submeter a **Natureza** aos desígnios humanos.<sup>[12]</sup> Para **Descartes**, a filosofia, na qualidade de **metafísica**, é a investigação das causas primeiras, dos princípios fundamentais. Esses princípios devem ser claros e evidentes, e devem formar uma base segura a partir da qual se possam derivar as outras formas de conhecimento. É nesse sentido, entendendo-se a filosofia como o conjunto de todos os saberes e a metafísica como a investigação das primeiras causas, que se deve ler a famosa metáfora de Descartes: “Assim, a Filosofia é





Frontispício da *Instauratio Magna*, de Francis Bacon, 1620. Na parte inferior está escrito: *Multi pertransibunt et augebitur scientia* (“Muitos passarão, e o conhecimento aumentará”). As colunas representam as limitações da filosofia antiga e medieval.

uma árvore, cujas raízes são a Metafísica, o tronco a Física, e os ramos que saem do tronco são todas as outras ciências”.<sup>[13]</sup>

Após Descartes, a filosofia assume uma postura crítica em relação a suas próprias aspirações e conteúdos. Os empiristas britânicos, influenciados pelas novas aquisições da ciência moderna, dedicaram-se a situar a investigação filosófica nos limites do que pode ser avaliado pela experiência. Segundo a orientação empirista, argumentos tradicionais da filosofia, como as demonstrações da existência de Deus, da imortalidade da alma e de essências imutáveis seriam inválidos, uma vez que as ideias com que operam não são adequadamente derivadas da experiência. De maneira análoga, Kant, ao elaborar sua doutrina da filosofia transcendental, rejeita a possibilidade de tratamento científico de muitos dos problemas da filosofia tradicional, uma vez que a adequada solução deles demandaria recursos que ultrapassam as capacidades do intelecto humano.

O empirismo britânico e o idealismo de Kant acentuam uma característica frequentemente destacada na filosofia: a de ser um “pensar sobre o pensamento”<sup>[14]</sup> ou um “conhecer o conhecimento”.<sup>[15]</sup> Essa concepção reflexiva da filosofia, do pensamento que se volta para si mesmo, influ-

enciara vários autores e escolas filosóficas, tanto do século XIX como do século XX. A fenomenologia, por exemplo, considerará a filosofia como um empreendimento eminentemente reflexivo. Segundo Edmund Husserl - o fundador da fenomenologia - a filosofia é uma ciência rigorosa dos fenômenos tal como nos aparecem, ou seja, tal como é a nossa consciência deles. Para descrevê-los, o filósofo deve pôr entre parênteses todas as suas pressuposições e preconceitos (até mesmo a certeza de que os objetos existem) e restringir-se apenas aos conteúdos da consciência.

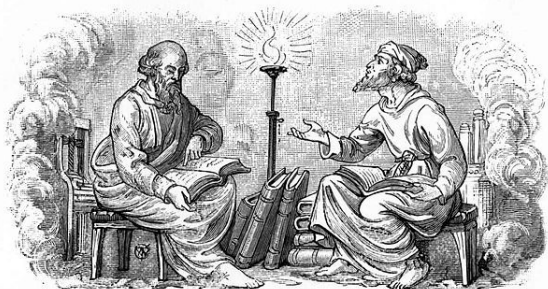
Com a virada linguística do início do século XX, muitos filósofos passam a considerar a filosofia como uma análise de conceitos. Para Wittgenstein, os problemas filosóficos tradicionais são todos resultantes de confusões linguísticas; e a tarefa do filósofo seria a de esclarecer o modo como os conceitos são empregados a fim de explicitar tais confusões. Numa abordagem mais positiva sobre a atividade filosófica, Strawson considera que a filosofia é análoga à gramática: assim como os estudiosos da gramática explicitam as regras que os falantes inconscientemente empregam, a filosofia explicitaria conceitos-chave que, na construção de nossas concepções e argumentos, adotamos sem ter plena consciência de suas implicações e relações.<sup>[16]</sup>

A lista de concepções da filosofia propostas ao longo de sua história pode ser estendida indefinidamente. Sua variedade é tão grande que dificilmente se pode encontrar um elemento que perpassasse todas as concepções em todas as épocas. Mas não se pode esquecer que as antigas concepções de filosofia tornaram-se algo obsoleto frente ao avanço de outras disciplinas que antes se abrigavam à sombra, excessivamente vasta, da filosofia. As concepções de autores antigos e medievais, e mesmo de alguns modernos, consideravam indiscriminadamente como filosóficas investigações que hoje denominamos simplesmente de científicas. Assuntos como as leis do movimento, a estrutura da matéria e o funcionamento dos processos psicológicos – que hoje consideramos como temas da física, da química e da psicologia, respectivamente – eram todos reunidos na noção de filosofia natural. Após a revolução científica do século XVII, as investigações da filosofia natural foram gradualmente se desvinculando da filosofia e se constituíram em domínios específicos e independentes de pesquisa. De certa forma, os problemas clássicos da filosofia formam hoje um conjunto de assuntos elusivos que não se dobraram à metodologia indutiva e experimental das ciências.<sup>[17]</sup> Mas isso não implica dizer que a filosofia atual seja mero resíduo do processo de crescimento e consolidação da ciência moderna. Dizer isso seria esquecer o aspecto profundamente dinâmico e reflexivo da filosofia. A reflexão filosófica não é algo que ocorra num limbo intelectual: ela acompanha de perto a evolução das ciências, da política, da religião e das artes.<sup>[9]</sup> Essa evolução tende a apresentar novos problemas e desafios que, por escaparem ao estrito domínio da disciplina em que surgiram, podem ser chamados de

“filosóficos”.

Talvez não haja uma resposta categórica à pergunta “O que é filosofia?”.<sup>[9]</sup> Os filósofos divergem entre si sobre o que fazem, os problemas filosóficos ramificam-se indefinidamente e os métodos variam conforme a concepção do que seja o trabalho filosófico. Talvez a afirmação de Simmel de que só é possível entender a filosofia no âmbito da filosofia possa ser tomada como uma advertência quando contrastada com o amplo espectro de conceitos sobre a sua natureza: ao adotar *uma* das diferentes orientações filosóficas, tratamos de *determinados* problemas e adotamos *determinados* métodos para tentar esclarecê-los; mas, dado que há *outras* concepções, conforme outros métodos e conforme outras finalidades, devemos modestamente reconhecer que essas concepções alternativas têm o mesmo direito de ostentar o título de “filosofia” que a nossa concepção.

## 1.2 Métodos da filosofia



Discussão noite adentro, de *William Blades*: o debate franco de ideias, conforme os padrões da argumentação lógica, é uma das características centrais da atividade filosófica.

Os trabalhos filosóficos são realizados mediante técnicas e procedimentos que integram os cânones do pensamento racional. Tradicionalmente, a filosofia destaca e privilegia a argumentação lógica, em linguagem natural ou em linguagem simbólica, como a ferramenta por excelência da apresentação e discussão de teorias filosóficas. A argumentação lógica está associada a dois elementos importantes: a articulação rigorosa dos conceitos e a correta concatenação das *premissas* e *conclusões*, de modo que essas últimas sejam derivações incontestáveis das primeiras. Toda a ideia filosófica relevante é inevitavelmente submetida a escrutínio crítico; e a presença de falhas na argumentação (falácias, sofismas, etc.) é frequentemente o primeiro alvo das críticas. Desse modo, o destino de uma tese qualquer que não esteja amparada por argumentos sólidos e convincentes será, frequentemente, severamente rejeitada por parte da comunidade filosófica. Embora a reflexão sobre os princípios e métodos da lógica só tenha sido realizada pela primeira vez por Aristóteles, a ênfase na argumentação lógica e na crítica à solidez dos argumentos é uma característica que acompanha a filosofia desde os seus primórdios. A pró-

pria ruptura entre o pensamento mítico-religioso e o pensamento racional é assinalada pela adoção de uma postura argumentativa e crítica em relação às explicações tradicionais. Quando *Anaximandro* rejeitou as explicações de seu mestre – *Tales de Mileto* – e propôs concepções alternativas sobre a natureza e estrutura do *cosmos*, o pensamento humano dava seus primeiros passos em direção ao debate franco, público e aberto de ideias, orientado apenas por critérios racionais de correção, como forma destacada de se aperfeiçoar o conhecimento; e abandonava, assim, as narrativas tradicionais sobre a origem e composição do universo, apoiadas na autoridade inquestionável da tradição ou em ensinamentos esotéricos.<sup>[18]</sup>

Mas não se podem restringir os métodos da filosofia apenas à ênfase geral na argumentação lógica e na crítica sistemática às teorias apresentadas. Nas grandes tradições da história da filosofia, podem ser identificadas duas orientações bem abrangentes, cujos objetivos e técnicas tendem a diferir radicalmente: existem as escolas que privilegiam uma abordagem *analítica* dos problemas filosóficos e aquelas que optam por uma abordagem predominantemente *sinéctica* ou *sinóptica*.<sup>[3]</sup>

A orientação analítica é exemplificada nos trabalhos filosóficos que se dedicam à decomposição de um conceito em suas partes constituintes e ao exame criterioso das relações lógicas e conceptuais explicitadas pela análise. O exemplo clássico é a análise do conceito de *conhecimento*. A reflexão sobre a natureza do conhecimento levou os filósofos a decompor a noção de conhecimento em três noções associadas: *crença*, *verdade* e *justificação*. Para que algo seja conhecimento é imprescindível que seja antes uma crença – em outras palavras, o conhecimento é uma espécie diferenciada do gênero mais abrangente da crença. A pergunta óbvia que essa primeira constatação sugere é: o que diferencia, então, o conhecimento das demais formas de crença? Nesse ponto, o exame do conceito conduz a duas noções distintas. Em primeiro lugar, à noção de verdade. Intuitivamente separamos as crenças falsas das verdadeiras. É por isso que mantemos a crença de que Papai Noel existe num patamar diferente da crença de que a Lua gira em torno da Terra – quem sustenta a primeira, tem apenas uma crença; quem sustenta a última, provavelmente sabe algo sobre o sistema solar, pois exprime uma crença verdadeira. Mas, para que seja promovida à condição de conhecimento, a crença precisa de algo mais: ela precisa ser apoiada por alguma espécie de justificação. Além de sustentar uma crença verdadeira, o sujeito deve ser capaz de apresentar os meios ou as fontes, consideradas universalmente legítimas, que lhe propiciaram chegar à crença em questão. Feito esse exame, a conclusão é a célebre fórmula: *o conhecimento é crença verdadeira justificada*.<sup>[19]</sup> Nesse e em muitos outros casos envolvendo noções filosoficamente relevantes, o trabalho de análise é capaz de explicitar pressupostos importantes implicitamente presentes no uso dos conceitos.

A outra orientação – a sinéctica – percorre o caminho





*Kant deduzindo coisas que não são passíveis de ser experienciadas. Trabalho artístico de Friedrich Hagermann, 1801*

oposto ao da análise. Os adeptos dessa orientação buscavam elaborar uma síntese de várias noções relevantes e apresentá-las como um todo harmônico.<sup>[31]</sup> Às vezes chamada de “filosofia especulativa”, essa orientação filosófica pretende revelar princípios universais que possam reunir organicamente vários elementos díspares, que aparentemente não guardam relações relevantes entre si.<sup>[20]</sup> Um caso paradigmático dessa orientação é a filosofia hegeliana, cujo fito é integrar numa dinâmica *panteísta* a evolução das mais diversas formas de manifestação da cultura humana – artes, leis, governos, religiões, ciências e filosofias.

Desde o surgimento da ciência moderna, vários filósofos buscaram separar a investigação filosófica da investigação científica por meio de uma caracterização dos métodos peculiares à filosofia. Como as ciências especiais privi-

legiam a investigação empírica, especialmente por adoção de métodos experimentais, defendeu-se que a adoção de métodos *a priori* (isto é, de métodos que *antecedem* a investigação empírica ou são dela *independentes*) seria o traço definidor do trabalho filosófico. Nos casos da argumentação lógica, da análise conceptual e da síntese compreensiva não há necessidade de observação dos fenômenos para que se decida se uma conclusão é ou não é logicamente correta, se um conceito está sendo ou não corretamente empregado ou se uma visão sinóptica é ou não é incoerente. Isso não implica um divórcio entre a ciência e a filosofia. Ao contrário, implica que os filósofos estão aptos a analisar os conceitos e argumentos das ciências especiais, e, *nesse* domínio, podem prestar um serviço relevante ao aperfeiçoamento das teorias científicas.



*O dilema do bonde é um experimento mental para ilustrar e colocar à prova distintas teorias éticas*


Além das orientações metodológicas acima explicadas, há outras duas estratégias que podem ser caracterizados como métodos *a priori*. Os experimentos mentais e os argumentos transcendentais. Um experimento mental (às vezes também chamado de “experiência de pensamento”) é a elaboração de uma situação puramente hipotética – geralmente impossível de ser construída na prática – por meio da qual o filósofo testa os limites de determinados pressupostos ou conceitos. O experimento mental mais famoso da história da filosofia é a hipótese do Gênio Maligno concebida por Descartes: ao imaginar um deus onipotente que se dedica a ludibriá-lo, Descartes leva o ceticismo ao seu extremo a fim de identificar uma certeza inabalável capaz de superar até mesmo a hipótese do Gênio Maligno. (Essa hipótese recebeu uma roupagem moderna na elaboração de outro experimento mental – o cérebro numa cuba).<sup>[21]</sup>

O outro método – o dos argumentos transcendentais – foi concebido por Kant, e consiste em tomar como dados os fatos da experiência, e deduzir coisas que não são passíveis de ser experienciadas, mas que constituem a própria condição de possibilidade daqueles fatos. Com essa espécie de argumento, Kant concluiu, por exemplo, que a forma pura do espaço é uma das condições necessárias pressupostas pela experiência dos objetos externos, pois

sem ela tal experiência seria impossível.<sup>[22]</sup>

Embora o emprego da lógica formal, da análise conceitual e dos experimentos mentais sejam constantes na filosofia contemporânea, predomina hoje, sobretudo na tradição analítica, a orientação que se convencionou chamar de **naturalismo filosófico**. Essa orientação tem suas origens nos trabalhos do filósofo americano **Willard Van Orman Quine** (1908-2000) que criticam a distinção entre questões conceituais e empíricas. Os adeptos do naturalismo rejeitam a suposição de que a filosofia se diferencie das ciências por um conjunto de métodos próprios: os problemas filosóficos e os científicos pertencem a uma única e mesma esfera e, portanto, os métodos científicos, historicamente bem-sucedidos, devem também ser aplicados à problemática filosófica.

### 1.3 Disciplinas filosóficas

 Ver artigo principal: **Áreas da filosofia**


A filosofia é geralmente dividida em áreas de investigação específica. Em cada área, a pesquisa filosófica dedica-se à elucidação de problemas próprios, embora sejam muito comuns as interconexões. As áreas tradicionais da filosofia são as seguintes:

- **Metafísica:** ocupa-se da elaboração de teorias sobre a realidade e sobre natureza fundamental de todas as coisas. O objetivo da metafísica é fornecer uma visão abrangente do mundo – uma visão sinóptica que reúna em si os diversos aspectos da realidade. Uma das subáreas da metafísica é a **ontologia** (literalmente, a ciência do “ser”), cujo tema principal é a elaboração de escalas de realidade. Nesse sentido, a ontologia buscaria identificar as entidades básicas ou elementares da realidade e mostrar como essas se relacionam com os demais objetos ou indivíduos - de existência dependente ou derivada.<sup>[23]</sup>
- **Epistemologia** ou **teoria do conhecimento:** é a área da filosofia que estuda a natureza do conhecimento, sua origem e seus limites. Dessa forma, entre as questões típicas da epistemologia estão: “O que diferencia o conhecimento de outras formas de crença?”, “O que podemos conhecer?”, “Como chegamos a ter conhecimento de algo?”.<sup>[23]</sup>
- **Lógica:** é a área que trata das estruturas formais do raciocínio perfeito – ou seja, daqueles raciocínios cuja conclusão preserva a verdade das premissas. Na lógica são estudados, portanto, os métodos e princípios que permitem distinguir os raciocínios corretos dos raciocínios incorretos.<sup>[24]</sup>
- **Ética** ou **filosofia moral:** é a área da filosofia que trata das distinções entre o certo e o errado, entre o


bem e o mal. Procura identificar os meios mais adequados para aprimorar a vida moral e para alcançar uma vida moralmente boa. Também no campo da ética dão-se as discussões a respeito dos princípios e das regras morais que norteiam a vida em sociedade, e sobre quais seriam as justificativas racionais para adotar essas regras e princípios.<sup>[23]</sup>

- **Filosofia política:** é o ramo da filosofia que investiga os fundamentos da organização sociopolítica e do Estado. São tradicionais nessa área, as hipóteses sobre o **contrato original** que teria dado início à vida em sociedade, instituído o **governo**, os **deveres** e os **direitos dos cidadãos**. Muitas dessas situações hipotéticas são elaboradas no intuito de recomendar mudanças ou reformas políticas aptas a aproximar as sociedades concretas de um determinado ideal político.<sup>[23]</sup>
- **Estética** ou **filosofia da arte:** entre as investigações dessa área, encontram-se aquelas sobre a natureza da arte e da experiência estética, sobre como a experiência estética se diferencia de outras formas de experiência, e sobre o próprio conceito de belo.<sup>[23]</sup>
- **Metafilosofia:** é a “filosofia da filosofia”. Procura determinar, entre outras coisas, o que é, suas limitações e o objetivo da filosofia enquanto ramo do saber humano.

### 1.4 Cronologia

 Ver artigo principal: **Cronologia da filosofia**

### 1.5 História

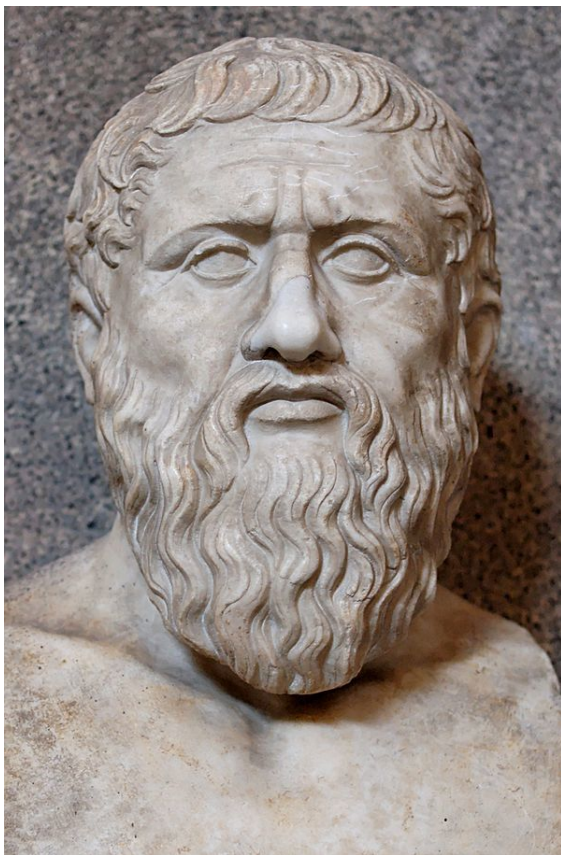
 Ver artigo principal: **História da filosofia**

A filosofia ocidental surgiu na Grécia antiga no século VI a.C. A partir de então, uma sucessão de pensadores originais – como **Tales**, **Xenófanes**, **Pitágoras**, **Heráclito** e **Protágoras** – empenhou-se em responder, racionalmente, questões acerca da realidade última das coisas, das origens e características do verdadeiro conhecimento, da objetividade dos valores morais, da existência e natureza dos **deuses** (ou de Deus). Muitas das questões levantadas por esses antigos pensadores são, ainda, temas importantes da **filosofia contemporânea**.<sup>[25]</sup>

Durante as **Idades Antiga e Medieval**, a filosofia compreendia praticamente todas as áreas de investigação teórica. Em seu escopo figuravam desde disciplinas altamente abstratas – em que se estudavam o “ser enquanto ser” e os princípios gerais do raciocínio – até pesquisas sobre fenômenos mais específicos – como a queda dos corpos e

a classificação dos seres vivos. Especialmente a partir do século XVII, vários ramos do conhecimento começam a se desvencilhar da filosofia e a se constituir em ciências independentes com técnicas e métodos próprios (priorizando, sobretudo, a observação e a experimentação).<sup>[26]</sup> Apesar disso, a filosofia atual ainda pode ser vista como uma disciplina que trata de questões gerais e abstratas que sejam relevantes para a fundamentação das demais ciências particulares ou demais atividades culturais. A princípio, tais questões não poderiam ser convenientemente tratadas por métodos científicos.<sup>[27]</sup>

Por razões de conveniência e especialização, os problemas filosóficos são agrupados em subáreas temáticas: entre elas as mais tradicionais são a metafísica, a epistemologia, a lógica, a ética, a estética e a filosofia política.



Platão, 427-347 a.C. cópia romana em mármore de um original grego do último quarto do século IV a.C., nos Museus Vaticanos

As atividades a que nos dedicamos cotidianamente pressupõem a aceitação de diversas crenças e valores de que nem sempre estamos cientes. Acreditamos habitar um mundo constituído de diferentes objetos, de diversos tamanhos e cores. Acreditamos que esse mundo organiza-se num espaço tridimensional e que o tempo segue a sua marcha inexorável numa única direção. Acreditamos que as pessoas ao redor são em tudo semelhantes a nós, vêm as mesmas coisas, têm os mesmos sentimentos e sensações e as mesmas necessidades. Buscamos interagir com outras pessoas, e encontrar alguém com quem compar-

tilhar a vida e, talvez, constituir família, pois tudo nos leva a crer que essa é uma das condições para a nossa felicidade. Periodicamente reclamamos de abusos na televisão, em propagandas e noticiários, na crença de que há certos valores que estão sendo transgredidos por puro sensacionalismo. Em todos esses casos, nossas crenças e valores determinam nossas ações e atitudes sem que eles sequer nos passem pela cabeça. Mas eles estão lá, profundamente arraigados e extremamente influentes. Enquanto estamos ocupados em trabalhar, pagar as contas ou divertir-nos, não vemos necessidade de questionar essas crenças e valores. Mas nada impede que, em determinado momento, façamos uma reflexão profunda sobre o significado desses valores e crenças fundamentais e sobre a sua consistência. É nesse estado de espírito que formularemos perguntas como: “O que é a realidade em si mesma?”, “O que há por trás daquilo que vejo, ouço e toco?”, “O que é o espaço? E o que é o tempo?”, “Se o que aconteceu há um centésimo de segundo já é passado, será que o presente não é uma ficção?”, “Será que tudo o que acontece é sempre antecedido por causas?”, “O que é a felicidade? E como alcançá-la?”, “O que é o certo e o errado?”, “O que é a liberdade?”.



De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? por Paul Gauguin, 1897/98, no Museu de Belas Artes de Boston

Essas perguntas são tipicamente filosóficas e refletem algo que poderíamos chamar de atitude filosófica perante o mundo e perante nós mesmos. É a atitude de nos voltarmos para as nossas crenças mais fundamentais e esforçarmos por compreendê-las, avaliá-las e justificá-las. Muitas delas parecem ser tão óbvias que ninguém em sã consciência tentaria sinceramente questioná-las. Poucos colocariam em questão máximas como “Matar é errado”, “A democracia é melhor que a ditadura”, “A liberdade de expressão e de opinião é um valor indispensável”. Mas, a atitude filosófica não reconhece domínios fechados à investigação. Mesmo em relação a crenças e valores que consideramos absolutamente inegociáveis, a proposta da filosofia é a de submetê-los ao exame crítico, racional e argumentativo, de modo que a nossa adesão seja restabelecida em novo patamar. Em outras palavras, a proposta filosófica é a de que, se é para sustentarmos certas crenças e valores, que sejam sustentados de maneira crítica e refletida.

Muitos autores identificam essa atitude filosófica com uma espécie de habilidade ou capacidade de se admirar com as coisas, por mais prosaicas que sejam. Na base da filosofia, estaria a curiosidade típica das crianças ou dos que não se contentam com respostas prontas. Platão, um



dos pais fundadores da filosofia ocidental, afirmava que o sentimento de assombro ou admiração está na origem do pensamento filosófico:

Na mesma linha, afirmava Aristóteles:

Embora essa capacidade de admirar-se com a realidade possa estar na origem do pensamento filosófico, isso não significa que tal admiração provoque apenas e tão somente filosofia. O sentimento religioso, por exemplo, pode igualmente surgir dessa disposição: a aparente perfeição da natureza, as sincronias dos processos naturais, a complexidade dos seres vivos podem causar profunda impressão no indivíduo e levá-lo a indagar se o responsável por tudo isso não seria uma Inteligência Superior. Uma paisagem que a todos parecesse comum e sem atrativos poderia atrair de modo singular o olho do artista e fazê-lo criar uma obra de arte que revelasse nuances que escaparam ao olhar comum. Analogamente, embora a queda de objetos seja um fenômeno corriqueiro, se nenhum cientista tivesse considerado esse fenômeno surpreendente ou digno de nota, não saberíamos nada a respeito da gravidade. Esses exemplos sugerem que, além de certa atitude em relação à nossa experiência da realidade, há um modo de interpelar a realidade e nossas crenças a seu respeito que diferenciariam essa investigação da religião, da arte e da ciência.

Ao contrário da religião, que se estabelece entre outras coisas sobre textos sagrados e sobre a tradição, a filosofia recorre apenas à razão para estabelecer certas teses e refutar outras. Como já mencionado acima a filosofia não admite dogmas. Não há, em princípio, crenças que não estejam sujeitas ao exame crítico da filosofia. Disso não decorre um conflito irreconciliável entre a filosofia e a religião. Há filósofos que argumentam em favor de teses caras às religiões, como, por exemplo, a existência de Deus e a imortalidade da alma. Mas um argumento propriamente filosófico em favor da imortalidade da alma apresentará como garantias apenas as suas próprias razões: ele apelará somente ao assentimento racional, jamais à fé ou à obediência.<sup>[30]</sup>

Os artistas assemelham-se aos filósofos em sua tentativa de desbanalizar a nossa experiência do mundo e alcançar assim uma compreensão mais profunda de nós mesmos e das coisas que nos cercam. Mas a forma em que apresentam seus resultados é bastante diferente. Os artistas recorrem à percepção direta e à intuição;<sup>[30]</sup> enquanto a filosofia tipicamente apresenta seus resultados de maneira argumentativa, lógica e abstrata.

Mas, se essa insistência na razão diferencia a filosofia da religião e da arte, o que a diferenciaria das ciências, uma vez que também essas privilegiam uma abordagem metó-

dica e racional dos fenômenos? A diferença é que os problemas tipicamente filosóficos não podem ser resolvidos por observação e experimentação.<sup>[30]</sup> Não há experimentos e observações empíricas que possam decidir qual seria a noção de “direitos humanos” mais adequada do ponto de vista da razão. O mesmo vale para outras noções, tais como “liberdade”, “justiça” ou “falta moral”. Não há como resolver em laboratório questões como: “quando tem início o ser humano?”, “os animais podem ser sujeitos de direitos?”, “em que medida o Estado pode interferir na vida dos cidadãos?”, “As entidades microscópicas postuladas pelas ciências têm o mesmo grau de realidade que os objetos da nossa experiência cotidiana (pessoas, animais, mesas, cadeiras, etc.)?”. Em resumo, quando um tópico é defendido ou criticado com argumentos racionais, e essa defesa ou ataque não pode contar com observações e experimentos para a sua solução, estamos diante de um debate filosófico.

### 1.5.1 Pensamento mítico e pensamento filosófico

Como em muitas outras sociedades antigas, as narrativas míticas desempenhavam uma função central na sociedade grega. Além de estabelecer marcos importantes na vida social, os mitos gregos promoviam uma concepção de mundo de natureza religiosa que propiciava respostas às principais indagações existenciais que desde sempre inquietaram o espírito humano. Os eventos históricos, os fenômenos naturais e os principais eventos da vida humana (nascimento, casamento, doença e morte) eram entrelaçados às histórias tradicionais sobre conflitos entre deuses, intercâmbios entre deuses e homens e feitos memoráveis de semideuses.

Originalmente, a palavra grega *mythos* significava simplesmente palavra ou fala;<sup>[31]</sup> mas o termo remetia também à noção de uma palavra proferida com autoridade.<sup>[32]</sup> As histórias épicas de Homero, permeadas de intervenções sobrenaturais, ou a teogonia de Hesíodo eram *mythos* no sentido de serem anúncios revestidos de autoridade, dignos de crédito e reverência. Gradualmente, o termo foi assumindo outro sentido e já à época de Platão e Aristóteles o *mythos* era empregado para caracterizar histórias fictícias ou absurdas que se afastariam do *logos* - isto é, do discurso racional.<sup>[33]</sup> Aristóteles, por exemplo, considerava a filosofia como um empreendimento intelectual completamente distinto das elaborações mitológicas. Na *Metafísica*, ao tratar do problema da incorruptibilidade, Aristóteles menciona Hesíodo e, logo em seguida, descarta peremptoriamente suas opiniões, pois, segundo ele, “não precisamos perder tempo investigando seriamente as sutilezas dos criadores de mitos.”<sup>[34]</sup>

Pode-se dizer que a filosofia surge como uma espécie de rompimento com a visão mítica do mundo. Enquanto os mitos se organizavam em narrações, imagens e seres par-


ticulares, a filosofia inaugurava o discurso argumentativo, abstrato e universal. Além disso, ao contrário dos autores de mitos, os filósofos gregos tentaram com afincos elaborar concepções de mundo que fossem isentas de contradições e imperfeições lógicas.

Desse modo, não é sem razão que muitos autores enfatizam o caráter de ruptura e divergências ao comparar o advento da filosofia com a tradição mítica da **Grécia antiga**. Mas, embora sejam inegáveis as diferenças, mais recentemente vários estudiosos têm apontado os pontos de continuidade e semelhança entre as primeiras elucubrações filosóficas dos gregos e as suas concepções mitológicas.<sup>[35]</sup> Para esses autores, as peculiaridades da tradição mítica grega favoreceram o surgimento da filosofia grega e os primeiros filósofos empenharam-se numa espécie dessacralização e despersonalização das narrativas tradicionais sobre o surgimento e organização do cosmos.


## 1.5.2 Filosofia antiga

 Ver artigo principal: **Filosofia antiga** e **Filosofia clássica**

### Babilônia

 Ver artigo principal: **Filosofia babilônica**

### Grécia Antiga

 Ver artigos principais: **Pré-socráticos**, **Filosofia da Grécia Antiga** e **Lista de filósofos platônicos antigos**

A filosofia antiga teve início no século VI a.C. e se estendeu até a decadência do império romano no século V d.C. Pode-se dividi-la em quatro períodos: (1) o período dos **pré-socráticos**; (2) um período humanista, em que **Sócrates** e os **sofistas** trouxeram as questões morais para o centro do debate filosófico; (3) o período áureo da filosofia em **Atenas**, em que despontaram **Platão** e **Aristóteles**; (4) e o período **helenístico**. Às vezes, se distingue um quinto período, que compreende os primeiros filósofos cristãos e os neoplatonistas.<sup>[36]</sup> Os dois autores mais importantes da filosofia antiga em termos de influência posterior foram **Platão** e **Aristóteles**.

Os primeiros filósofos gregos, geralmente chamados de **pré-socráticos**, dedicaram-se a especulações sobre a constituição e a origem do mundo. O principal intuito desses filósofos era descobrir um elemento primordial, eterno e imutável que fosse a matéria básica de todas as coisas. Essa substância imutável era chamada de *physis* (palavra grega cuja tradução literal seria natureza, mas

que na concepção dos primeiros filósofos compreendia a totalidade dos seres, inclusive entidades divinas),<sup>[37]</sup> e, por essa razão, os primeiros filósofos também foram conhecidos como os *physiologoi* (literalmente “fisiólogos”, isto é, os filósofos que se dedicavam ao estudo da *physis*).<sup>[38]</sup> A questão da essência material imutável foi a primeira feição assumida por uma inquietação que percorreu praticamente toda a filosofia grega. Essa inquietação pode ser traduzida na seguinte pergunta: existe uma realidade imutável por trás das mudanças caóticas dos fenômenos naturais? Já os próprios pré-socráticos propuseram respostas extremas a essa pergunta. **Parmênides de Eleia** defendeu que a perene mutação das coisas não passa de uma ilusão dos sentidos, pois a razão revelaria que o Ser é único, imutável e eterno.<sup>[39]</sup> **Heráclito de Éfeso**, por outro lado, defendeu uma posição diametralmente oposta: a própria essência das coisas é mudança, e seriam vão os esforços para buscar uma realidade imutável.<sup>[40]</sup>

Tais especulações, que combinavam a oposição entre realidade e aparência com a busca de uma matéria primordial, culminaram na filosofia atomista de **Leucipo** e **Demócrito**. Para esses filósofos a substância de todas as coisas seriam partículas minúsculas e invisíveis – os átomos – em perene movimentação no vácuo. E os fenômenos que testemunhamos cotidianamente são resultado da combinação, separação e recombinação desses átomos.

A teoria de **Demócrito** representou o ápice da filosofia da *physis*, mas também o seu esgotamento. As transformações sociopolíticas, especialmente em **Atenas**, já impunham novas demandas aos sábios da época. A democracia ateniense solicitava novas habilidades intelectuais, sobretudo a capacidade de persuadir. É nesse momento que se destacam os filósofos que se dedicam justamente a ensinar a retórica e as técnicas de persuasão – os **sofistas**. O ofício dessa nova espécie de filósofos trazia como pressuposto a ideia de que não há verdades absolutas. O importante seria dominar as técnicas da boa argumentação, pois, dominando essas técnicas, o indivíduo poderia defender qualquer opinião, sem se preocupar com a questão de sua veracidade. De fato, para os sofistas, a busca da verdade era uma pretensão inútil. A verdade seria apenas uma questão de aceitação coletiva de uma crença, e, a princípio, não haveria nada que impedisse que o que hoje é tomado como verdade, amanhã fosse considerado uma tolice.<sup>[41]</sup>

O contraponto a esse **relativismo** dos sofistas foi **Sócrates**. Embora partilhasse com os sofistas certa indiferença em relação aos valores tradicionais, **Sócrates** dedicou-se à busca de valores perenes. **Sócrates** não deixou nenhum registro escrito de suas ideias. Tudo o que sabemos dele chegou-nos através do testemunho de seus discípulos e contemporâneos. Segundo dizem, **Sócrates** teria defendido que a virtude é conhecimento e as faltas morais provêm da ignorância.<sup>[42]</sup> O indivíduo que adquirisse o conhecimento perfeito seria inevitavelmente bom e feliz. Por outro lado, essa busca simultânea do conhecimento e da bondade deve começar pelo exame profundo de si



mesmo e das crenças e valores aceitos acriticamente. Segundo contam, Sócrates foi um inquiridor implacável e fez fama por sua habilidade de levar à exasperação os seus antagonistas. Ao concidadão que se dizia justo, Sócrates perguntava “O que é a justiça?”, e depois se dedicava a demolir todas as tentativas de responder à pergunta.



A Morte de Sócrates, *Jacques-Louis David*, 1787, *no Metropolitan Museum of Art*

A atitude de Sócrates acabou por lhe custar a vida. Seus adversários conseguiram levá-lo a julgamento por impiedade e corrupção de jovens. Sócrates foi condenado à morte – mais especificamente, a envenenar-se com cicuta. Segundo o relato de Platão, o seu mais famoso discípulo, Sócrates cumpriu a sentença com absoluta serenidade e destemor.

Coube a Platão levar adiante os ensinamentos do mestre e superá-los. Platão realiza a primeira grande síntese da filosofia grega. Em seus *diálogos*, combinam-se as antigas questões dos pré-socráticos com as urgentes questões morais e políticas, o discurso racional com a intuição mística, a elucubração lógica com a obra poética, os mitos com a ciência.

Segundo Platão, os nossos sentidos só nos permitem perceber uma natureza caótica, em que as mudanças e a diversidade aparentam não obedecer a nenhum princípio regulador; mas a razão, ao contrário, é capaz de ir além dessas aparências e captar as formas imutáveis que são as causas e modelos de tudo o que existe. A geometria fornece um bom exemplo. Ao demonstrar seus teoremas os geométricos empregam figuras imperfeitas. Por mais cuidado que seja o compasso, os desenhos de círculos sempre conterão irregularidades e imperfeições. As figuras sensíveis do círculo estão sempre aquém de seu modelo – e esse modelo é a própria ideia de círculo, concebível apenas pela razão. O mesmo ocorre com os demais seres: os cavalos que vemos são todos diferentes entre si, mas há um princípio unificador – a ideia de cavalo – que nos faz chamar a todos de cavalos. Com os valores, não seria diferente. As diferentes opiniões sobre questões morais e estéticas devem-se a uma visão empobrecida das coisas. Os que empreenderem uma busca sincera alcançarão a concepção do Belo em si mesmo e do Bem em si mesmo.

Ao contrário do que o termo “ideias” possa sugerir, Platão

não as considera como meras construções psicológicas; ao contrário, ele lhes atribui realidade objetiva. As ideias constituem um mundo suprassensível – ou seja, uma dimensão que não podemos ver e tocar, mas que podemos captar como os “olhos” da razão. Essa é a famosa teoria das ideias de Platão. Ele a ilustra numa alegoria igualmente célebre – a *alegoria da caverna*.

Platão nos convida a imaginar uma caverna em que se acham vários prisioneiros. Eles estão amarrados de tal maneira que só podem ver a parede do fundo da caverna. Às costas dos prisioneiros há um muro da altura de um homem. Por trás desse muro, transitam várias pessoas carregando estátuas de diversas formas – todas elas são réplicas de coisas que vemos cotidianamente (árvores, pássaros, casas etc.). Há também uma grande fogueira, atrás desse muro e dos carregadores. A luz da fogueira faz com que as sombras das estátuas sejam projetadas sobre o fundo da parede. Os barulhos e falas dos carregadores reverberam no fundo da caverna, dando aos prisioneiros a impressão de que são oriundos das sombras que eles veem. Nessa situação imaginária, os prisioneiros pensariam que as sombras e os ecos constituem tudo o que existe. Como nunca puderam ver nada além das sombras projetadas na parede da caverna, acreditam que apenas as sombras são reais.

Após apresentar esse cenário, Platão sugere que, se um desses prisioneiros conseguisse se libertar, veria, com surpresa, que as estátuas que sempre estiveram atrás dos prisioneiros são mais reais do que aquelas sombras. Ao sair da caverna, a luz o ofuscaria; mas, após se acostumar com a claridade, veria que as coisas da superfície são ainda mais reais do que as estátuas. Esse prisioneiro que se liberta é o filósofo, e a sua jornada em direção à superfície representa a o percurso da razão em sua lenta ascensão ao conhecimento perfeito.



A Escola de Atenas representa os mais importantes filósofos, matemáticos e cientistas da Antiguidade por *Rafael*, 1509, *nos Museus Vaticanos*

Aristóteles, discípulo de Platão e preceptor de Alexandre, o Grande, rejeitou a teoria das ideias. Para ele, a hipótese de uma realidade separada e independente, constituída apenas por entidades inteligíveis, era uma duplica-

ção do mundo absolutamente desnecessária.<sup>[43]</sup> Na visão de Aristóteles, a essência de uma coisa não consiste numa ideia suplementar e separada, mas numa forma que lhe é imanente. Essa forma imanente é o que dá organização e estrutura à matéria, e propicia, no caso dos organismos vivos, o seu desenvolvimento conforme a sua essência. Aristóteles também divergiu de Platão sobre o valor da experiência na aquisição do conhecimento. Enquanto na filosofia platônica, há uma perene desconfiança em relação ao saber derivado dos sentidos, na filosofia aristotélica o conhecimento adquirido pela visão, audição, tato etc. é considerado como o ponto de partida do empreendimento científico.

Aristóteles foi um pesquisador infatigável, e seus interesses abarcavam praticamente todas as áreas do conhecimento. Foi o fundador da biologia; e o criador da lógica como disciplina. Fez contribuições originais e duradouras em metafísica e teologia, ética e política, psicologia e estética. Além de ter contribuído nas mais diversas disciplinas, Aristóteles realizou a primeira grande sistematização das ciências, organizando-as conforme seus métodos e abrangência. Em cada uma das disciplinas que criou, ou ajudou a criar, Aristóteles cunhou uma terminologia que até hoje está presente no vocabulário científico e filosófico: como exemplos, podem-se mencionar as palavras substância, categoria, energia, princípio e forma.<sup>[44]</sup>

Na transição do século IV para o século III a.C., durante o período helenístico, formam-se duas escolas filosóficas cujos ensinamentos representam uma clara mudança de ênfase em relação à Academia de Platão e à escola peripatética de Aristóteles. Sua preocupação é principalmente a redenção pessoal. Tanto para Epicuro (ca.341-270 a.C.) e seus seguidores como para Zenão de Cítio e demais estoicos o principal objetivo da filosofia deveria ser a obtenção da serenidade de espírito. As duas escolas também se assemelham na crença de que esse objetivo passa por uma espécie de harmonização entre o indivíduo e a natureza, mas divergem quanto à forma de se realizar essa harmonização. Para Epicuro, a sintonia com a natureza supõe a aceitação das necessidades e desejos naturais e dos prazeres sensoriais. Dessa forma, ele preconiza a fruição moderada dos prazeres e a comedida gratificação dos desejos.<sup>[45]</sup> Os estoicos, por outro lado, sustentavam a crença de que o cosmos e os seres humanos partilhavam do mesmo *logos* divino. O ideal filosófico de vida seria, na concepção dos estoicos, a adesão à necessidade racional da natureza e o desenvolvimento de uma absoluta imperturbabilidade (*ataraxia*) em relação aos fatos e eventos do mundo.<sup>[46]</sup>

A Antiguidade tardia viu, ainda, o florescimento de uma nova interpretação do platonismo, de acentuada tendência mística – o chamado Neoplatonismo. Seu principal representante, Plotino (205-270), defendeu que o princípio fundamental e divino do universo seria o Uno e que desse princípio fundamental emanavam novas realidades, de diferentes graus de perfeição. O universo material e sensível – o “mundo das sombras” da alegoria platônica –


seria uma emanção distante do Uno, e, por isso, apresentaria os traços de imperfeição e inconstância que o caracterizam.<sup>[47]</sup>

## Império Romano

 Ver artigos principais: Filosofia greco-romana e Filosofia na Roma Antiga

O pensamento filosófico no Império Romano foi basicamente um prolongamento da filosofia helenística/grega. Influenciados pelo estoicismo e pelo epicurismo, seus filósofos preocupavam-se principalmente com moral e ética. Alguns de seus maiores nomes foram Sêneca, Epiteto e o imperador Marco Aurélio.

### 1.5.3 África


 Ver artigo principal: Filosofia africana

 Ver também: Filosofia no Egito Antigo

A filosofia desenvolvida no Antigo Egito caracterizava-se pela flexibilidade, pragmatismo e a busca pelo controle das emoções.<sup>[48]</sup>

De modo geral, a filosofia africana foi fortemente influenciada pela filosofia helenística (na Idade Antiga), pelas filosofias cristã (antiguidades clássica e tardia) e islâmica (desde o período medieval).

### 1.5.4 Filosofia oriental

 Ver artigo principal: Filosofia oriental

#### China

 Ver artigos principais: Filosofia chinesa e Taoismo

O filósofo K'ung-fu-tzu (Confúcio, 551 a.C. – 479 a.C.) desenvolveu o sistema filosófico-religioso do Confucionismo. Este, valoriza os preceitos da bondade, cortesia, moral, integridade, fidelidade e honra.<sup>[49]</sup>

Outros filósofos importantes foram: Mozi (470 a.C. - 391 a.C.), fundador do Moísmo que enfatiza o pragmatismo. Chuang-Tzu: (369 a.C. - 286 a.C.) considerado um precursor do antinomismo, anarquismo, multiculturalismo e relatividade e, que criticava tanto confucionistas quanto moístas.

#### Índia

 Ver artigo principal: Filosofia hindu



O período entre o quinto e nono século d.C foi a mais



Adi Shankara 1904, por Raja Ravi Varma

brilhante época no desenvolvimento da filosofia indiana, hindu e budista, filosofias que floresceram lado a lado.<sup>[50]</sup>

Destas várias escolas de pensamento, a não-dualista Advaita Vedanta emergiu como a mais influente<sup>[50]</sup> e a escola mais dominante.<sup>[50]</sup> Os principais filósofos dessa escola foram Gaudapada, Adi Shankara e Vidyaranya.

Advaita Vedanta rejeita o teísmo e o dualismo, insistindo que Brahma a realidade final é sem partes ou atributos... um sem um segundo. Uma vez que Brahma não tem propriedades, não contém diversidade interna e é idêntico com o conjunto da realidade, não pode ser entendido como Deus.<sup>[50]</sup> Brahma apesar de ser indescritível é melhor descrito como *Satchidananda* (Existência, Consciência e Bem-Aventura) por Shankara.

Advaita inaugurou uma nova era na filosofia indiana e, como resultado, muitas novas escolas de pensamento surgiram no período medieval.

### 1.5.5 Filosofia medieval

🔍 Ver artigos principais: Filosofia medieval e História da filosofia ocidental

#### Europa

🔍 Ver artigos principais: Filosofia cristã, Filosofia

platônica-cristã, Filosofia bizantina e Visão de mundo cristã

A filosofia medieval é a filosofia da Europa ociden-



São Tomás de Aquino, por Carlo Crivelli, século XV, na National Gallery

tal, oriental (Império Bizantino) e do Oriente Médio durante a Idade Média. Começa, aproximadamente, com a cristianização do Império Romano e encerra-se com a Renascença. A filosofia medieval pode ser considerada, em parte, como prolongamento da filosofia greco-romana<sup>[51]</sup> e, em parte, como uma tentativa de conciliar o conhecimento secular e a doutrina sagrada.<sup>[52]</sup>

A Idade Média carregou por muito tempo o epíteto depreciativo de “idade das trevas”, atribuído pelos humanistas renascentistas; e a filosofia desenvolvida nessa época sofreu do mesmo desprezo. No entanto, essa era de aproximadamente mil anos foi o mais longo período de desenvolvimento filosófico na Europa e um dos mais ricos. Jorge Gracia defende que “em intensidade, sofisticação e aquisições, pode-se corretamente dizer que o florescimento filosófico no século XIII rivaliza com a época áurea da filosofia grega no século IV a. C.”<sup>[53]</sup>.

Entre os principais problemas discutidos nessa época estão a relação entre fé e razão, a existência e unidade de Deus, o objeto da teologia e da metafísica, os problemas do conhecimento, dos universais e da individualização.

Entre os filósofos medievais do ocidente, merecem desta-

que Agostinho de Hipona, Boécio, Anselmo de Cantuária, Pedro Abelardo, Roger Bacon, Boaventura de Bagnoregio, Tomás de Aquino, João Duns Escoto, Guilherme de Ockham, Hugo de São Vitor, Mestre Eckhart e Raimundo Lúlio; no oriente os bizantinos Prisco de Pânio, Leão, o Matemático e Miguel Pselo; na civilização islâmica, Avicena, Averrois, Avempace, Alfarábi, Al-Kindi e Al-Ghazali; entre os judeus, Moisés Maimônides (ver: *Filosofia judaica*).

Tomás de Aquino (1225-1274), fundador do tomismo, exerceu influência inigualável na filosofia e na teologia medievais. Em sua obra, ele deu grande importância à razão e à argumentação, e procurou elaborar uma síntese entre a doutrina cristã e a filosofia aristotélica. A filosofia de Tomás de Aquino representou uma reorientação significativa do pensamento filosófico medieval, até então muito influenciado pelo neoplatonismo e sua reinterpretação agostiniana.

### Oriente Médio

Ver artigos principais: Filosofia islâmica e Filosofia islâmica clássica

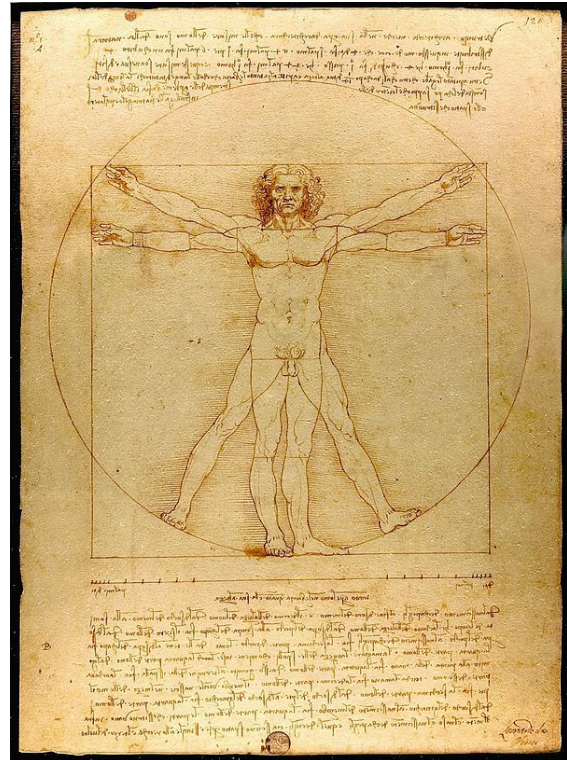
No pensamento islâmico, o que se refere à filosofia durante a "idade de ouro islâmica", tradicionalmente datada entre os séculos 8 e 12, pode-se distinguir duas correntes principais. A primeira é a Kalam, que tratou principalmente de teologia islâmica. Estas incluem as *Mu'tazili* e *Ash'ari*. A outra é Falsafa, que foi fundada em interpretações do aristotelismo e neoplatonismo.

Houve tentativas por filósofos-teólogos posteriores a harmonizar ambas as tendências, nomeadamente através de Avicena que fundou a escola do Avicennismo entre outros.

### 1.5.6 Filosofia do Renascimento

Ver artigo principal: Filosofia do Renascimento

A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi marcada pelo Renascimento e pelo Humanismo.<sup>[54]</sup> Nesse período de transição, a redescoberta de textos da Antiguidade<sup>[55]</sup> contribuiu para que o interesse filosófico saísse dos estudos técnicos de lógica, metafísica e teologia e se voltasse para estudos ecléticos nas áreas da filologia, da moralidade e do misticismo. Os estudos dos clássicos e das letras receberam uma ênfase inédita e desenvolveram-se de modo independente da escolástica tradicional. A produção e disseminação do conhecimento e das artes deixam de ser uma exclusividade das universidades e dos acadêmicos profissionais, e isso contribuiu para que a filosofia vá aos poucos se desvinculando da teologia. Em lugar de Deus e da religião, o conceito de homem assume o centro das ocupações artísticas, literárias e filosóficas.<sup>[56]</sup>



O Homem vitruviano, de Leonardo Da Vinci, resume vários dos ideais do pensamento renascentista.

O renascimento revigorou a concepção da natureza como um todo orgânico, sujeito à compreensão e influência humanas. De uma forma ou de outra, essa concepção está presente nos trabalhos de Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Bernardino Telesio e Galileu Galilei. Essa reinterpretação da natureza é acompanhada, em muitos casos, de um intenso interesse por magia, hermetismo e astrologia – considerados então como instrumentos de compreensão e manipulação da natureza.

À medida que a autoridade eclesial cedia lugar à autoridade secular e que o foco dos interesses voltava-se para a política em detrimento da religião, as rivalidades entre os Estados nacionais e as crises internas demandavam não apenas soluções práticas emergenciais, mas também uma profunda reflexão sobre questões pertinentes à filosofia política. Desse modo, a filosofia política, que por vários séculos esteve dormente, recebeu um novo impulso durante o Renascimento. Nessa área, destacam-se as obras de Nicolau Maquiavel e Jean Bodin.<sup>[57]</sup>

### 1.5.7 Filosofia moderna

Ver artigo principal: Filosofia do século XVII, Filosofia moderna e Iluminismo

A filosofia moderna é caracterizada pela preponderância da epistemologia sobre a metafísica. A justificativa dos filósofos modernos para essa alteração estava, em parte, na ideia de que, antes de querer conhecer tudo o que existe,





René Descartes, fundador da filosofia moderna e do racionalismo. por Frans Hals, c. 1649-1700, no Museu do Louvre

seria conveniente conhecer o que se pode conhecer.<sup>[58]</sup>

Geralmente considerado como o fundador da filosofia moderna,<sup>[59]</sup> o cientista, matemático e filósofo francês René Descartes (1596-1650) redirecionou o foco da discussão filosófica para o sujeito pensante. O projeto de Descartes era o de assentar o edifício do conhecimento sobre bases seguras e confiáveis. Para tanto, acreditava ele ser necessário um procedimento prévio de avaliação crítica e severa de todas as fontes do conhecimento disponível, num procedimento que ficou conhecido como *dúvida metódica*. Segundo Descartes, ao adotar essa orientação, constatamos que resta como certeza inabalável a ideia de um eu pensante: mesmo que o sujeito ponha tudo em dúvida, se ele duvida, é porque pensa; e, se pensa, é porque existe. Essa linha de raciocínio foi celebrizada pela fórmula “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*).<sup>[60][61]</sup> A partir dessa certeza fundamental, Descartes defendia ser possível deduzir rigorosamente, ao modo de um geômetra, outras verdades fundamentais acerca do sujeito, da natureza do conhecimento e da realidade.

No projeto cartesiano estão presentes três pressupostos básicos: (1) a matemática, ou o método dedutivo adotado pela matemática, é o modelo a ser seguido pelos filósofos; (2) existem ideias inatas, absolutamente verdadeiras, que de alguma forma estão desde sempre inscritas no espírito humano; (3) a descoberta dessas ideias inatas não depende da experiência – elas são alcançadas exclusivamente pela razão. Esses três pressupostos também estão presentes nas filosofias de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) e Baruch Spinoza (1632-1677), e constituem a base do movimento filosófico denominado


racionalismo.<sup>[62]</sup>

Se os racionalistas priorizavam o modelo matemático, a filosofia antagonica – o empirismo – enfatizava os métodos indutivos das ciências experimentais. O filósofo John Locke (1632-1704) propôs a aplicação desses métodos na investigação da própria mente humana. Em patente confronto com os racionalistas, Locke argumentou que a mente chega ao mundo completamente vazia de conteúdo – é uma espécie de lousa em branco ou *tabula rasa*; e todas as ideias com que ela trabalha são necessariamente originárias da experiência.<sup>[63]</sup> Esse pressuposto também é adotado pelos outros dois grandes filósofos do empirismo britânico, George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776). John Locke influenciou também a filosofia política, sendo um dos principais teóricos na base do conceito moderno de democracia liberal.<sup>[64]</sup>

As ideias do empirismo inglês também se difundiram na França; e o entusiasmo com as novas ciências levou os intelectuais franceses a defender uma ampla reforma cultural, que remodelasse não só a forma de se produzir conhecimento, mas também as formas de organização social e política. Esse movimento amplo e contestatório ficou conhecido como Iluminismo. Os filósofos iluministas rejeitavam qualquer forma de crença que se baseasse apenas na tradição e na autoridade, em especial as divulgadas pela Igreja Católica. Um dos marcos do Iluminismo francês foi a publicação da *Encyclopédie*. Elaborada sob a direção de Jean le Rond d’Alembert e Denis Diderot, essa obra enciclopédica inovadora incorporou vários dos valores defendidos pelos iluministas e contou com a colaboração de vários de seus nomes mais destacados, como Voltaire, Montesquieu e Rousseau.

Em 1781, Immanuel Kant publicou a sua famosa *Crítica da Razão Pura*, em que propõe uma espécie de síntese entre as teses racionalistas e empiristas. Segundo Kant, apesar de o nosso conhecimento depender de nossas percepções sensoriais, essas não constituem *todo* o nosso conhecimento, pois existem determinadas estruturas do sujeito que as antecedem e tornam possível a própria formação da experiência. O espaço, por exemplo, não é uma realidade que passivamente assimilamos a partir de nossas impressões sensoriais. Ao contrário, somos nós que impomos uma organização espacial aos objetos. Do mesmo modo, o sujeito não aprende, após inúmeras experiências, que todas as ocorrências pressupõem uma causa; antes, é a estrutura peculiar do sujeito que impõe aos fenômenos uma organização de causa e efeito. Uma das consequências da filosofia kantiana é estabelecer que as coisas em si mesmas não podem ser conhecidas. A fronteira de nosso conhecimento é delineada pelos fenômenos, isto é, pelos resultados da interação da realidade objetiva com os esquemas cognitivos do sujeito.

### 1.5.8 Filosofia do século XIX

 Ver artigo principal: Filosofia do século XIX



Geralmente se considera que depois da filosofia de Kant tem início uma nova etapa da filosofia, que se caracterizaria por ser uma continuação e, simultaneamente, uma reação à filosofia kantiana. Nesse período desenvolve-se o idealismo alemão (Fichte, Schelling e Hegel), que leva as ideias kantianas às últimas consequências. A noção de que há um universo inteiro (a realidade em si mesma) inalcançável ao conhecimento humano, levou os idealistas alemães a assimilar a realidade objetiva ao próprio sujeito no intuito de resolver o problema da separação fundamental entre sujeito e objeto. Assim, por exemplo, Hegel postulou que o universo é espírito. O conjunto dos seres humanos, sua história, sua arte, sua ciência e sua religião são apenas manifestações desse espírito absoluto em sua marcha dinâmica rumo ao autoconhecimento.<sup>[65]</sup> Enquanto na Alemanha, o idealismo apoderava-se do debate filosófico, na França, Auguste Comte retomava uma orientação mais próxima das ciências e inaugurava o positivismo e a sociologia. Na visão de Comte, a humanidade progride por três estágios: o estágio teológico, o estágio metafísico e, por fim, o estágio positivo. No primeiro estágio, as explicações são dadas em termos mitológicos ou religiosos; no segundo, as explicações tornam-se abstratas, mas ainda carecem de cientificidade; no terceiro estágio, a compreensão da realidade se dá em termos de leis empíricas de “sucessão e semelhança” entre os fenômenos.<sup>[66]</sup> Para Comte, a plena realização desse terceiro estágio histórico, em que o pensamento científico suplantaria todos os demais, representaria a aquisição da felicidade e da perfeição.<sup>[67]</sup>

Também no campo do desenvolvimento histórico, Marx e Engels davam uma nova formulação ao socialismo. Eles fazem uma releitura materialista da dialética de Hegel no intuito de analisar e condenar o sistema capitalista. Desenvolvem a teoria da mais-valia, segundo a qual o lucro dos capitalistas dependeria inevitavelmente da exploração do proletariado. Sustentam que o estado, as formas político-institucionais e as concepções ideológicas formavam uma superestrutura construída sobre a base das relações de produção<sup>[68]</sup> e que as contradições resultantes entre essa base econômica e a superestrutura levariam as sociedades inevitavelmente à revolução e ao socialismo.

No campo da ética, os filósofos ingleses Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) elaboram os princípios fundamentais do utilitarismo.<sup>[69]</sup> Para eles, o valor ético não é algo intrínseco à ação realizada; esse valor deve ser mensurado conforme as consequências da ação, pois a ação eticamente recomendável é aquela que maximiza o bem-estar na coletividade.

Talvez a teoria que maior impacto filosófico provocou no século XIX não tenha sido elaborada por um filósofo. Ao propor sua teoria da evolução das espécies por seleção natural, Charles Darwin (1809-1882) estabeleceu as bases de uma concepção de mundo profundamente revolucionária. O filósofo que melhor percebeu as sérias im-

plicações da teoria de Darwin para todos os campos de estudo foi Herbert Spencer (1820-1903). Em várias publicações, Spencer elaborou uma filosofia evolucionista que aplicava os princípios da teoria da evolução aos mais variados assuntos, especialmente à psicologia, ética e sociologia.

Também no século XIX surgem filósofos que colocam em questão a primazia da razão e ressaltam os elementos voluntaristas e emotivos do ser humano e de suas concepções de mundo e sociedade. Entre esses destacam-se Arthur Schopenhauer (1788-1860), Søren Kierkegaard (1813-1855) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). Tomando como ponto de partida a filosofia kantiana, Schopenhauer defende que o mundo dos fenômenos – o mundo que representamos em ideias e que julgamos compreender – não passa de uma ilusão e que a força motriz por trás de todos os nossos atos e ideias é uma vontade cega, indomável e irracional. Kierkegaard condena todas as grandes elaborações sistemáticas, universalizantes e abstratas da filosofia. Considerado um precursor do existencialismo, Kierkegaard enfatiza que as questões prementes da vida humana só podem ser superadas por uma atitude religiosa; essa atitude, no entanto, demanda uma escolha individual e passional contra todas as evidências, até mesmo contra a razão.<sup>[70]</sup> Nietzsche, por sua vez, anuncia que “Deus está morto”; e declara, portanto, a falência de todas as concepções éticas, políticas e culturais que se assentam na doutrina cristã. Em substituição aos antigos valores, Nietzsche prescreve um projeto de vida voluntarista aos mais nobres, mais capazes, mais criativos – em suma, àqueles em que fosse mais forte a vontade de potência.<sup>[71]</sup>

### 1.5.9 Filosofia do século XX

 Ver artigo principal: Filosofia do século XX

No século XX, a filosofia tornou-se uma disciplina profissionalizada das universidades, semelhante às demais disciplinas acadêmicas. Desse modo, tornou-se também menos geral e mais especializada. Na opinião de um proeminente filósofo: “A filosofia tem se tornado uma disciplina altamente organizada, feita por especialistas para especialistas. O número de filósofos cresceu exponencialmente, expandiu-se o volume de publicações e multiplicaram-se as subáreas de rigorosa investigação filosófica. Hoje, não só o campo mais amplo da filosofia é demasiadamente vasto para uma única mente, mas algo similar também é verdadeiro em muitas de suas subáreas altamente especializadas.”<sup>[72]</sup> Nos países de língua inglesa, a filosofia analítica tornou-se a escola dominante. Na primeira metade do século, foi uma escola coesa, fortemente modelada pelo positivismo lógico, unificada pela noção de que os problemas filosóficos podem e devem ser resolvidos por análise lógica. Os filósofos britânicos Bertrand Russell e George Edward Moore são geralmente considerados os fundadores desse movimento. Ambos romperam com a tradição idealista que predominava na



Heidegger, (1960)

Inglaterra em fins do século XIX e buscaram um método filosófico que se afastasse das tendências espiritualistas e totalizantes do idealismo. Moore dedicou-se a analisar crenças do **senso comum** e a justificá-las diante das críticas da filosofia acadêmica. Russell, por sua vez, buscou reaproximar a filosofia da tradição empirista britânica e sintonizá-la com as descobertas e avanços científicos. Ao elaborar sua **teoria das descrições definidas**, Russell mostrou como resolver um problema filosófico empregando os recursos da nova **lógica matemática**. A partir desse novo modelo proposto por Russell, vários filósofos se convenceram de que a maioria dos problemas da filosofia tradicional, se não todos, não seriam nada mais que confusões propiciadas pelas ambiguidades e imprecisões da linguagem natural. Quando tratados numa linguagem científica rigorosa, esses problemas revelar-se-iam como simples confusões e mal-entendidos.

Uma postura ligeiramente diferente foi adotada por **Ludwig Wittgenstein**, discípulo de Russell. Segundo Wittgenstein, os recursos da lógica matemática serviriam para revelar as formas lógicas que se escondem por trás da linguagem comum. Para Wittgenstein, a lógica é a própria condição de sentido de qualquer sistema linguístico.<sup>[73]</sup> Essa ideia está associada à sua teoria pictórica do significado, segundo a qual a linguagem é capaz de representar o mundo por ser uma figuração lógica dos estados de coisas que compõem a realidade.

Sob a inspiração dos trabalhos de Russell e de Wittgenstein, o **Círculo de Viena** passou a defender uma forma de empirismo que assimilasse os avanços realizados nas ciências formais, especialmente na lógica. Essa versão



Ludwig Wittgenstein, o mais importante filósofo analítico do século XX

atualizada do empirismo tornou-se universalmente conhecida como neopositivismo ou positivismo lógico. O **Círculo de Viena** consistia numa reunião de intelectuais oriundos de diversas áreas (filosofia, física, matemática, sociologia, etc.) que tinham em comum uma profunda desconfiança em relação a temas de teor metafísico. Para esses filósofos e cientistas, caberia à filosofia elaborar ferramentas teóricas aptas a esclarecer os conceitos fundamentais das ciências e revelar os pontos de contatos entre os diversos ramos do conhecimento científico. Nessa tarefa, seria importante mostrar, entre outras coisas, como enunciados altamente abstratos das ciências poderiam ser rigorosamente reduzidos a frases sobre a nossa experiência imediata.<sup>[74]</sup>

Fora dos países de língua inglesa, floresceram diferentes movimentos filosóficos. Entre esses destacam-se a fenomenologia, a **hermenêutica**, o **existencialismo** e versões modernas do **marxismo**. Para Husserl, o traço fundamental dos fenômenos mentais é a **intencionalidade**. A estrutura da intencionalidade é constituída por dois elementos: **noesis** e **noema**. O primeiro elemento é o ato intencional; e o segundo é o objeto do ato intencional. A ciência da fenomenologia trata do significado ou da essência dos objetos da consciência. A fim de revelar a estrutura da consciência, o fenomenólogo deve pôr entre parêntesis a realidade empírica. Segundo Husserl, os procedimentos fenomenológicos desvelam o ego transcendental – que é a própria base e fonte de unidade do eu empírico.<sup>[75]</sup> Coube a um dos alunos de Husserl, o filósofo alemão **Martin**

Heidegger (1889-1976), construir uma filosofia que mesclasse a fenomenologia, a hermenêutica e o existencialismo. O ponto de partida de Heidegger foi a questão clássica da metafísica: “o que é o ser?”. Mas, na abordagem de Heidegger, a resposta a essa questão passa por uma análise dos modos de ser do ser humano – que foi por ele denominado *Dasein* (Ser-aí). O *Dasein* é o único ser que pode se admirar com a sua própria existência e indagar o sentido de seu próprio ser.

O modo de existir do *Dasein* está intimamente conectado com a história e a temporalidade e, em vista disso, questões sobre autenticidade, cuidado, angústia, finitude e morte tornam-se temas centrais na filosofia de Heidegger.<sup>[75]</sup>

No final do século XVIII houve a fundação da escola tradicionalista, conhecida como conservadorismo tradicionalista, “conservadorismo tradicional”, *tradicionalismo*, *conservadorismo burkeano*, *conservadorismo clássico* ou (no Reino Unido e Canadá) *torismo* (de *Tory*), que descreve uma filosofia política enfatizando a necessidade de aplicação dos princípios da lei natural e transcendentais morais: ordem, tradição, hierarquia e unidade orgânica, classicismo e alta cultura, e as esferas de intersecção de lealdade.<sup>[76]</sup>

Alguns tradicionalistas abraçaram os rótulos de “reacionário” e “contrarrevolucionário”, desafiando o estigma que acompanha estes termos desde o Iluminismo. Este estigma acompanha o Tradicionalismo desde seu desenvolvimento na Europa do século XVIII, principalmente em resposta à Guerra Civil Inglesa e da Revolução Francesa.

Em meados do século XX, a escola tradicionalista começou a organizar-se a sério como uma força intelectual e política. Esta expressão mais moderna do conservadorismo tradicionalista começou entre um grupo de professores universitários dos EUA (rotulado de “novos conservadores” pela imprensa popular) que rejeitou as noções de individualismo, o liberalismo, a modernidade e o progresso social, promoveu a renovação cultural e educacional, e reavivou o interesse na Igreja, a família, o Estado, comunidade local, etc.<sup>[77]</sup>

### 1.5.10 Movimentos filosóficos da atualidade

 Ver também: Filosofia pós-moderna

#### Filosofia clínica

A filosofia clínica é um termo utilizado para definir diversos conceitos filosóficos, voltado à “terapia da alma”, usando o potencial prático da filosofia como recurso terapêutico para indivíduos, organizações ou empresas através de consultas individuais, discussões de grupo, semi-

nários, palestras, viagens ou cafés filosóficos. No Brasil o termo está fortemente vinculado ao movimento realizado pelo filósofo Lúcio Packter e vem sendo apontado como uma ferramenta terapêutica de grande monta.<sup>[78]</sup>

## 1.6 Ver também

- Anti-intelectualismo
- Artes liberais
- Cosmvisão
- Filosofia Portuguesa
- História da filosofia no Brasil
- História das ideias
- História das mentalidades
- História intelectual
- Intelectualismo
- Metafilosofia
- Mulheres na filosofia
- Sabedoria
- Conhecimento

## 1.7 Referências

- [1] [in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [consult. 2014-12-20 13:49:01]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\protect\char"0024\relaxfilosofia](http://www.infopedia.pt/\protect\char)]
- [2] Priberam
- [3] Teichman, J.; Evans, K. C. *Philosophy: a beginner's guide*. 3rd ed. Oxford: Blackwell.
- [4] Chauí, Marilena. Convite à Filosofia. pág. 19.
- [5] (em francês) R. Böldéus, “philosophía”, in (dir.) Jacob, André, *Encyclopédie philosophique universelle*, vol. 2: *Les notions philosophique*, tome 2, Paris, PUF.
- [6] (em francês) Alquié, F., *Signification de la philosophie*, Paris, 1971.
- [7] Simmel, Georg. “On the nature of philosophy”. In: *A Collection of Essays*. pág. 282.
- [8] *Metafísica*, Livro I, capítulo 2. Na edição da coleção *Os Pensadores* de 1973 (1.ª ed.), o trecho encontra-se à pág. 213.
- [9] Ferrater-Mora, José. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Loyola, 2.a ed., 2005. Tomo II. pp. 1044-1050.

- [10] Lindberg, D. *The beginnings of western science*. Chicago: University of Chicago Press, 2007. ISBN 9780226482057. p. 242.
- [11] “Philosophia est rerum humanarum divinarumque cognitio cum studio bene vivendi coniuncta.” *Etymologiae*. Tradução para o inglês: *The etimologies of Isidore of Seville*. Cambridge: C.U.P. p. 79.
- [12] Ver, por exemplo, o aforismo III do *Novum Organum*: “Ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra na prática” (São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção “Os Pensadores”).
- [13] Descartes, R. *Princípios da Filosofia*. Lisboa: Edições 70. p. 22.
- [14] Quinton, Anthony. *Filosofia. Crítica: revista de filosofia*. Acesso em 26/01/2011.
- [15] Prado Jr., Caio. *O que é filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1981
- [16] Strawson, Peter. *Filosofia como Gramática Conceptual*. Acesso em 06/12/2010
- [17] Russell, B. *Os problemas da filosofia*. Capítulo 15.
- [18] Popper, K. *Conjecturas e Refutações*. 3a. ed. Brasília: EdUnB, 1994. Cap. 4, “Retorno aos Pré-Socráticos”, pp. 163s.
- [19] Steup, M. *The Analysis of Knowledge*. Stanford Encyclopedia of Philosophy. Acesso em: 28/01/2011.
- [20] Broad, C. D. *Some Methods of Speculative Philosophy*. Acesso em 28/01/2011.
- [21] Blackburn, S. *Pense: uma introdução à filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001. ISBN 9789726627906. Cap. 2.
- [22] Bunnin, N.; Yu, J (eds.) *The Blackwell dictionary of Western philosophy*. Blackwell, 2004. Blackwell Reference Online. Acesso: 12 de março de 2011.
- [23] Solomon, R. C. & Higgins, K. M. *The big questions: a short introduction to philosophy*. p. 7.
- [24] Copi, I. M. *Introdução à lógica*. 2.ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1978. p. 19.
- [25] Bailey, Andrew. *First philosophy: values and society*. Broadview Press, 2004. ISBN 9781551116570. p. 1.
- [26] Morente, M. G. *Fundamentos de filosofia: lições preliminares*. São Paulo: Mestre Jou, 1980. cap. 1.
- [27] Huisman, Denis & Vergez, André. *Curso moderno de filosofia: introdução à filosofia das ciências*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1980. p. 155-158.
- [28] Versão eletrônica do diálogo platônico *Teeteto*. p. 16.
- [29] Aristotle, *Metaphysics*. The Internet Classics Archive.
- [30] Magee, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. pp. 7-9
- [31] Coupe, Laurence. *Myth*. 2nd. ed. London; New York: Routledge, 2009. p. 9. ISBN 9780415442848
- [32] Morgan, Katheryn. *Myth and Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 17. ISBN 0521621801
- [33] Vernant, Jean-Pierre. *Myth and Society in Ancient Greece*. London: Methuen, 1982: “o conceito de mito peculiar à antiguidade clássica tornou-se, assim, claramente definido pela oposição entre *mythos* e *logos*, desde então vistos como termos separados e contrastantes” (p. 187).
- [34] Aristóteles. *Metafísica*, III, 4.
- [35] Reale, Giovanni; Antiseri, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. ISBN 8505010760. V. 1. pp. 14-16.
- [36] Reale, Giovanni; Antiseri, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. ISBN 8505010760. V. 1. p. 26.
- [37] Bornheim, G. *Os filósofos pré-socráticos*. p. 13.
- [38] Guerreiro, Mario A. L. *Pré-socráticos: a invenção da filosofia*. p. 40.
- [39] Chauí, M. *Introdução à história da filosofia*. p. 95.
- [40] Chauí, M. *Introdução à história da filosofia*. p. 105.
- [41] Zilles, U. *Teoria do conhecimento*. p. 59.
- [42] Stone, I. F. *O julgamento de Sócrates*. p. 61.
- [43] Morente, Manuel García. “Lecciones Preliminares de Filosofía,” in *Obras Completas*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Fundación Caja de Madrid, 1996. V. I. ISBN 8476584962, pp. 81-87
- [44] Durant, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952. p. 75
- [45] Reale, Giovanni. *História da filosofia antiga: os sistemas da Era Helenística*. São Paulo: Loyola, 2008. pp. 214s.
- [46] Reale, Giovanni. *História da filosofia antiga: os sistemas da Era Helenística*. São Paulo: Loyola, 2008. p. 361.
- [47] Cooper, D. E. *Filosofias do Mundo*. São Paulo: Loyola, 2002. ISBN 8515023164. p. 167.
- [48] Bleiberg, Edward (2005). “Ancient Egypt 2675-332 B.C.E.: Philosophy”. In Bleiberg, Edward, et al. *Arts and Humanities Through the Eras*. Vol. 1: Ancient Egypt 2675-332 B.C.E. Detroit: Gale. págs. 182–197.
- [49] Confúcio (1989). «Intruduzione ( por Anne Cheng)». Confúcio - Dialoghi (em italiano). [S.l.]: Arnaldo Mondadori. ISBN 88-04-32463-5
- [50] =“Gandhi And Mahayana Buddhism”
- [51] Segundo Rafael Guerrero, “houve filosofia nessa época porque houve continuidade e sobrevivência da filosofia antiga: os medievais se preocuparam em assimilar, à medida que lhes foi possível, a prática e o saber das gerações anteriores.” *Historia de la Filosofía Medieval*. p. 10



- [52] *The Blackwell Dictionary of Western Philosophy*. Verbetes “Medieval Philosophy”: “O tema central da filosofia medieval foi a tentativa de unir a fé à razão.”
- [53] Gracia, Jorge. Medieval Philosophy. In: *The Blackwell Companion to Philosophy*. pp. 619s
- [54] Charles Schmitt e Quentin Skinner (eds.), *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge University Press, 1988, p. 5, define o período da filosofia do Renascimento como o intervalo que vai “da época de Ockham até os trabalhos revisionistas de Bacon, Descartes e seus contemporâneos”.
- [55] Copenhaver, B.; Schmitt, C. *Renaissance Philosophy*, Oxford University Press, 1992, p. 4: “pode-se considerar como marco da filosofia da Renascença o amplo e acelerado interesse, estimulado por novos textos disponíveis, por fontes primárias do pensamento grego e romano que eram até então desconhecidos ou dos quais pouco se sabia ou pouco se havia lido”.
- [56] Gracia, Jorge. In: Bunnin, N.; Tsui-James, E.P. (eds.), *The Blackwell Companion to Philosophy*, Blackwell, 2002, p. 621: “os humanistas ... recolocaram o homem no centro das atenções e canalizaram seus esforços no sentido de recuperar e transmitir o saber clássico, particularmente o da filosofia de Platão.”
- [57] von Fritz, Kurt; Rev. Maurer, Armand; Levi, Albert W.; Stroll, Avrum; Wolin, Richard, «Western philosophy» (em inglês), *Encyclopædia Britannica Online*
- [58] Ver §4 da introdução de *An essay concerning human understanding*, de John Locke; a introdução do Tratado da natureza humana, de David Hume; e o prefácio da primeira edição da *Crítica da razão pura*, de Kant.
- [59] Russell, Bertrand. *History of Western Philosophy*. London: Routledge, 2004. ISBN 9780415325059. p. 511.
- [60] Descartes, R. *Discurso do Método*. 4ª. parte.
- [61] Cottingham, J. *Descartes*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999. p. 24.
- [62] Magee, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 83
- [63] Durant, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952. p. 247
- [64] Como Tudo Funciona
- [65] Solomon, R. C; Higgins, K. M. *The Big Questions*. pp. 135s.
- [66] Cooper, D. E. *Filosofias do Mundo*. p. 371.
- [67] Russell, B. *História do Pensamento Ocidental*. pp. 442s.
- [68] William Outhwaite (ed.), *The Blackwell dictionary of modern social thought*. p. 44.
- [69] Hegenberg, L. *Filosofia moral*. V. 1 (Ética). Rio de Janeiro: E-papers, 2010. ISBN 8576502607. pp. 115-22.
- [70] Solomon, R. C. & Higgins, K. M. *The big questions: a short introduction to philosophy*. 8th ed. ISBN 9780495595151. p.66
- [71] Raeper, W; Smith, L. *Introdução ao estudo das ideias: religião e filosofia no passado e no presente*. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2001. ISBN 8515015684. pp. 116-20.
- [72] Soames, Scott. *Philosophical analysis in the twentieth century*. Princeton: Princeton University Press, 2003. V. 2. p. 463
- [73] Glock, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. ISBN 8571104409. p. 237 (Verbetes “Lógica”).
- [74] Galvão, Paulo. “Positivismo Lógico,” in Branquinho, João; Murcho, Desidério; Gomes, Nelson Gonçalves (orgs.) *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. 577-80.
- [75] Bunnin, N.; Yu, J (eds.) *The Blackwell dictionary of Western philosophy*. Blackwell, 2004. Blackwell Reference Online. Acesso em 28/03/2011.
- [76] Frohnen, Bruce, Jeremy Beer, and Jeffrey O. Nelson, ed. (2006) *American Conservatism: An Encyclopedia* Wilmington, DE: ISI Books, pp. 870-875.
- [77] Frohnen, Bruce, Jeremy Beer, and Jeffrey O. Nelson, ed. (2006) *American Conservatism: An Encyclopedia* Wilmington, DE: ISI Books, p. 870.
- [78] «A Filosofia e seus usos: crítica e acomodação (tese de doutorado de Marli Aparecida Pechula)» (PDF). *diadadeducacao.pr.gov.br*. 2007. Consultado em 22 de abril de 2012

## 1.8 Bibliografia

### Livros introdutórios

- BLACKBURN, Simon. *Pense: uma introdução à filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2001. ISBN 9789726627906.
- BUNNIN, Nicholas; TSUI-JAMES, E. P. (Orgs.) *Compêndio de Filosofia*. 2.ª ed. São Paulo: Loyola, 2007. ISBN 9788515030477.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 7. ed. 2. reimp. São Paulo: Ática, 2000.
- COLCHETE, Eliane e MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *A formação da filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Litteris, 2014.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, 34, 1992.
- MURCHO, Desidério. *Filosofia em Directo*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2011.
- NAGEL, Thomas. *Que Quer Dizer Tudo Isto? Uma iniciação à filosofia*. Lisboa: Gradiva: 1995. ISBN 9789726624219.



- PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. 2 ed. São Paulo, Edusp/Grijalbo, 1974.
- PAPINEAU, David (Org.) *Filosofia: grandes pensadores, principais fundamentos e escolas filosóficas*. São Paulo: Publifolha, 2009. ISBN 9788579141058.

### Antologias

- BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2.ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. ISBN 8536321199.
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. ISBN 9788571105201.
- NICOLA, Ubaldo. *Antologia Ilustrada de Filosofia: das origens à Idade Moderna*. Rio de Janeiro: Globo, 2005. ISBN 8525038997.
- VVAA. *Os Filósofos através dos Textos: de Platão a Sartre*. São Paulo: Paulus, 1997. ISBN 8534909806.q=Discurso%20do%20M%C3%A9todo%20de%20Descartes

### Introduções à história da filosofia

- DURANT, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, s/d. ISBN 8535106952.
- ONFRAY, Michel. *Contra-história da filosofia 1: as sabedorias antigas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.  
  
Idem. *Contra-história da filosofia 2: o cristianismo hedonista*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.  
  
Idem. *Contra-história da filosofia 3: os libertinos barrocos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.  
  
Idem. *Contra-história da filosofia 4: os ultras das Luzes*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- KENNY, Anthony. *Uma Nova História da Filosofia Ocidental*. São Paulo: Loyola, 2008. 4v. ISBN 9788515035267.
- MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola, 2001. ISBN 8515019299.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. 3v. ISBN 8505010760.
- RUSSELL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. ISBN 8500013559.

### Obras de referência

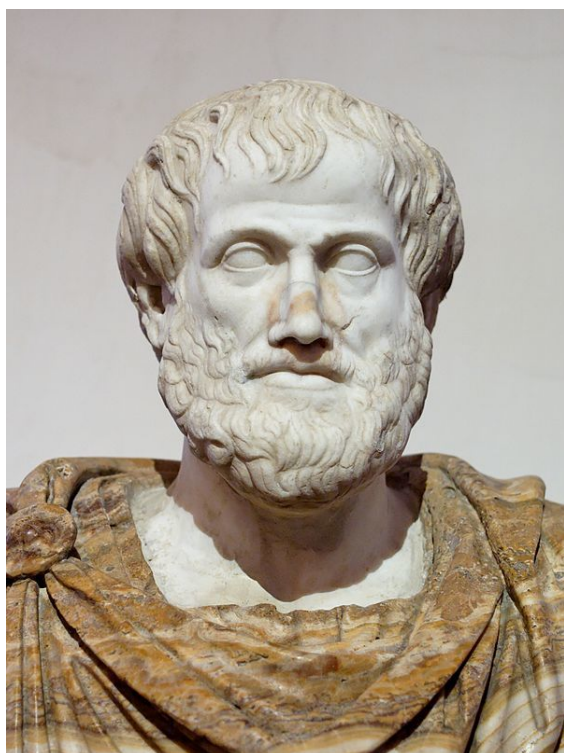
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. ISBN 8571104026.
- BRANQUINHO, João; MURCHO, Desidério; GOMES, Nelson Gonçalves (orgs.) *Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. ISBN 8533623259.
- FERRATER-MORA, José. *Dicionário de Filosofia*. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 2004. 4v. ISBN 8515018691.

## 1.9 Ligações externas

- Portal de Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Portal de Filosofia
- Veritas – Revista de Filosofia da PUCRS
- Stanford Encyclopedia of Philosophy
- The Internet Encyclopedia of Philosophy

## Capítulo 2

# Lógica



Aristóteles é o autor do primeiro trabalho sobre lógica.

**Lógica** (do grego λογική *logos*<sup>[1]</sup>) tem dois significados principais: discute o uso de raciocínio em alguma atividade e é o estudo normativo, filosófico do raciocínio válido.<sup>[2]</sup> No segundo sentido, a lógica é discutida principalmente nas disciplinas de filosofia, matemática e ciência da computação. Ambos os sentidos se baseando no foco comum referente a harmonia de raciocínio, a proporcionalidade formal entre argumentos, assim sendo, a correta e equilibrada relação entre todos os termos, a total concordância entre cada um deles dentro de um desenvolvimento.<sup>[3]</sup>

A lógica examina de forma genérica as formas que a argumentação pode tomar, quais dessas formas são válidas e quais são falaciosas. Em filosofia, o estudo da lógica aplica-se na maioria dos seus principais ramos: metafísica, ontologia, epistemologia e ética. Na matemática, estudam-se as formas válidas de inferência de uma linguagem formal.<sup>[4]</sup> Na ciência da computação, a lógica

é uma ferramenta indispensável. Por fim, a lógica também é estudada na teoria da argumentação.<sup>[5]</sup>

A lógica foi estudada em várias civilizações da Antiguidade. Na Índia, a recursão silogística, *Nyaya* remonta a 1900 anos atrás. Na China, o Moísmo e a Escola dos Nomes datam de 2200 anos atrás. Na Grécia Antiga a lógica foi estabelecida como disciplina por Aristóteles, com a sua obra *Organon*. Ele dividiu a lógica em *formal* e *material*. O estudo da lógica era parte do *Trivium* clássico, juntamente com a gramática e a retórica (ver: *Artes liberais*).

A lógica é frequentemente dividida em três partes: o raciocínio indutivo, o raciocínio abduutivo e o raciocínio dedutivo.

### 2.1 O estudo da lógica

O conceito de forma lógica é central à lógica, que se baseia na ideia de que a validade de um argumento é determinada pela sua forma lógica, não pelo seu conteúdo. A lógica silogística aristotélica tradicional e a lógica simbólica moderna são exemplos de lógicas formais.

- **Lógica informal** é o estudo da argumentação em língua natural. O estudo de falácias é um ramo particularmente importante da lógica informal. Os Diálogos de Platão<sup>[6]</sup> são bons exemplos de lógica informal.
- **Lógica formal** é o estudo da inferência com conteúdo puramente formal. Uma inferência possui um *conteúdo puramente formal* se ele pode ser expresso como um caso particular de uma regra totalmente abstrata, isto é, uma regra que não é sobre uma qualquer coisa em particular. As obras de Aristóteles contêm o primeiro estudo formal da lógica. A lógica formal moderna segue e amplia o trabalho de Aristóteles.<sup>[7]</sup> Em muitas definições de lógica, inferência lógica e inferência com conteúdo puramente formal são a mesma coisa. Isso não esvazia a noção de lógica informal, porque nenhuma lógica formal captura todas as nuances da língua natural.





Na matemática e na ciência da computação, pode ser necessário enunciar uma proposição dependendo de variáveis:

$p$ :  $n$  é um inteiro ímpar.

Essa proposição pode ser ou verdadeira ou falsa, a depender do valor assumido pela variável  $n$ .

Uma fórmula com variáveis livres é chamada **função proposicional** com **domínio de discurso**  $D$ . Para formar uma proposição, devem ser usados **quantificadores**. “Para todo  $n$ ”, ou “para algum  $n$ ” podem ser especificados por quantificadores: o *quantificador universal*, ou o *quantificador existencial*, respectivamente. Por exemplo:

para todo  $n$  em  $D$ ,  $P(n)$ .

Isto pode ser escrito como:

$$\forall n \in D, P(n)$$

Quando existem algumas variáveis livres, a situação padrão na análise matemática desde Weierstrass, as quantificações *para todos ... então existe* ou *então existe ... isto para todos* (e analogias mais complexas) podem ser expressadas.

### 2.3.2 Lógica material

Trata da aplicação das operações do pensamento, segundo a matéria ou natureza do objeto a conhecer. Neste caso, a lógica é a própria metodologia de cada ciência. É, portanto, somente no campo da lógica material que se pode falar da verdade: o argumento é válido quando as premissas são verdadeiras e se relacionam adequadamente à conclusão.

## 2.4 Lógica matemática

Lógica Matemática é o uso da lógica formal para estudar o raciocínio matemático -- ou, como propõe Alonzo Church<sup>[17]</sup>, 'lógica tratada pelo método matemático'. No início do século XX, lógicos e filósofos tentaram provar que a matemática, ou parte da matemática, poderia ser reduzida à lógica. (Gottlob Frege, p.ex., tentou reduzir a aritmética à lógica; Bertrand Russell e A. N. Whitehead, no clássico *Principia Mathematica*, tentaram reduzir toda a matemática então conhecida à lógica -- a chamada 'lógica de segunda ordem'.) Uma das suas doutrinas lógico-semânticas era que a descoberta da forma lógica de uma frase, na verdade, revela a forma adequada de dizê-la, ou revela alguma essência previamente escondida. Há um certo consenso que a redução falhou -- ou que precisaria de ajustes --, assim como há um certo consenso que a

lógica -- ou alguma lógica -- é uma maneira precisa de representar o raciocínio matemático. Ciência que tem por objeto o estudo dos métodos e princípios que permitem distinguir raciocínios válidos de outros não válidos.

## 2.5 Lógica filosófica

A lógica estuda e sistematiza a argumentação válida. A lógica tornou-se uma disciplina praticamente autônoma em relação à filosofia, graças ao seu elevado grau de precisão e tecnicismo. Hoje em dia, é uma disciplina acadêmica que recorre a métodos matemáticos, e os lógicos contemporâneos têm em geral formação matemática. Todavia, a lógica elementar que se costuma estudar nos cursos de filosofia é tão básica como a aritmética elementar e não tem elementos matemáticos. A lógica elementar é usada como instrumento pela filosofia, para garantir a validade da argumentação.

Quando a filosofia tem a lógica como objecto de estudo, entramos na área da filosofia da lógica, que estuda os fundamentos das teorias lógicas e os problemas não estritamente técnicos levantados pelas diferentes lógicas. Hoje em dia há muitas lógicas além da teoria clássica da dedução de Russell e Frege (como as lógicas livres, modais, temporais, paraconsistentes, difusas, intuicionistas, etc. ver: *Lógica intuicionista*), o que levanta novos problemas à filosofia da lógica.

A filosofia da lógica distingue-se da lógica filosófica aristotélica, que não estuda problemas levantados por lógicas particulares, mas problemas filosóficos gerais, que se situam na intersecção da metafísica, da epistemologia e da lógica. São problemas centrais de grande abrangência, correspondendo à disciplina medieval conhecida por “Lógica & Metafísica”, e abrangendo uma parte dos temas presentes na própria Metafísica, de Aristóteles: a identidade de objetos, a natureza da Necessidade, a natureza da verdade, o conhecimento a prioridade, etc. Precisamente por ser uma “subdisciplina transdisciplinar”, o domínio da lógica filosófica é ainda mais difuso do que o das outras disciplinas. Para agravar as incompreensões, alguns filósofos chamam “lógica filosófica” à filosofia da lógica (e vice-versa). Em qualquer caso, o importante é não pensar que a lógica filosófica é um gênero de lógica, a par da lógica clássica, mas “mais filosófica”; pelo contrário, e algo paradoxalmente, a lógica filosófica, não é uma lógica no sentido em que a lógica clássica é uma lógica, isto é, no sentido de uma articulação sistemática das regras da argumentação válida.

A lógica informal estuda os aspectos da argumentação válida que não dependem exclusivamente da forma lógica. O tema introdutório mais comum no que respeita à lógica é a teoria clássica da dedução (lógica proposicional e de predicados, incluindo formalizações elementares da linguagem natural); a lógica aristotélica é por vezes ensinada, a nível universitário, como complemento histórico

e não como alternativa à lógica clássica.» (Desidério Murcho)

“Lógica”, depois ela foi substituída pela invenção da Lógica Matemática. Relaciona-se com a elucidação de ideias como referência, previsão, identidade, verdade, quantificação, existência, e outras. A Lógica filosófica está muito mais preocupada com a conexão entre a Linguagem Natural e a Lógica.

## 2.6 Lógica de predicados

 Ver artigo principal: Lógica de predicados

Gottlob Frege, em sua Conceitografia (*Begriffsschrift*), descobriu uma maneira de reordenar várias orações para tornar sua forma lógica clara, com a intenção de mostrar como as orações se relacionam em certos aspectos. Antes de Frege, a lógica formal não obteve sucesso além do nível da lógica de orações: ela podia representar a estrutura de orações compostas de outras orações, usando palavras como “e”, “ou” e “não”, mas não podia quebrar orações em partes menores. Não era possível mostrar como “Vacas são animais” leva a concluir que “Partes de vacas são partes de animais”.

A lógica de orações explica como funcionam palavras como “e”, “mas”, “ou”, “não”, “se-então”, “se e somente se”, e “nem-ou”. Frege expandiu a lógica para incluir palavras como “todos”, “alguns”, e “nenhum”. Ele mostrou como podemos introduzir variáveis e quantificadores para reorganizar orações.

- “Todos os humanos são mortais” se torna “Para todo  $x$ , se  $x$  é humano, então  $x$  é mortal.”, o que pode ser escrito simbolicamente como:
  - :  $\forall x(H(x) \rightarrow M(x))$
- “Alguns humanos são vegetarianos” se torna “Existe algum (ao menos um)  $x$  tal que  $x$  é humano e  $x$  é vegetariano”, o que pode ser escrito simbolicamente como:
  - :  $\exists x(H(x) \wedge V(x))$ .

Frege trata orações simples sem substantivos como predicados e aplica a eles to “dummy objects” ( $x$ ). A estrutura lógica na discussão sobre objetos pode ser operada de acordo com as regras da lógica de orações, com alguns detalhes adicionais para adicionar e remover quantificadores. O trabalho de Frege foi um dos que deram início à lógica formal contemporânea.


Frege adiciona à lógica de orações:

- o vocabulário de quantificadores (o A de pontacabeça, e o E invertido) e variáveis;

- e uma semântica que explica que as variáveis denotam objetos individuais e que os quantificadores têm algo como a força de “todos” ou “alguns” em relação a esse objetos;
- métodos para usá-los numa linguagem.

Para introduzir um quantificador “todos”, você assume uma variável arbitrária, prova algo que deva ser verdadeira, e então prova que não *importa* que variável você escolha, que aquilo deve ser sempre verdade. Um quantificador “todos” pode ser removido aplicando-se a oração para um objeto em particular. Um quantificador “algum” (existe) pode ser adicionado a uma oração verdadeira de qualquer objeto; pode ser removida em favor de um temo sobre o qual você ainda não esteja pressupondo qualquer informação.

## 2.7 Lógica de vários valores

 Ver artigo principal: Lógica ternária

Sistemas que vão além dessas duas distinções (verdadeiro e falso) são conhecidos como lógicas não-aristotélicas, ou lógica de vários valores (ou então lógicas polivaluadas, ou ainda polivalentes).

No início do século XX, Jan Łukasiewicz investigou a extensão dos tradicionais valores verdadeiro/falso para incluir um terceiro valor, “possível”.

Lógicas como a lógica difusa foram então desenvolvidas com um número infinito de “graus de verdade”, representados, por exemplo, por um número real entre 0 e 1. Probabilidade bayesiana pode ser interpretada como um sistema de lógica onde probabilidade é o valor verdade subjetivo.

## 2.8 Lógica e computadores

 Ver artigos principais: Programação lógica e Programação de computadores

A Lógica é extensivamente utilizada em todas as áreas vinculadas aos computadores.

Partindo-se do princípio que muitas das nossas tarefas diárias são uma sequência que obedecem uma determinada ordem, de um estado inicial, através de um período de tempo finito e que nesse período produzimos resultados esperados e bem definidos, poderíamos classificar essas tarefas dentro de um algoritmo que utilizam o conceito da lógica formal para fazer com que o computador produza uma série sequencial.

Nas décadas de 50 e 60, pesquisadores previram que quando o conhecimento humano pudesse ser expresso



usando lógica com notação matemática, supunham que seria possível criar uma máquina com a capacidade de pensar, ou seja, **inteligência artificial**. Isto se mostrou mais difícil que o esperado em função da complexidade do raciocínio humano. A **programação lógica** é uma tentativa de fazer computadores usarem **raciocínio lógico** e a **linguagem de programação Prolog** é frequentemente utilizada para isto.

Na lógica simbólica e lógica matemática, demonstrações feitas por humanos podem ser auxiliadas por computador. Usando **prova automática de teoremas** os computadores podem achar e verificar demonstrações, assim como trabalhar com demonstrações muito extensas.

Na ciência da computação, a **álgebra booleana** é a base do projeto de *hardware*.

## 2.9 Tipos de lógica

De uma maneira geral, pode-se considerar que a lógica, tal como é usada na filosofia e na matemática, observa sempre os mesmos princípios básicos: a lei do terceiro excluído, a lei da não-contradição e a lei da identidade. A esse tipo de lógica pode-se chamar “lógica clássica”, ou “lógica aristotélica”.

Além desta lógica, existem outros tipos de lógica que podem ser mais apropriadas dependendo da circunstância onde são utilizadas. Podem ser divididas em dois tipos:

- **Complementares da lógica clássica:** além dos três princípios da lógica clássica, essas formas de lógica têm ainda outros princípios que as regem, estendendo o seu domínio. Alguns exemplos:
  - **Lógica modal:** agrega à lógica clássica o princípio das possibilidades. Enquanto na lógica clássica existem orações como: “se amanhã chover, vou viajar”, “minha avó é idosa e meu pai é jovem”, na lógica modal as orações são formuladas como “é possível que eu viaje se não chover”, “minha avó necessariamente é idosa e meu pai não pode ser jovem”, etc.
  - **Lógica epistêmica:** também chamada “lógica do conhecimento”, agrega o princípio da certeza, ou da incerteza (*ver: Indeterminismo*). Alguns exemplos de oração: “pode ser que haja vida em outros planetas, mas não se pode provar”, “é impossível a existência de gelo a 100 °C”, “não se pode saber se duendes existem ou não”, etc.
  - **Lógica deontica:** forma de lógica vinculada à moral, agrega os princípios dos

direitos, proibições e obrigações. É o sistema de lógica usado para indicar condutas e comportamentos, e que inclui as relações de poder entre indivíduos. Enquanto a lógica clássica trata do que “é ou não é”, a lógica deontica trata do que “se deve ou não fazer”. As orações na lógica deontica são da seguinte forma: “é proibido fumar mas é permitido beber”, “se você é obrigado a pagar impostos, você é proibido de sonegar”, etc. <sup>[18]</sup>

- **Lógica Temporal:** Há situações em que os atributos de “Verdadeiro” e “Falso” não bastam, e é preciso determinar se algo é “Verdadeiro no período de tempo A”, ou “Falso após o evento B”. Para isso, é utilizado um sistema lógico específico que inclui novos operadores para tratar dessas situações. <sup>[19]</sup>
- **Anticlássicas:** são formas de lógica que derogam pelo menos um dos três princípios fundamentais da lógica clássica. Alguns exemplos incluem:
  - **Lógica paraconsistente:** É uma forma de lógica onde não existe o princípio da contradição. Nesse tipo de lógica, tanto as orações afirmativas quanto as negativas podem ser falsas ou verdadeiras, dependendo do contexto. Uma das aplicações desse tipo de lógica é o estudo da **semântica**, especialmente em se tratando dos **paradoxos**. Um exemplo: “fulano é cego, mas vê”. Pelo princípio da lógica clássica, o indivíduo que vê, um “não-cego”, não pode ser cego. Na lógica paraconsistente, ele pode ser cego para ver algumas coisas, e não-cego para ver outras coisas.
  - **Lógica paracompleta:** Esta lógica deroga o princípio do terceiro excluído, isto é, uma oração pode não ser totalmente verdadeira, nem totalmente falsa. Um exemplo de oração que pode ser assim classificada é: “fulano conhece a China”. Se ele nunca esteve lá, essa oração não é verdadeira. Mas se mesmo nunca tendo estado lá ele estudou a **história da China** por livros, fez amigos **chineses**, viu muitas fotos da China, etc; essa oração também não é falsa.
  - **Lógica difusa:** Mais conhecida como “lógica fuzzy”, trabalha com o conceito de graus de pertinência. Assim como a lógica paracompleta, deroga

roga o princípio do terceiro excluído, mas de maneira comparativa, valendo-se de um elemento chamado **conjunto fuzzy**. Enquanto na lógica clássica supõe-se verdadeira uma oração do tipo “se algo é quente, não é frio” e na lógica paracompleta pode ser verdadeira a oração “algo pode não ser quente nem frio”, na lógica difusa poder-se-ia dizer: “algo é 30% quente, 25% morno e 45% frio”. Esta lógica tem grande aplicação na **informática** e na **estatística**, sendo inclusive a base para indicadores como o **coeficiente de Gini** e o **IDH**.

- Lógica de base n: uma das formas de lógica de base n era um tipo de lógica difusa. No entanto podemos fazer enumerações de zero a n ou usar um alfabeto n-ário numa máquina de Turing, relacioná-las e com base nisso tirar vantagens.<sup>[20]</sup> Esta lógica pode ainda relacionar-se com muitos assuntos em informática.<sup>[20]</sup>

## 2.10 Testes de lógica

Vejam alguns testes simples de lógica:

**1.** Você está numa cela onde existem duas portas, cada uma vigiada por um guarda. Existe uma porta que dá para a liberdade, e outra para a morte. Você está livre para escolher a porta que quiser e por ela sair. Poderá fazer apenas uma pergunta a um dos dois guardas que vigiam as portas. Um dos guardas sempre fala a verdade, e o outro sempre mente e você não sabe quem é o mentiroso e quem fala a verdade. *Que pergunta você faria?*

**2.** Você é prisioneiro de uma tribo indígena que conhece todos os segredos do Universo e portanto sabem de tudo. Você está para receber sua sentença de morte. O cacique o desafia: “Faça uma afirmação qualquer. Se o que você falar for mentira você morrerá na fogueira, se falar uma verdade você será afogado. Se não pudermos definir sua afirmação como verdade ou mentira, nós te libertaremos. *O que você diria?*”

**3.** Epiménides era um grego da cidade de Minos. Dizem que ele tinha a fama de mentir muito.

Certa vez, ele citou esta passagem:

*Era uma vez um bode que disse:*

- Quando a mentira nunca é desvendada, quem está mentindo sou eu.

*Em seguida o leão disse:*

- Se o bode for um mentiroso, o que o dragão diz também é mentira.

*Por fim o dragão disse:*

- Quem for capaz de desvendar a minha mentira, então, ele estará dizendo a verdade.

**Qual deles está mentindo?**

Este teste é mais conhecido como **paradoxo de Epiménides**.

## 2.11 Respostas dos “testes de lógica” citados acima

**1.** Pergunte a qualquer um deles: Qual a porta que o seu companheiro apontaria como sendo a porta da liberdade?

Explicação: O mentiroso apontaria a porta da morte como sendo a porta que o seu companheiro (o sincero) diria que é a porta da liberdade, já que se trata de uma mentira da afirmação do sincero. E o sincero, sabendo que seu companheiro sempre mente, diria que ele apontaria a porta da morte como sendo a porta da liberdade.

Conclusão: os dois apontariam a porta da morte como sendo a porta que o seu companheiro diria ser a porta da liberdade. Portanto, é só seguir pela outra porta.

**2.** Afirme que você morrerá na fogueira.

Explicação: Se você realmente morrer na fogueira, isto é uma verdade, então você deveria morrer afogado, mas se você for afogado a afirmação seria uma mentira, e você teria que morrer na fogueira.

Conclusão: Mesmo que eles pudessem prever o futuro, cairiam neste impasse e você seria libertado.

**3.** Ao tentar responder ao enigma, encontram-se informações que se ligam umas às outras e acabam não levando a resposta alguma. Esse enigma pode ser denominado como **paradoxo do mentiroso**.

Veja o exemplo de um **paradoxo** simples e interessante:

**A afirmação abaixo é verdadeira.**

**A afirmação acima é falsa.**

## 2.12 Ver também

- Anti-intelectualismo
- Consequência lógica
- Epistemologia
- Fé
- Filosofia analítica
- História da lógica
- História das mentalidades
- Lógica de primeira ordem
- Lógica difusa
- Lógica proposicional

- Método científico
- Método histórico
- Modus ponens
- Modus tollens
- Racionalismo
- Teoria dos conjuntos

## 2.13 Referências

- [1] Liddell & Scott 1999; Online Etymology Dictionary 2001, [http://www.etymonline.com/index.php?term=logic&allowed\\_in\\_frame=0](http://www.etymonline.com/index.php?term=logic&allowed_in_frame=0)
- [2] Popkin, Richard Henry; Stroll, Avrum (1993). *Philosophy Made Simple*. [S.l.]: Random House Digital, Inc. ISBN 978-0-385-42533-9
- [3] «Lógica, raciocínio e pensamento.pdf». Consultado em 21 de julho de 2015
- [4] «Logic and Ontology». *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. [S.l.]: Edward N Zalta. 2004 lnome1= sem lsobre nome1= em Authors list (ajuda)
- [5] Cox, J. Robert; Willard, Charles Arthur. *Advances in Argumentation Theory and Research*. Southern Illinois University Press, 1983;
- [6] Platão (1976). Scott Buchanan, ed. *The Portable Plato*. [S.l.]: Penguin. ISBN 0-14-015040-4
- [7] Aristóteles (2001). «Posterior Analytics». In: Richard Mckeon. *The Basic Works*. [S.l.]: Modern Library. ISBN 0-375-75799-6
- [8] Whitehead, Alfred North; Russell, Bertrand (2001). *Principia Mathematica*. [S.l.]: Merchant Books. ISBN 978-1603861823 (vol. 1), 978-1603861830 (vol. 2), 978-1603861847 (vol. 3) Verifique lisbn= (ajuda)
- [9] Hamilton, A. G. (1980). *Logic for Mathematicians*. [S.l.]: Cambridge University Press. ISBN 0-521-29291-3, faz uma abordagem moderna à lógica simbólica.
- [10] livro “TEMAS DE FILOSOFIA”
- [11] Por exemplo, Kline (Kline, Morris (1972). *Mathematical Thought From Ancient to Modern Times*. [S.l.]: Oxford University Press. ISBN 0-19-506135-7, p.53) escreveu “A grande feito de Aristóteles foi ser o fundador da ciência da lógica”.
- [12] "Aristotle", MTU Department of Chemistry.
- [13] Jonathan Lear (1986). *"Aristotle and Logical Theory"*. Cambridge University Press. p.34. ISBN 0-521-31178-0
- [14] Simo Knuuttila (1981). *"Reforging the great chain of being: studies of the history of modal theories"*. Springer Science & Business. p.71. ISBN 90-277-1125-9
- [15] Michael Fisher, Dov M. Gabbay, Lluís Vila (2005). *"Handbook of temporal reasoning in artificial intelligence"*. Elsevier. p.119. ISBN 0-444-51493-7
- [16] Harold Joseph Berman (1983). *"Law and revolution: the formation of the Western legal tradition"*. Harvard University Press. p.133. ISBN 0-674-51776-8
- [17] CHURCH, Alonzo. *Introduction to Mathematical Logic*. 10th ed. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996. ISBN 978-0-691-02906-1
- [18] Vasconcelos, V.V.;Martins Junior, P.P. Protótipo de Sistema Especialista em Direito Ambiental para Auxílio à decisão em Situações de Desmatamento Rural. NT-27. CETEC-MG. 2004. 80p.
- [19] Vasconcelos, V.V.;Martins Junior, P.P. Protótipo de Sistema Especialista em Direito Ambiental para Auxílio à decisão em Situações de Desmatamento Rural. NT-27. CETEC-MG. 2004. 80p.
- [20] “Uma lógica causa-efeito” de Osvaldo Mendes

## 2.14 Leituras adicionais

- AZEVEDO FILHO, Adriano. Princípios de Inferência Dedutiva e Indutiva: Noções de Lógica e Métodos de Prova. 1ª Edição 2010, Scotts Valley: CreateSpace, 148p. ISBN 978-1-4421-5143-7.
- BRENNAN, Andrew; DEUSTCH, Max; GOLDS-TEIN, Lawrence. Lógica. Artmed, 1a edição 2007, 224p. ISBN 85-363-0908-3.
- DA COSTA Newton. Ensaio sobre os Fundamentos da Lógica. Hucitec, 2ª Edição 1994, 256p. ISBN 85-271-0182-3.
- DA COSTA Newton. Lógica Indutiva e Probabilidade. Hucitec-EdUSP, 3 a. ed., São Paulo, 2008.
- FEITOSA, Hércules de Araújo; PAULOVICH, Leonardo. Um Prelúdio à Lógica. UNESP 1a edição 2006, 225p. ISBN 85-7139-605-1
- COPI, Irving M. Introdução à Lógica. Mestre Jou. 2a edição 1978 488p. ISBN 85-87068-05-9
- FINGER, Marcelo; SILVA, Flávio Soares Corrêa da; MELO, Ana Cristina Vieira de. Lógica para Computação. Thomson Pioneira, 1a edição 2006, 244p. ISBN 85-221-0517-0
- FISHER, Alec. A Lógica dos Verdadeiros Argumentos. Novo Conceito, 1a edição 2008, 336p. ISBN 85-99560-29-8
- GORSKY, Samir. *A semântica algébrica para a lógica modal e seu interesse filosófico*. Dissertação de mestrado. IFCH-UNICAMP. 2008.



- HEGENBERG, Leonidas. Dicionário de Lógica. Editora Pedagógica e Universitária, 1995. 223p. ISBN 85-12-79060-1.
- MORTARI, César A. Introdução à Lógica. UNESP 1ª edição 2001, 391p. ISBN 85-7139-337-0
- NOLT, John; ROHATYN, Dennis. Lógica. Makron Books e McGraw-Hill, 596p.
- PINTO, Paulo Roberto Margutti. Introdução à Lógica Simbólica. UFMG 2ª edição 2006 339p. ISBN 85-7041-215-0
- SALMON, WESLEY C . Lógica. LTC, 3ª edição 1993, 96p. ISBN 85-7054-041-8
- SOUZA, João Nunes de. Lógica para Ciência da Computação. Campus, 2ª edição 2008, 240p. ISBN 85-352-2961-2

## Capítulo 3

# Metafísica

**Metafísica** (do grego antigo *μετά* (*metà*) = depois de, além de tudo; e *Φύσις* [*physis*] = natureza ou física) é uma das disciplinas fundamentais da filosofia. Os sistemas metafísicos, em sua forma clássica, tratam de problemas centrais da filosofia teórica: são tentativas de descrever os fundamentos, as condições, as leis, a estrutura básica, as causas ou princípios, bem como o sentido e a finalidade da realidade como um todo ou dos seres em geral.

Um ramo central da metafísica é a ontologia, a investigação sobre as categorias básicas do ser e como elas se relacionam umas com as outras. Outro ramo central da metafísica é a cosmologia, o estudo da totalidade de todos os fenômenos no universo.

Concretamente, isso significa que a metafísica clássica ocupa-se das “questões últimas” da filosofia, tais como: há um sentido último para a existência do mundo? A organização do mundo é necessariamente essa com que deparamos, ou seriam possíveis outros mundos? Existe um Deus? Se existe, como podemos conhecê-lo? Existe algo como um “espírito”? Há uma diferença fundamental entre mente e matéria? Os seres humanos são dotados de almas imortais? São dotados de livre-arbítrio? Tudo está em permanente mudança, ou há coisas e relações que, a despeito de todas as mudanças aparentes, permanecem sempre idênticas?

O que diferencia a metafísica das ciências particulares é que a metafísica considera o “inteiro” do ser enquanto as ciências particulares estudam apenas “partes” específicas do ser. A metafísica distingue-se das ciências particulares por conta do objeto a respeito do qual está preocupada, o ser total, e por ser uma investigação a priori. Por isso, a diferença entre os métodos da metafísica e das ciências particulares decorre da diferença entre os objetos estudados. Devemos lembrar-nos de que as categorias que valem para as partes não podem ser estendidas ao inteiro.

No quarto livro da *Metafísica*, Aristóteles nos informa que a filosofia primeira “não se identifica com nenhuma ciência particular, pois nenhuma outra ciência considera o **ser enquanto ser em geral**, mas, depois de ter delimitado uma parte dele, cada uma estuda as características dessa parte” (1003a 21-25). Por vezes, Aristóteles parece

tornar a metafísica uma ciência particular ao nos dizer que ela estuda as causas primeiras de todas as coisas, mas, na maior parte do tempo, a trata como a ciência do geral.

É muito comum imaginar que a metafísica lida com a transcendência, mas isso é um erro. Alguns tipos de pensamento metafísico centram-se no conceito de transcendência, mas não todos. Como já dito, o que caracteriza a Metafísica é a problemática do inteiro, por isso, são metafísicos “tanto os que afirmam que o inteiro envolve o ser supra-sensível e transcendente considerado como origem de todas as coisas, quanto os que afirmam que o inteiro não inclui nenhuma transcendência e, conseqüentemente, fazem a discussão da problemática do inteiro coincidir com a do sensível”<sup>[1]</sup>. Por exemplo, se considera que só exista o mundo sensível e que esse mundo seja totalmente material, então assume-se uma posição metafísica.

### 3.1 Origem da palavra “metafísica”

“Metafísica” é o título de uma obra de Aristóteles composta por catorze livros sobre filosofia geral. Uma hipótese bastante difundida atribui ao peripatético Andrônico de Rodes (século I a.C.) a iniciativa de chamar esse conjunto de escritos de “Metafísica”. Ao realizar a primeira compilação e sistematização dos escritos de Aristóteles, Andrônico os elencou depois dos oito livros que tratavam da Física, e os chamou de *tà metà tà physiká*, ou seja, “os que estão depois da física”. Desse modo, o título faria referência, sobretudo, à posição daqueles quatorze livros na classificação das obras de Aristóteles realizada por Andrônico.

Todavia, em vez de empregar o termo “metafísica”, Aristóteles usava geralmente a expressão “filosofia primeira” ou “teologia” (por contraste com “filosofia segunda” ou “física”) para fazer referência ao estudo do ser em geral. No entanto, a palavra “metafísica” acabou por se impor como denominação da ciência que, em conformidade com a filosofia primeira de Aristóteles, ocupa-se das características mais gerais dos seres ou da natureza da realidade<sup>[2]</sup>.

## 3.2 História da metafísica

No tratado de Aristóteles sobre metafísica, percebe-se certa ambiguidade quanto à delimitação do objeto da disciplina. Em certos trechos, ele afirma que o propósito da disciplina é investigar as causas primeiras de todas as coisas, em especial, Deus como primeiro motor do universo. Nesse aspecto, a filosofia primeira ou metafísica seria uma das disciplinas compartimentalizadas – como a biologia, a psicologia e a física – com um campo de investigação próprio e objetos específicos. No entanto, em outros momentos, Aristóteles diz que a metafísica é a ciência do “ser enquanto ser”, em outras palavras, seria a ciência que investiga a realidade em seus traços mais abrangentes e universais. Nessa concepção, a disciplina deixa de ser uma disciplina compartimentalizada, e passa a ser considerada como uma forma de investigação extremamente geral, cujo principal intuito é investigar os objetos em sua condição simples e fundamental de entidade. Segundo Aristóteles, uma das principais funções da filosofia primeira seria a de identificar as categorias a que as coisas pertencem e estabelecer as relações entre essas categorias. Por categorias, ele se referia a conceitos generalíssimos, tais como os de substância, unidade, identidade etc. Acima das categorias, não seria mais possível classificar uma entidade.<sup>[3]</sup>

Essa dupla compreensão do que seria o objetivo da metafísica manteve-se durante a Idade Média. Os filósofos e teólogos medievais também consideravam como “metafísicas” tanto as investigações sobre a natureza de Deus e de suas relações com o mundo, como as pesquisas sobre as características mais abrangentes da realidade.

Uma alteração significativa ocorreu na Idade Moderna por obra dos filósofos racionalistas. Temas que para a tradição aristotélica seriam próprios de outros campos de pesquisa, foram reunidos pelos racionalistas sob o termo “metafísica”: entre as novas frentes de investigação metafísica estariam a discussão sobre as relações entre a mente e o corpo e sobre as origens e fundamentos da realidade física. No quadro geral esboçado pelos racionalistas, a investigação do ser enquanto ser constituiria a chamada **metafísica geral** (é por essa época que se cunhou o termo “ontologia” para se referir à ciência do ser em seus aspectos mais gerais e abstratos).<sup>[4]</sup> Mas, além dessa abordagem generalíssima das características dos entes, os racionalistas inauguraram subdivisões na disciplina conforme os seus novos interesses e problemas. Desse modo, no âmbito da chamada **metafísica especial** teríamos as seguintes subdivisões: a *teologia racional*, que trata do Ser divino e de suas relações com os demais seres; a *cosmologia racional*, que trata dos princípios fundamentais da constituição do cosmos (a natureza da matéria, do vácuo, etc.); e a *psicologia racional*, que trata da substância espiritual e de suas relações com a matéria.

A filosofia racionalista não somente trouxe novos problemas à metafísica, mas também inaugurou um estilo ou-

sado de especulação filosófica. Na elaboração de seus sistemas metafísicos, os racionalistas trabalhavam com o pressuposto de que a razão desassistida, sem qualquer auxílio da experiência, poderia desvelar verdades fundamentais sobre a realidade. Esse pressuposto foi questionado pelos empiristas. Para filósofos como John Locke e David Hume a origem de nossos conceitos está na **experiência sensorial**. Qualquer teoria ou hipótese sobre o mundo ou sobre a mente deve estar amparada em dados empíricos. Como muitos dos conceitos e noções dos racionalistas eram elaborações sem qualquer vínculo evidente com a experiência, esses conceitos e noções não poderiam constituir nenhum conhecimento cientificamente válido.<sup>[5]</sup>

Uma segunda espécie de crítica à especulação metafísica foi elaborada por Immanuel Kant. Na visão de Kant, o conhecimento é resultado da interação entre conceitos inatos e dados sensoriais brutos.<sup>[5]</sup> Os objetos do conhecimento – as coisas de nossa experiência cotidiana – são resultado de uma elaboração prévia: os sentidos fornecem os dados originais que, por sua vez, são ordenados por aquelas estruturas inatas. Sendo assim, os objetos do conhecimento não são coisas externas ao sujeito ou independentes de suas **faculdades cognitivas**; ao contrário, são produtos da ação de um aparato cognitivo inato sobre os dados subjetivos captados pelos sentidos. O mundo em si mesmo (independente de nossas formas de percebê-lo e concebê-lo) seria algo absolutamente inacessível.<sup>[6]</sup>

Kant concede aos empiristas que os dados sensoriais são imprescindíveis, mas, em sua teoria, também é necessário que esses dados sejam sistematizados e organizados por estruturas conceptuais inatas. Em síntese, qualquer conhecimento requer forma e conteúdo. A forma é fornecida pelas estruturas inatas e o conteúdo pelos dados sensoriais.<sup>[6]</sup>

Da perspectiva kantiana, as metafísicas tradicionais cometeram o erro de tentar teorizar sobre coisas que estão além de qualquer experiência possível. As questões sobre a existência de Deus, a imortalidade da alma ou o livre-arbítrio não podem ser resolvidas pela razão humana, pois, em princípio, os supostos objetos estão fora de alcance do conhecimento empírico. Ao falar sobre Deus ou sobre o espírito os metafísicos tradicionais empregam conceitos familiares – como substância, identidade, causalidade etc.; mas essas estruturas só podem gerar conhecimento se forem aplicadas aos dados sensoriais. Segundo Kant, a suposição de que essas estruturas conceptuais possam operar satisfatoriamente quando destituídas de qualquer conteúdo sensorial é o erro fundamental dos sistemas metafísicos.<sup>[6]</sup>

Kant estabeleceu uma separação entres as formas de tratar as questões metafísicas. De um lado, estaria a “metafísica transcendente” e a sua promessa, segundo Kant, irrealizável de revelar a natureza de coisas que estão além de toda a experiência possível; de outro, a sua proposta, a “metafísica crítica”. A metafísica crítica é uma aborda-



gem mais comedida cuja pretensão é descrever as estruturas gerais do pensamento e do conhecimento. Em vez de tentar abarcar coisas que não estão ao alcance da razão humana, a metafísica crítica busca apresentar a forma como nós concebemos e conhecemos.<sup>[6]</sup>

A versão kantiana para os problemas metafísicos inaugurou uma orientação bastante influente.<sup>[6]</sup> Para muitos filósofos, a metafísica é uma investigação sobre as *nossas* formas de representar o mundo.<sup>[7]</sup> Essa posição costuma ser chamada de *idealista*,<sup>[8]</sup> e contrapõe-se a uma postura *realista* em metafísica. A orientação realista preserva a proposta original aristotélica de compreender a metafísica como uma investigação sobre a natureza da realidade tal como ela é em si mesma. A orientação idealista, por outro lado, considera esse empreendimento impossível e prescreve o exame da estrutura conceptual que adotamos para falar e pensar sobre o mundo. Há divergências sobre como caracterizar esse esquema conceptual: Kant defendeu que esse esquema era imanente ao sujeito; mas muitas versões do idealismo propõem que esses esquemas são recebidos pelo aprendizado da *língua nativa* ou por *herança cultural*.<sup>[7]</sup> Essas formas de idealismo tendem a pressupor alguma forma de *relativismo filosófico*: como não há como dizer o que é a realidade em si mesma, o que tomamos como conhecimento, verdades ou certezas está inevitavelmente condicionado pelos esquemas conceptuais implícitos em nossa linguagem e nossas práticas e *convenções* sociais.

### 3.3 Problemas metafísicos

A metafísica busca estudar os principais problemas provenientes do pensamento metafísico (de Platão e Aristóteles), assim como tematizar seus antecedentes, as discussões em metafísica são múltiplas e variadas, sendo especialmente difícil identificar algo comum a todos os problemas em debate.

#### 3.3.1 As categorias ontológicas

Uma das principais fontes da perplexidade gerada pela pergunta “o que é o ser?” está na absoluta falta de direções óbvias que orientem uma resposta. Uma alternativa é investigar a constituição material e as leis fundamentais da natureza. Essa foi a trilha inaugurada pelos pré-socráticos e hoje seguida pelas ciências naturais. Mas, se as ciências naturais já se dedicam à investigação sobre como é constituída as coisas da natureza e quais os princípios e leis governam os diversos fenômenos da realidade, o que restaria à filosofia, em especial à metafísica, investigar? Uma das orientações disponíveis foi proposta por Aristóteles: podemos dizer o que é o ser caracterizando-o segundo os conceitos mais gerais e abstratos possíveis. Na terminologia filosófica, esses conceitos mais abstratos e gerais são chamados de “categorias”. A maneira intuitiva

de se entender o que é uma categoria é tomá-la como um conceito tão abrangente e tão geral que se fôssemos usar um conceito ainda mais geral para classificar o objeto em consideração só restaria dizer que ele é uma coisa ou uma entidade. Tome-se o exemplo de Sócrates. Podemos classificá-lo dizendo que ele é um ser humano. Mas ele também pertence a classes ainda mais gerais. Sócrates também é um mamífero, um vertebrado, um organismo vivo. Segundo a proposta da metafísica, podemos avançar nessa classificação de Sócrates, passando por conceitos cada vez mais gerais até chegar a uma tão geral que, se dêssemos mais um passo, só restaria classificá-lo como um ser (uma coisa, uma entidade). Na metafísica aristotélica, por exemplo, Sócrates e os demais seres humanos pertencem à categoria da substância. A tarefa da metafísica, portanto, seria a de identificar essas categorias básicas e generalíssimas, bem como revelar as suas inter-relações. O resultado dessa empreitada seria a revelação do próprio arcabouço da realidade – quer consideremos que esse arcabouço seja a própria estrutura do real, quer o entendamos como o esquema básico de nossos conceitos sobre o mundo.

Mas não se deve pensar que o trabalho dos metafísicos resume-se a um procedimento monótono de fazer classificações cada vez mais gerais até chegar aos conceitos mais abstratos possíveis. As categorias não são coisas dadas que apenas aguardam passivamente que alguém as encontre. É certo que há, em maior ou menor grau, certo consenso sobre que tipos de conceitos valem a pena ser discutidos – justamente por representarem, aparentemente, elementos básicos ou fundamentais de nossa concepção de realidade. É o caso de noções como mente, corpo físico, objeto abstrato, valor, evento, processo, disposição, necessidade, estado de coisas, propriedade e fato.<sup>[9]</sup> Na verdade, grande parte das discussões metafísicas giram em torno de quais dessas noções devem ser consideradas categorias – ou, em outras palavras, o que devemos tomar por mais fundamental e elementar na estrutura da realidade. Diante de uma lista de noções básicas como a apresentada duas tarefas se impõem: (1) determinar quais são as mais básicas; (2) mostrar como as categorias se relacionam com outros conceitos básicos. Tome-se, por exemplo, uma teoria metafísica que considere que os corpos físicos são mais fundamentais que as mentes. Uma das tarefas dessa teoria será conciliar os estados mentais com os corpos físicos, e responder questões como “A mente humana é o mesmo que estados e processos físicos?”, “Como a mente emerge da matéria?”, “O que há de errado com a ideia de separação entre o físico e o mental?”. Outro exemplo. Alguns filósofos defenderam que as nossas percepções são ontologicamente mais fundamentais que os objetos materiais. Essa é uma tese que vai ao encontro do senso comum. Geralmente, tomamos os objetos físicos que nos cercam (pessoas, móveis, casas, animais) como coisas existentes e independentes de nossa percepção. A tese metafísica de que as percepções são mais fundamentais terá, então, de ser desenvolvida em explicações sobre como esses objetos materiais são

construídos e elaborados a partir de nossas percepções e sobre qual é o seu status ontológico já que são construções oriundas do sujeito.

### O problema dos universais

Uma das discussões metafísicas mais antigas diz respeito à existência de universais. “Universal” designa uma categoria que inclui entidades de múltipla realização – ou seja, ao contrário dos seres pertencentes à categoria dos **particulares**, os universais se manifestam em vários indivíduos distintos, em lugares e instantes distintos. A querela tem início numa constatação pré-filosófica bem simples. Quando falamos sobre coisas particulares – homens, animais, plantas e objetos inanimados tomados individualmente – atribuímos a elas certas propriedades a fim de qualificá-las e classificá-las. Falamos, por exemplo, que *este* tomate é vermelho, *esta* blusa é vermelha ou *aquele* carro é vermelho. Nesse caso, podemos dizer que o tomate, a blusa e o carro coincidem na apresentação de um mesmo atributo – o de ser vermelho. O problema dos universais começa com a seguinte pergunta: o vermelho é uma única e mesma entidade multiplamente presente em todas essas coisas? Em termos mais gerais: quando vários objetos apresentam um mesmo atributo, deve-se postular a existência desse atributo como algo, de alguma maneira, separada daqueles objetos? Platão achava que sim. Podemos ler num de seus diálogos:

Segundo Platão, o fato de haver um conjunto de coisas nomeáveis e classificáveis pelo mesmo termo deve ser explicado por um fato ainda mais fundamental, isto é, deve ser explicado pela existência de um tipo de entidade que se manifesta multiplamente e pela vigência de uma relação específica entre as coisas particulares e essas entidades – a participação. Vários filósofos acataram a ideia geral de Platão segundo a qual a manifestação de determinado atributo em uma coisa particular está fundamentada numa relação específica entre essa coisa e uma entidade de múltipla realização (tradicionalmente chamada de universal). A relação pode ser expressa em terminologias distintas (“exemplificação”, “manifestação”, “exibição”), mas a ideia fundamental é a mesma. Uma coisa particular é sólida, por exemplo, porque essa coisa é uma exemplificação da solidez.

Os filósofos que aderem a essa posição quanto aos universais são geralmente chamados de realistas; e a posição que advogam, de **realismo**. Há dissensões entre os realistas quase tão antigas quanto a própria filosofia. Platão e Aristóteles eram ambos realistas quanto a universais; ambos acreditavam que os predicados que adotamos para qualificar as coisas particulares referem-se a entidades reais – que, ao contrário dos indivíduos, manifestam-se multiplamente. No entanto, Platão também acreditava que os universais eram entidades de existência completamente

independente das coisas particulares – existiriam num domínio fora do espaço-tempo. (Na ontologia platônica, os universais coincidem com a categoria dos objetos abstratos ou das entidades cuja existência se dá fora de dimensões espaciotemporais.) Aristóteles, por sua vez, insistiu na crítica a essa noção de absoluta independência dos universais. Para ele, os universais só podem se manifestar nas coisas concretas e particulares. Na terminologia da escolástica, ainda hoje adotada, Platão acreditava que os universais existiam *ante res* (previamente aos objetos particulares), enquanto Aristóteles acreditava na existência dos universais *in rebus* (nos objetos particulares).<sup>[4]</sup>

A tese oposta ao realismo quanto aos universais é tradicionalmente chamada de **nominalismo**. Para os filósofos nominalistas, a postulação de universais representa uma proliferação desnecessária de entidades, pois, como defendem, o discurso sobre atributos apenas aparentemente faz referência a universais.

As estratégias nominalistas de desfazer a aparência enganosa que nos induz a postular universais podem assumir diferentes orientações. Michael Loux identifica ao menos quatro orientações básicas: o nominalismo austero, o nominalismo metalinguístico, a teoria dos tropos e o ficcionalismo.

Segundo o nominalismo austero as referências a universais, embutidas em nosso discurso sobre a coincidência de atributos, são apenas aparentes. Quando convenientemente tratadas as proposições que expressam concordância em atributo remeteriam apenas a particulares. Em síntese, as referências à coragem, à sabedoria ou à justiça seriam formas mascaradas de se falar de indivíduos carajosos, indivíduos sábios ou indivíduos justos.

### 3.3.2 Necessidade e contingência

A classe das proposições verdadeiras apresenta uma importante divisão. Há uma subclasse de proposições que poderiam ser falsas, e há uma subclasse de proposições que não podem, de forma alguma, ser falsas. A proposição “Brasília é a capital do Brasil” pertence à primeira subclasse; “2+2=4” é um exemplo da segunda.<sup>[4]</sup>

Uma separação correspondente pode ser feita na classe das proposições falsas. Há uma subclasse de proposições falsas que poderiam ser verdadeira e outra cujas proposições jamais poderiam ser verdadeiras.<sup>[4]</sup>

Para os filósofos medievais, o fato de haver essas subclases tanto no conjunto das proposições verdadeiras como no das proposições falsas revelava dois modos da verdade proposicional: o modo da contingência e o modo da necessidade. Daí o uso do termo “modalidade” para falar de proposições necessariamente verdadeiras, possivelmente falsas etc.<sup>[4]</sup>

A modalidade de uma proposição é chamada de modalidade *de dicto*, e envolve a ideia de que a necessidade ou a possibilidade expressa na proposição é um atributo da

proposição, não das coisas em si mesmas. O caso paradigmático é o das chamadas proposições analíticas – proposições que são verdadeiras exclusivamente em virtude dos significados de seus termos. A afirmação “Todo o solteiro é não casado” é necessariamente verdadeira, mas essa necessidade é resultante de convenções linguísticas – por definição, solteiros são aqueles que ainda não se casaram.

A modalidade *de dicto* é assunto, sobretudo, da lógica e da filosofia da linguagem. Na metafísica a preocupação predominante está voltada para a chamada modalidade *de re* – da modalidade das coisas em si mesmas. Na metafísica clássica, por exemplo, as discussões sobre Deus não estão ocupadas em saber se certas proposições envolvendo o conceito de Deus são analiticamente verdadeiras (como seria o caso, talvez, de “Deus é onisciente”), mas em demonstrar a existência de um ser necessário – um ser, em outras palavras, que não poderia não ter existido nem poderia deixar de existir.

A análise de modalidades *de re* aplica-se igualmente a objetos comuns. Intuitivamente consideramos que um ser humano particular é uma coisa de existência contingente. Se, por exemplo, os pais de uma pessoa concreta não tivessem se conhecido, certamente ela não teria existido. Essa pessoa é um ser contingente. Ora, se é plausível falar de coisas contingentes, também parece plausível falar de seres necessários – uma vez que o conceito de seres necessários é complementar ao de seres contingentes, e, presumivelmente, é um pressuposto desse último. Um ente necessário seria aquele do qual é necessariamente falso afirmar a sua inexistência.

Uma abordagem análoga pode ser dada às propriedades. Um determinado indivíduo, por exemplo, apresenta concretamente a propriedade de falar inglês. Intuitivamente consideramos que, embora factualmente esse indivíduo fale inglês fluentemente, essa é uma propriedade que ele poderia não ter adquirido. Nesse caso, a propriedade de falar inglês é uma propriedade possuída contingentemente ou acidentalmente pelo indivíduo em questão. Assim como no caso das coisas, apresentado acima, se faz sentido falar sobre “ter uma propriedade contingentemente (ou acidentalmente)”, também faz sentido falar de “ter uma propriedade necessariamente (ou essencialmente)”. A atribuição de uma propriedade essencial varia conforme a orientação filosófica. Numa visão *fisicista*, por exemplo, um ser humano particular é essencialmente um objeto físico. Por outro lado, numa visão *dualista*, esse mesmo ser humano concreto é essencialmente um objeto não-físico. No entanto, apesar dessas variações conforme a orientação filosófica, permanece a intuição fundamental de que há propriedades essenciais e, independentemente das abordagens filosóficas, todas elas concordarão com a afirmação de que qualquer ser humano particular terá essencialmente a propriedade de “não ser uma omelete”.

Um dos principais críticos à adoção de conceitos modais

no discurso filosófico foi W. V. O. Quine. Sua discussão da modalidade assumia duas teses: por um lado, a modalidade *de dicto* só pode ser entendida em termos de analiticidade (que, segundo Quine, era uma noção tão problemática quanto a de modalidade); por outro lado, a modalidade *de re* não pode sequer ser entendida em termos de analiticidade – o que a torna uma noção absolutamente ininteligível.

No entanto, predomina hoje a convicção de que as críticas de Quine foram convenientemente superadas pelos trabalhos, entre outros, de Saul Kripke e Alvin Plantinga. Ambos fazem uso do conceito de mundos possíveis, a fim de elaborar um discurso metafísico coerente sobre a modalidade. A noção de mundos possíveis, elaborada pela primeira vez por Leibniz, ainda no século XVII, permite construir definições para qualquer conceito modal. Com o auxílio desse conceito, podemos caracterizar, por exemplo, uma proposição necessariamente verdadeira como uma proposição que é verdadeira em todos os mundos possíveis; um indivíduo contingente como um indivíduo que não exista em pelo menos um mundo possível. Da mesma forma, podemos dizer que um indivíduo é essencialmente um ser humano se ele tem a propriedade de ser da espécie humana em todos os mundos possíveis em que exista.<sup>[4]</sup>

Nessa abordagem, portanto, as noções modais apresentam uma conexão estreita com o conceito de mundos possíveis. Uma questão metafisicamente crucial é caracterizar essa conexão. Na metafísica contemporânea, as interpretações desse vínculo entre noções modais e mundos possíveis agruparam-se em duas tendências radicalmente opostas. Numa dessas tendências, cujo expoente é o filósofo David Lewis, o esclarecimento das noções modais é integrado a um projeto deliberadamente nominalista. As noções modais são reduzidas a conceitos não-modais. Também são reduzidas outras noções consideradas problemáticas, como as de proposição e propriedade. Uma propriedade, por exemplo, é caracterizada em termos de objetos particulares, conjuntos e mundos possíveis. No entanto, embora essas reduções de caráter nominalista sejam convenientemente realizadas, o custo dessa proposta é o de admitir que os mundos possíveis são tão reais quanto o nosso mundo atual.

A outra tendência é liderada por Plantinga. Na proposta de Plantinga as noções de mundos possíveis, proposição, estado de coisas, necessidade e possibilidade (entre outras) formam uma rede de conceitos interligados. Não há como reduzir essas noções a um conjunto de termos não-modais. A melhor estratégia a nossa disposição é esclarecer as inter-relações entre tais conceitos de modo a obter maior clareza sobre eles. Segundo Plantinga, portanto, a compreensão dos mundos possíveis exige as noções modais, e a compreensão do que sejam as noções modais exige, por sua vez, o conceito de mundos possíveis. Mas isso não quer dizer que estejamos incorrendo num círculo vicioso. À medida que esclarecemos um conceito modal em termos de mundos possíveis ou que explicitamos as



relações entre proposições e mundos possíveis, aumentamos a inteligibilidade desses conceitos.

### 3.4 Ver também

- Filosofia
- Holismo
- Lógica
- Metafilosofia
- Metafísica (Aristóteles)
- Pensamento
- Pragmatismo e Pragmaticismo
- Schopenhauer

### 3.5 Notas e referências

- [1] REALE, Giovanni. *O Saber dos Antigos*. São Paulo: Loyola, 2011. p. 57-58
- [2] Reale & Antiseri, 1990, p. 179.
- [3] Loux, M. 2006. pp. 2-3.
- [4] van Inwagen, 2010.
- [5] Loux, 2006, p. 5.
- [6] Loux, 2006, p. 6.
- [7] Loux, 2006, p. 7.
- [8] Loux, 2006, p. 8.
- [9] Blackburn, 2003, p. 62.
- [10] Plato, *Parmenides*. The Internet Classics Archive.

### 3.6 Bibliografia

- Aristóteles. *Metafísica*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- Blackburn, Simon. Metaphysics, in Bunnin, Nicholas & Tsui-James, E. P. (eds.) *The Blackwell companion to philosophy*. 2nd ed. London: Blackwell, 2003. ISBN 0-631-21907-2
- Loux, Michael J. *Metaphysics: a contemporary introduction*. 3rd ed. London: Routledge, 2006. ISBN 9780415401333.
- Reale, Giovanni. *Aristóteles-Metafísica*. São Paulo: Loyola, 2002. 3v. ISBN 8834305418.
- Reale, Giovanni & Antiseri, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990. V. 1. ISBN 8505010760.


- van Inwagen, Peter. *Metaphysics*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2010 Edition), Edward N. Zalta (ed.)

### 3.7 Ligações externas

- *Metaphysics* Artigo da Stanford Encyclopedia of Philosophy (em inglês)

# Capítulo 4

## Verdade

 **Nota:** Para outros significados, veja *Verdade* (desambiguação).

A palavra **verdade** pode ter vários significados, desde

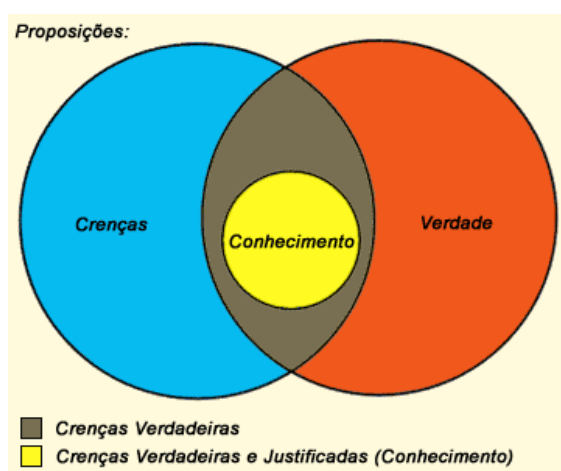


Diagrama do conhecimento.

“ser o caso”, “estar de acordo com os fatos ou a realidade”, ou ainda ser fiel às origens ou a um padrão. Usos mais antigos abrangiam o sentido de fidelidade, constância ou sinceridade em atos, palavras e caráter. Assim, “a verdade” pode significar o que é real ou possivelmente real dentro de um sistema de valores. Esta qualificação implica o imaginário, a realidade e a ficção, questões centrais tanto em antropologia cultural, artes, filosofia e a própria razão. Como não há um consenso entre filósofos e acadêmicos, várias teorias e visões a cerca da verdade existem e continuam sendo debatidas.

### 4.1 Filosofia

O primeiro problema para os filósofos é estabelecer que tipo de coisa é verdadeira ou falsa, qual o portador da verdade (em inglês *truth-bearer*). Depois há o problema de se explicar o que torna verdadeiro ou falso o portador da verdade. Há teorias robustas que tratam a verdade como uma propriedade. E há teorias deflacionárias, para as quais a verdade é apenas uma ferramenta conveniente da nossa linguagem. Desenvolvimentos da lógica formal

trazem alguma luz sobre o modo como nos ocupamos da verdade nas linguagens naturais e em linguagens formais.

Para Nietzsche, por exemplo, a verdade é um ponto de vista. Ele não define nem aceita definição da verdade, porque não se pode alcançar uma certeza sobre a definição do oposto da mentira. Daí seu texto “como filosofar com o martelo”.<sup>[1]</sup>

Mas para a filosofia de René Descartes a certeza é o critério da **verdade**.

Quem concorda sinceramente com uma frase está se comprometendo com a verdade da frase. A filosofia estuda a **verdade** de diversas maneiras. A metafísica se ocupa da natureza da verdade. A lógica se ocupa da preservação da verdade. A epistemologia se ocupa do conhecimento da verdade.

Há ainda o problema epistemológico do conhecimento da verdade. O modo como sabemos que estamos com dor de dente é diferente do modo como sabemos que o livro está sobre a mesa. A dor de dente é subjetiva, talvez determinada pela introspecção. O fato do livro estar sobre a mesa é objetivo, determinado pela percepção, por observações que podem ser partilhadas com outras pessoas, por raciocínios e cálculos. Há ainda a distinção entre verdades relativas à posição de alguém e verdades absolutas.

Os filósofos analíticos apontam que a visão relativista é facilmente refutável.

A refutação do relativismo, segundo Tomás de Aquino, baseia-se no fato de que é difícil para alguém declarar o relativismo sem se colocar fora ou acima da declaração. Isso acontece porque, se uma pessoa declara que “*todas as verdades são relativas*”, aparece a dúvida se essa afirmação é ou não é relativa. Se a declaração não é relativa, então, ela se auto-refuta pois é uma verdade sobre relativismo que não é relativa. Se a declaração não é relativa, conclui-se que a declaração “*todas as verdades são relativas*” é uma declaração falsa.

Por outro lado, se todas as verdades são relativas, incluindo a afirmação de que “*todas as verdades são relativas*”, então, o interlocutor não é obrigado a crer na afirmação. Ele é livre para acreditar, inclusive, que “*todas as verdades são absolutas*”

## 4.2 O portador da verdade


Alguns filósofos chamam muitas entidades, que de alguma forma podemos afirmar que ela é verdadeira ou falsa, de *portador da verdade*. Assim, portadores da verdade podem ser pessoas, coisas, sentenças assertivas, proposições ou crenças.<sup>[2]</sup>

## 4.3 Tipos de verdade

A verdade é uma interpretação mental da realidade transmitida pelos sentidos, confirmada por outros seres humanos com cérebros normais e despidos de preconceitos (desejo de crer que algo seja verdade), e confirmada por equações matemáticas e linguísticas formando um modelo capaz de prever acontecimentos futuros diante das mesmas coordenadas.<sup>[carece de fontes?]</sup>

- Verdade *material* é a adequação entre o que é e o que é dito.
- Verdade *formal* é a validade de uma conclusão à qual se chega seguindo as regras de inferência a partir de postulados e axiomas aceitos.
- É uma verdade *analítica* a frase na qual o predicado está contido no sujeito. Por exemplo: “Todos os porcos são mamíferos”.<sup>[3]</sup>
- É uma verdade  *sintética* a frase na qual o predicado não está contido no sujeito.<sup>[4]</sup>
- Sofisma é todo tipo de discurso que se baseia num antecedente falso tentando chegar a uma conclusão lógica válida.

## 4.4 Teorias metafísicas da verdade

 Ver artigo principal: Teorias da verdade

### 4.4.1 Verdade como correspondência ou adequação

A teoria correspondentista da verdade é encontrada no aristotelismo (incluindo o tomismo). De acordo com essa concepção, a verdade é a adequação entre aquilo que se dá na realidade e aquilo que se dá na mente.

A verdade como correspondência foi definida por Aristóteles no tratado *Da Interpretação*, no qual ele analisa a formação das frases suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas. Uma frase é verdadeira quando diz que o que é, é, ou que o que não é, não é. Uma frase é falsa quando diz que o que é, não é, ou que o que não é, é.

O problema dessa concepção é entender o que significa *correspondência*. É um tipo de *semelhança* entre o que é e o que é dito? Mas, que tipo de semelhança pode haver entre as *palavras* e as coisas?

O método científico, por exemplo, estabelece procedimentos para se realizar essa correspondência. Nesse caso um juízo de verdade V é então legitimado, de forma tal que a comunidade de cientistas (que partilham entre si conhecimento e experiências) aceita/certifica como verdadeira a proposição P, oriunda da correspondência realizada entre P(V) e a “realidade empírica”, via *método científico*.

### 4.4.2 Verdade por correspondência

O conceito de verdade como correspondência é o mais antigo e divulgado. Pressuposto por muitas das escolas pré-socráticas, foi pela primeira vez, explicitamente formulado por Platão com a definição do discurso verdadeiro, no diálogo *Crátilo*: “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são.” (Crtas.,385b;v.Sof.,262 e; Fil.,37c). Por sua vez Aristóteles dizia: “Negar aquilo que é, e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a verdade.” (Met.,IV,7,1011b 26 e segs.;v.V,29,1024b 25).

Aristóteles enunciava também os dois teoremas fundamentais deste conceito da verdade. O primeiro é que a verdade está no pensamento ou na linguagem, não no ser ou na coisa (Met.,VI,4,1027 b 25). O segundo é que a medida da verdade é o ser ou a coisa, não o pensamento ou o discurso: de modo que uma coisa não é branca porque se afirma com verdade que é assim; mas se afirma com verdade que é assim, porque ela é branca. (Met., IX, 10,1051 b 5).

### 4.4.3 Desmenção

De acordo com a teoria desmencionista da verdade, para chegarmos à verdade de uma proposição basta tirarmos as aspas da mesma. Por exemplo, a proposição “A neve é branca” é verdadeira se, e somente se, a neve é branca.

### 4.4.4 Deflacionismo

De acordo com o deflacionismo, o predicado de segunda ordem “É verdade que ...” não acrescenta nada à frase de primeira ordem à qual ele é aplicado. Por exemplo, não há nenhuma diferença lógica entre a frase “É verdade que a água é molhada” e a frase “A água é molhada”.<sup>[5]</sup>

### 4.4.5 Desvelamento

Segundo esta concepção, verdade é **desvelamento**. Conhecer a verdade é deixar o ser se manifestar. É estar aberto para o ser. Nas versões modernas do *desvelamento*, mais pragmáticas, a verdade é algo “sempre em construção”, e que portanto sempre vai possuir “valor verdade” inferior a 100%.

Posição típica de Martin Heidegger (em *Ser e tempo*, parágrafo 44, e na conferência “A essência da verdade”).


### 4.4.6 Pragmatismo

Para o pragmatismo a verdade é o valor de uma coisa.<sup>[6]</sup> Em Habermas a verdade se confunde com a validade intersubjetiva, ou consenso. Se uma proposição não é submetida ao crivo da comunidade, nada se pode dizer sobre sua falsidade.

No Empirismo o *pragmatismo* não se opõe à *correspondência*, mas se funde a ela: a “verdade empírica” como *correspondência* obtida por *consenso* na comunidade científica.

## 4.5 Teorias formais

### 4.5.1 Verdade lógica

 Ver artigos principais: Verdade lógica e Valor de verdade

A lógica se preocupa com os padrões de razão que podem nos ajudar a dizer se uma **proposição** é verdadeira ou não. No entanto, a lógica não lida com a verdade no sentido absoluto, como a metafísica. Os lógicos usam **linguagem formal** para expressar as verdades. Assim só existe verdade em alguma interpretação lógica ou dentro de algum sistema lógico.

Uma verdade lógica (também chamada verdade analítica ou verdade necessária) é uma afirmação que é verdadeira em todos os mundos possíveis<sup>[7]</sup> ou segundo todas as possíveis interpretações, em contraste com um *fato* (também chamado *proposição sintética* ou uma *contingência*) que só é verdadeiro neste mundo, tal como se desenvolve historicamente. Uma proposição, como “Se p e q, então p”, é considerada uma verdade lógica por causa do significado dos símbolos e palavras que a constituem e não por causa de qualquer fato de qualquer mundo particular. Verdades lógicas são tais que não poderiam ser falsas.

### 4.5.2 Verdade em matemática

 Ver artigos principais: Teoria dos modelos e Teoria da prova

Existem duas abordagens principais para a verdade em matemática: o *modelo da teoria da verdade* e a *teoria da prova da verdade*.

Com o desenvolvimento da álgebra booliana no século XIX, modelos matemáticos de lógica começaram a tratar a “verdade”, também representada como “V” ou “1”, como uma constante arbitrária. “Falsidade” é também uma constante arbitrária que pode ser representado por “F” ou “0”. Em lógica proposicional, esses símbolos podem ser manipulados de acordo com um conjunto de axiomas e regras de inferência, muitas vezes dadas na forma de tabelas verdade.

Além disso, desde pelo menos a época do programa de Hilbert, na virada do século XX, até a prova dos teoremas da incompletude de Gödel e o desenvolvimento da tese de Church-Turing, no início daquele século, afirmações verdadeiras em matemática foram geralmente assumidas como demonstráveis em um sistema axiomático formal.

Os trabalhos de Gödel, Turing e outros abalaram este pressuposto, com o desenvolvimento de proposições que são verdadeiras, mas não podem ser comprovadas dentro do sistema.<sup>[8]</sup> Dois exemplos podem ser encontrados nos *Problemas de Hilbert*. O trabalho sobre os 10 problemas de Hilbert levou, no final do século XX, à construção de equações diofantinas específicas, para as quais é indecidível se têm uma solução,<sup>[9]</sup> ou, se tiverem, se teriam um número finito ou infinito de soluções. Mais fundamentalmente, o primeiro problema de Hilbert estava na hipótese do continuum.<sup>[10]</sup> Gödel e Paul Cohen mostraram que essa hipótese não pode ser provada ou refutada usando os axiomas padrão da teoria dos conjuntos.<sup>[11]</sup> Na opinião de alguns é, então, igualmente razoável tomar tanto a hipótese do continuum quanto a sua negação, como um novo axioma.

### 4.5.3 Teoria semântica da verdade

 Ver artigo principal: Teoria semântica da verdade

A teoria semântica da verdade tem como caso geral, para um dado idioma:

'P' é verdadeiro se e somente se P

onde “P” refere-se à sentença (o nome da sentença), e P é apenas a própria sentença.

O lógico e filósofo Alfred Tarski desenvolveu a teoria das linguagens formais (como lógica formal). Aqui, ele a restringiu desta forma: nenhuma língua poderia conter seu próprio predicado de verdade - ou seja, a expressão “é verdade” somente seria aplicável a sentenças em outro idioma. A este idioma ele chamou *língua objeto* - o idioma sobre o qual se fala. O motivo para sua restrição era que as línguas que contêm seu próprio predicado de



verdade conteriam frases paradoxais como “Esta sentença não é verdade”. Tais sentenças podem, porém, conter um predicado de verdade aplicável a sentenças em outro idioma.

## 4.6 Referências

- [1] Sérgio Campos Gonçalves, “Da premissa metafísica à história do sentido: a Verdade em questão e sua concepção como objeto em Nietzsche”, *Revista de Teoria da História*, v. 6, p. 122-138, 2011, ISSN 2175-5892.
- [2] Crítica na Rede. «Crítica: Teorias da Verdade». Consultado em 23 de janeiro de 2012
- [3] Portal da Língua Portuguesa. Dicionário de Termos Linguísticos. Subdomínio - Semântica. Proposição analítica
- [4] Portal da Língua Portuguesa. Dicionário de Termos Linguísticos. Subdomínio - Semântica. Proposição sintética
- [5] «Rorty, Nietzsche e a democracia. A teoria deflacionária da verdade como elo entre Nietzsche e o sonho utópico de Rorty. Por Paulo Ghiraldelli Jr.. *Cadernos Nietzsche* 4, p. 17-25, 1998.» (PDF)
- [6] Dicionário Informal. «Pragmatismo». Consultado em 23 de fevereiro de 2012
- [7] Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*.
- [8] Ver, por exemplo, Chaitin, Gregory L. , *The Limits of Mathematics* (1997), 89s.
- [9] M. Davis. “Hilbert’s Tenth Problem is Unsolvable.” *American Mathematical Monthly* 80, pp. 233-269, 1973
- [10] Yandell, Benjamin H.. *The Honors Class. Hilbert’s Problems and Their Solvers* (2002).
- [11] Chaitin, Gregory L., *The Limits of Mathematics* (1997) 1-28, 89s.

## 4.7 Bibliografia

- Abdruschin. *Na Luz da Verdade*.
- Immanuel Kant. *Crítica da razão pura*.
- Immanuel Kant. *Crítica da razão prática*.
- Santo Anselmo. *De veritate*.
- Aristóteles. *Da interpretação*.
- John Austin. 1961. “Truth”. In *Philosophical papers*. Oxford University Press.
- Pascal Engel. 1998. *La vérité: réflexions sur quelques truismes*. Paris: Hatier.
- Espinoza. 1663. *Pensamentos metafísicos*. Primeira parte, capítulo VI.

- Lenio Luiz Streck. “Verdade e Consenso”.
- Martin Heidegger. 1927. *Ser e tempo*. Parágrafo 44.
- Martin Heidegger. 1930. “Sobre a essência da verdade”. In: Victor Civita, editor. *Os pensadores: Heidegger*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 2a. edição. Tradução de Ernildo Stein...

## 4.8 Ver também

- Teorias da verdade
- Teoria semântica da verdade
- Alfred Tarski
- Paradoxo da realidade ou verdade objetiva
- Certeza

## 4.9 Ligações externas

# Capítulo 5

## Sofisma

**Sofisma** ou **sofismo** (do grego antigo σόφισμα -ατος, derivado de σοφίεσθαι “fazer raciocínios capciosos”) em filosofia, é um raciocínio ou falácia se chama a uma refutação aparente, refutação sofisticada e também a um silogismo aparente<sup>[1]</sup>, ou silogismo sofisticado, mediante os quais se quer defender algo falso e confundir o contraditor<sup>[2]</sup>. Não devemos confundir os sofismas com os **paralogismos**: os primeiros procedem da má fé, os segundos, da ignorância<sup>[3]</sup>.

### 5.1 Sofistas da Grécia antiga

 Ver também: Sofistas

A palavra sofista (do grego *sophistes*) deriva das palavras *sophia* e *sophos*, que significam “sabedoria” ou “sábio” desde os tempos de Homero, e foi originalmente usada para descrever a experiência em um conhecimento ou ofício em particular<sup>[4]</sup>. Aos poucos, porém, a palavra também veio a denotar sabedoria geral e especialmente sabedoria sobre os assuntos humanos (por exemplo, política, ética ou gestão doméstica). Este foi o significado atribuído ao grego Sete Sábios do 7º e 6º séculos a.C. (como Sólon e Tales), e foi este o significado que apareceu nas histórias de Heródoto<sup>[5]</sup>. Diz Platão que os sofistas não se preocupam em absoluto com obter a solução certa, mas desejam unicamente conseguir que todos os ouvintes estejam de acordo com eles<sup>[6]</sup>.


Os principais e mais conhecidos sofistas foram Protágoras de Abdera (c. 490 –421 a.C.), Górgias de Leontinos (c. 487 - 380 a.C.), Hípias de Élis, Licofron, Pródico que teria sido mestre de Sócrates e Trasímaco, Cálicles<sup>[7]</sup> embora tenham existido muitos outros dos quais conhecemos pouco mais do que os nomes<sup>[8]</sup>.

Protágoras foi um dos professores mais conhecidos e bem-sucedidos. Ele ensinou aos seus alunos as habilidades e os conhecimentos necessários para uma vida bem sucedida, especialmente na política, ao invés de filosofia. Ele treinou seus alunos para discutir a partir do ponto de vista, porque ele acreditava que a verdade não pode ser limitada a apenas a um lado do argumento. Protá-

goras escreveu sobre uma variedade de assuntos e alguns fragmentos de sua obra chegou aos dias de hoje. Ele é o autor da famosa frase: “O homem é a medida de todas as coisas”<sup>[9]</sup>, que é a sentença de abertura de seu trabalho chamado *Verdade*<sup>[10]</sup>. Segundo Platão, Protágoras define a sua arte como “educar os homens”<sup>[11]</sup>.

Górgias é outro sofista conhecido, seus escritos mostram a sua capacidade de fazer posições ridículas e impopulares parecerem mais fortes. Górgias é o autor de uma obra perdida conhecida como *Da Natureza do inexistente*, onde argumenta de que nada existe, nela, ele tenta convencer seus leitores de que o pensamento e a existência eram diferentes<sup>[12]</sup>, e disse que “o que importa é a adesão, não o ensinamento do justo ou do injusto”<sup>[13]</sup>.

### 5.2 Definições segundo Aristóteles

 Ver também: Elencos Sofísticos

Aristóteles foi o primeiro a apresentar uma lista de sofismas em seu escrito *Refutações sofisticadas*, considerado um apêndice aos *Tópicos*, ele indica que há duas classes de argumentos<sup>[14]</sup>: uns verdadeiros e outros que não o são, embora pareçam. Estes últimos são os sofismas ou refutações sofisticadas. Por sua vez estas se dividem em refutações sofisticadas que dependem da linguagem usada, chamadas também de “sofismas linguísticos” e refutações sofisticadas que não dependem da linguagem, chamadas também de “sofismas extralinguísticos”<sup>[2]</sup>.

### 5.3 Prática contemporânea

Atualmente os veículos de comunicação têm sido relacionados ao uso do sofisma, exemplos incluem a falta de embasamento veiculado no jornalismo<sup>[15]</sup> e programas de entretenimento que “usam um discurso agradável para forçar a audiência a fazer o que eles querem”<sup>[16]</sup>.

## 5.4 Ver também

- Apelo à natureza
- Demagogia
- Falácia
- Paralogismo
- Retórica
- Silogismo
- *Sofista* (diálogo de Platão)

## 5.5 Referências

- [1] “Japiassu e Marcondes explicam que o sofisma é o 'raciocínio que possui aparentemente a forma de um silogismo, sem que o seja, sendo usado assim de modo a produzir a ilusão de validade, e tendo como conclusão um paradoxo ou um impasse'. ” Francisco José Castilhos Karam (2004). *A ética jornalística e o interesse público*. [S.l.]: Summus Editorial. p. 104. ISBN 978-85-323-0858-0
- [2] José Ferrater Mora (2001). *Dicionário de filosofia. 4. (Q-Z)*. [S.l.]: Ed. Loyola. p. 2728. ISBN 978-85-15-02004-1
- [3] Pacífico de Bellevaux (1999). *Crteriologia: uma teoria do conhecimento*. [S.l.]: EDIPUCRS. p. 84. ISBN 978-85-7430-076-4
- [4] «Sophism» (em inglês). dictionary.com. Consultado em 17 de maio de 2013
- [5] Plato protogoras, intro by N Denyer, p1, cambridge up, 2008
- [6] Platão, *Fédon*
- [7] Platão, *Górgias*
- [8] Danilo Marcondes (2007). *Iniciação à história da filosofia*. [S.l.]: Jorge Zahar. p. 43. ISBN 978-85-7110-405-1
- [9] STEVE FULLER. *Intelectual, O*. [S.l.]: Relume Dumará. p. 16. ISBN 978-85-7316-439-8
- [10] Vaulker, Aashish (2012). *Markets and measurements in nineteenth century Britain*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 218–228
- [11] Platão, *Protágoras*, 314a, 315 e
- [12] Gaines, Robert N. (1997). *Philosophy & Rhetoric*. Pennsylvania: Penn State University Press. pp. 1–12
- [13] Platão, *Górgias*, 455a
- [14] Aristotle (30 June 2004). *On Sophistical Refutations*. [S.l.]: Kessinger Publishing. p. 4. ISBN 978-1-4191-3859-1 Verifique data em: |data= (ajuda)
- [15] “Quando o telejornalismo se apropria de imagens “leigas”, construindo o que se chamou aqui de jornalismo apócrifo, a questão da credibilidade assume a forma de um sofisma. Por um lado, o telejornal, em todas as suas instâncias, se exime da responsabilidade pela credibilidade do que se exhibe, já que não foi produtor das imagens que ilustram uma determinada narrativa noticiosa. Elas vieram de fontes externas. Mas, em verdade, por outro lado, o telejornal não é responsável pelo que veicula?” Revista PJ:Br *Novos aspectos da narrativa jornalística* ISSN 1806-2776, Edição 14, Novembro 2011
- [16] “Programas televisivos como o Big Brother, por exemplo, são criticados nas redes sociais, mas continuam gerando audiência, o que o professor afirma também ter relação com a visão dos sofistas. “É um sistema tão genial, que o orador, na época, e o comunicador, atualmente, promovem uma violência psicológica com seu espectador; usam um discurso agradável para forçá-lo a fazer o que eles querem, e a pessoa nem percebe, e ainda por cima fica feliz em seguir o discurso citado”.”USP - Livro faz paralelo entre sofismo e comunicação praticada na mídia atual

## Capítulo 6

# Escola sofística

Os **sofistas** se compunham de grupos de mestres que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos, etc) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no logos ou discurso, com foco em estratégias de argumentação. Os mestres sofistas alegavam que podiam “melhorar” seus discípulos, ou, em outras palavras, que a “virtude” seria passível de ser ensinada.

Protágoras (492 a.C.-422 a.C.) e Górgias (483 a.C.-376 a.C.) estão entre os primeiros sofistas conhecidos.

Protágoras foi o primeiro sofista a aceitar dinheiro (pagamento) por seus ensinamentos.

Muitos dos sofistas questionaram a então sabedoria recebida pelos deuses e a supremacia da cultura grega (uma ideia absoluta à época). Argumentavam, por exemplo, que as práticas culturais existiam em função de convenções ou “nomos”, e que a moralidade ou imoralidade de um ato não poderia ser julgada fora do contexto cultural em que aquele ocorreu. Tal posição questionadora levou-os a serem perseguidos, inclusive, pelos filósofos gregos.

A conhecida frase “o homem é a medida de todas as coisas” surgiu dos ensinamentos sofistas. Uma das mais famosas doutrinas sofistas é a teoria do contra-argumento. Eles ensinavam que todo e qualquer argumento poderia ser refutado por outro argumento, e que a efetividade de um dado argumento residiria na verossimilhança (aparência de verdadeiro, mas não necessariamente verdadeiro) perante uma dada platéia.

Os Sofistas foram considerados os primeiros advogados do mundo,<sup>[1]</sup> ao cobrar de seus clientes para efetuar suas defesas, dada sua alta capacidade de argumentação. São também considerados por muitos os guardiões da democracia na antiguidade, na medida em que aceitavam a **relatividade** da verdade. Hoje, a aceitação do “ponto de vista alheio” é a pedra fundamental da democracia moderna.

*Sofística* era originalmente o termo dado às técnicas ensinadas por um grupo altamente respeitado de professores retóricos na Grécia antiga. O uso moderno da palavra, sugestionando um argumento inválido composto de raciocínio especioso, não é necessariamente o representante das convicções dos sofistas originais, a não ser daquele que

geralmente ensinaram retórica. Os sofistas só são conhecidos hoje pelas escritas de seus oponentes (mais especificamente, Platão e Aristóteles) que dificulta formular uma visão completa das convicções dos sofistas.

Os sofistas são os primeiros a romperem com a busca pré-socrática por uma unidade originária (a *physis*) iniciada com Tales de Mileto e finalizada em Demócrito de Abdera (que embora tenha falecido pouco tempo depois de Sócrates, tem seu pensamento inserido dentro da filosofia pré-socrática).

A principal doutrina sofística consiste, em uma visão relativa de mundo (o que os contrapõe a Sócrates que, sem negar a existência de coisas relativas, buscava verdades universais e necessárias). A principal doutrina sofística pode ser expressa pela máxima de Protágoras: “*O homem é a medida de todas as coisas*”.

*Tal máxima expressa o sentido de que não é o ser humano quem tem de se moldar a padrões externos a si, que sejam impostos por qualquer coisa que não seja o próprio ser humano, e sim o próprio ser humano deve moldar-se segundo a sua liberdade.*

Outro sofista famoso foi Górgias de Leontini, que afirmava que o 'ser' não existia. Segundo Górgias, mesmo que se admitisse que o 'ser' exista, é impossível captá-lo. Mesmo que isso fosse possível, não seria possível enunciá-lo de modo verdadeiro e, portanto, seria sempre impossível qualquer conhecimento sobre o 'ser'.

Estas visões contrastantes com a de Sócrates (que foram adotadas também por Platão e Aristóteles, bem como sua “luta” anti-sofista) somada ao fato de serem estrangeiros - o que lhes conferia um menor grau de credibilidade entre os atenienses - contribuiu para que seu pensamento fosse subvalorizado até tempos recentes.

### 6.0.1 Moral, direito, religião

A sofística, sustenta o relativismo prático, destruidor da moral. Como é verdadeiro o que tal ao sentido, assim é bem o que satisfaz ao sentimento, ao impulso, à paixão de cada um em cada momento. Ao sensualismo, ao empirismo gnosiológicos correspondem o hedonismo e o utilitarismo ético: o único bem é o prazer, a única regra de



conduta é o interesse particular. Górgias declara plena indiferença para com todo moralismo: ensina ele a seus discípulos unicamente a arte de vencer os adversários; que a causa seja justa ou não, não lhe interessa. A moral, portanto, - como norma universal de conduta - é concebida pelos sofistas não como lei racional do agir humano, isto é, como a lei que potencia profundamente a natureza humana, mas como um empecilho que incomoda o homem. Desta maneira, os sofistas estabelecem uma oposição especial entre natureza e lei, quer política, quer moral, considerando a lei como fruto arbitrário, interessado, mortificador, uma pura convenção, e entendendo por natureza, não a natureza humana racional, mas a natureza humana sensível, animal, instintiva. E tentam criticar a validade desta lei, na verdade tão mutável conforme os tempos e os lugares, bem como a sua utilidade comumente celebrada: não é verdade - dizem - que a submissão à lei torne os homens felizes, pois grandes malvados, mediante graves crimes, têm freqüentemente conseguido grande êxito no mundo e, aliás, a experiência ensina que para triunfar no mundo, não é mister justiça e retidão, mas prudência e habilidade.

Então a realização da humanidade perfeita, segundo o ideal dos sofistas, não está na ação ética e ascética, no domínio de si mesmo, na justiça para com os outros, mas no engrandecimento ilimitado da própria personalidade, no prazer e no domínio violento dos homens. Esse domínio violento é necessário para possuir e gozar os bens terrenos, visto estes bens serem limitados e ambicionados por outros homens. É esta, aliás, a única forma de vida social possível num mundo em que estão em jogo unicamente forças brutas, materiais. Seria, portanto, um prejuízo a igualdade moral entre os fortes e os fracos, pois a verdadeira justiça conforme a natureza material, exige que o forte, o poderoso, oprima o fraco em seu proveito.

Quanto ao direito e à religião, a posição da sofística é extremista também, naturalmente, como na gnosiologia e na moral. A sofística move uma justa crítica, contra o direito positivo, muitas vezes arbitrário, contingente, tirânico, em nome do direito natural. Mas este direito natural - bem como a moral natural - segundo os sofistas, não é o direito fundado sobre a natureza racional do homem, e sim sobre a sua natureza animal, instintiva, passional. Então, o direito natural é o direito do mais poderoso, pois em uma sociedade em que estão em jogo apenas forças brutas, a força e a violência podem ser o único elemento organizador, o único sistema jurídico admissível.

## 6.1 Referências

- [1] ALBERGARIA, Bruno. ALBERGARIA, Bruno. Histórias do Direito: Evolução das Leis, Fatos e Pensamentos. Atlas, 2011.

## 6.2 Ligações externas

- *Elogio de Helena*: texto grego e Tradução para o português

## 6.3 Fontes dos textos e imagens, contribuidores e licenças

### 6.3.1 Texto

- Filosofia** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia?oldid=48419025> *Contribuidores:* Romanm, JoaoMiranda, Jorge~ptwiki, Robbot, Luis Dantas, Plataformista, Hashar, PauloColacino, Manuel Anastácio, Joaotg, Scott MacLean, LeonardoG, Mschindwein, Hgamba, Marcelo Reis, Mrcl, Gaf.arq, Lrech, NH~ptwiki, Osias, E2mb0t, Juntas, Chico, LeonardoRob0t, Celso Candido, Pedrassani, Malafaya, Jic, Alexg, Claudiney, Ziguratt, Lusitana, Ligia, Santana-freitas, Campani, Whooligan, Nuno Tavares, Get It, Indech, Andre Luis, NT-Bot, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Sturm, Clara C., Marcelo-Silva, Loge, Epineiro, Tschulz, Leandromartinez, João Carvalho, Angreense, André Koehne, EASchuler, Leinad-Z~ptwiki, Filipux, Merci Kunzler~ptwiki, Geologist~ptwiki, Until, Abmac, Agil, Giro720, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, Cesarschirmer, 555, Ozymandias, Mlduclos, Adailton, Daniduc, Lijealso, Fabriciogava, YurikBot, Mathiaspolen, Cícero, Porantim, Fernando S. Aldado, Gpvos, Rikadus, NRangel, Roberto Cruz, Methuselah, Belard, SallesNeto BR, Mosca, MalafayaBot, Eduardoferreira, Arges, Gabrielt4e, PatríciaR, Chlewb0t, Dantadd, Leonardo.stabile, LijeBot, Chicocvenancio, ISoron, Jonas Mur, Bemelmans, Principia14, Nikitta, Luiz Antonio Sypriano, Jo Lorib, Desiderio, Guido diniz, Dpc01, He7d3r, Vigia, BMel, Everton137, FSogumo, ArisonJardim, Nemracc, Marcelo Victor, Hvicoso, Renato Pereira de Almeida, Eduardolima, Yanguas, Thijs!bot, Rei~bot, GRS73, Jussaragoyano, Mister8, Luisfmiendes, Flaviosoares, Escarbot, Minivalley, RoboServien, Belandia, Marcelo Cantarino, Daimore, BOT-Superzerocool, Cokimoto, JAnDbot, Alchimista, Luiza Teles, Delemon, Bisbis, Leoreis, Andrelz, Barão de Itararé, CommonsDelinker, Brandizzi, Fabio Rocha, Nietzsche~ptwiki, Ozalid, Paulohidra, Jack Bauer00, Amadeo, Freundzahn, Eric Duff, Rjclaudio, Bot-Schafter, Gerbilo, Idioma~bot, EuTuga, Der kenner, Luckas Blade, Spoladore, Carlos28, TXiKiBoT, Tumnus, Theshotgun, WaldirBot, Gunnex, VolkovBot, Brunosl, SieBot, Pfassina, Laobc, Joao emiliano1978, Synthebot, Lechatjaune, Javali~ptwiki, Rogertad, Yone Fernandes, FULANA, Fcamillo, Adrianoped, Bluedenim, Raphael Bortoli, Luishdosreis, S3o3b3e3l, Teles, Vini 175, BotMultichill, Mário Henrique, Jeferson, Leandro Prudencio, AlleborgoBot, Msduk, Azai~ptwiki, GOE, GOE2, Victor Andrade, Pauloacbjr, Leandrokt, PipepBot, HyperBroad, Leandro Drudo, Arthur Buchsbaum, Auréola, Titoncio, Kim richard, robot, Esopo, Tiago Santos, Heiligenfeld, Inox, Beria, Renato Telesca, Alexandrepastre, Filosofante, Humbertopjunior, Georgez, RafaAzevedo, BOTarate, Alexbot, Lourencoalmada, Arley, Pediboi, RadiX, Ebalter, SilvononBot, Pietro Roveri, !Silent, Vitor Mazuco, Lucasdegu, Malkavi, Cesar2001urug, ChristianH, Numbo3~bot, Luckas~bot, LinkFA-Bot, Allanherison, Lucia Bot, KGBC, TioToim, Ptbotgourou, HydriLe, Eamaral, Vanthorn, Cadnero, Salebot, Mgrabelo, Adrian.metal68, Ibitepeople2, Jaideraf, ArthurBot, Xjalfx, Rafgco, Lord Mota, Xqbot, Lépton, Gean, Darwinus, Sarinhaasrs, Jrafaels, RibotBOT, ThiagoRuiz, Hugo.allan, Ts42, MauritsBot, Faustino.F, MastiBot, Monica Maffesoli, TobeBot, Alch Bot, Blablaba91, Braswiki, Stegop, Bayle, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, HVL, Alonso de Mendoza, Jaiminhofoda, Erico Tachizawa, Rafael Kenneth, TjBot, Ripchip Bot, Viniciusmc, Opraco, Buenos000, HenriqueMCS, P. S. F. Freitas, Poccetti, Aleph Bot, EmausBot, JorgePP, Érico, Renato de carvalho ferreira, Salamat, TuHan-Bot, Reporter, Inutiu54321, Spell checker, Sadanandachaitanya, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Savant~ptwiki, Fvolcov, Alexandre373, Alvaro Azevedo Moura, Linflux, PedR, Colaborador Z, João Paulo Tinoco Alvarenga, Sendtko, MerllwBot, L'editeur, Edisonqv, Dn200, Antero de Quintal, Eduardo Marchiori Filho, Ariel C.M.K., PauloEduardo, Gustavo Augusto R. Abreu, Gabriel Yuji, Épico, J. A. S. Ferreira, Luizpuodzius, BrendoPerezAra, André do deserto, Edonis, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, OliverPro, Zoldyick, Matheus Faria, TaahCaaroline, M.utt, Arthurguto, Lucasrigd, Iannaker, Dexbot, PauloMSimoes, Raul Caarvalho, FrancisAkio, Leon saudanha, Senso crítico, Hume42, Önni, ANESTRELLA, Legobot, Elderson Félix, EVinente, Victoria Fenix, Holdfz, Lu Xi, Kndenis, Izahias, Mestre da Sapiência, Professorledio, Marcos dias de oliveira, Gustavo trevisan siqueira, Carlos Marcelo C de Almeida, Marcos Serra, Ismaelbarbosa, Paulacalegari, Lucascf13, O revolucionário aliado, Plopes208, Paulo208, KeySayCraft, Constituinte87, Cristiano de Paiva Barroso, Gabrielpavanetti, Pesadãojordão, Dalila22, Antunes barbosa, Thayzy, Mr. Fulano, Renato Alves Netto Jr., FranciscoMG e Anônimo: 730
- Lógica** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%B3gica?oldid=48363597> *Contribuidores:* Jorge~ptwiki, Robbot, JMGM, Rnbastos, Manuel Anastácio, Scott MacLean, LeonardoG, Reccanello, Mschindwein, Rui Malheiro, Gbiten, Hgfernan, Ale vx, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Jic, Campani, Rosana, Jonh5ck, NTBot, Rodrigo Rocha, RobotQuistnix, JP Watrin, Rei-artur, Leslie, Lucas Bispo, Marcelo-Silva, Porcher~ptwiki, Epineiro, 333~ptwiki, Agil, OS2Warp, 555, Lemccbr~ptwiki, Adailton, Lijealso, Alessandro70, Fábio Soldá, Fernando S. Aldado, Luis Felipe Braga, Mosca, MalafayaBot, Guimaraes, marcos, Armagedon, Salgueiro, Principia14, Everton3x, M7Lion, Drefe, He7d3r, Al Lemos, Reynaldo, Sérgio Farias, GoEThe, FSogumo, Profcardy, Thijs!bot, Rei~bot, Escarbot, OptimusPrammus, GB~ptwiki, Rossicev, JAnDbot, Capmo, Marciomr~ptwiki, Luiza Teles, Albmont, Burngianecchini, PedroSilva, Rjclaudio, Idioma~bot, EuTuga, TXiKiBoT, Gunnex, VolkovBot, Phmaciel, SieBot, Synthebot, Lechatjaune, Vini 175, Le Pied~bot~ptwiki, AlleborgoBot, Zdtrlik, GOE2, One People, STBot~ptwiki, NatáliaLucenaNeta, Gerakibot, PipepBot, Arthur Buchsbaum, Auréola, Heiligenfeld, Inox, Beria, Pedrovitorh2, Alexbot, Catiureal, Pietro Roveri, !Silent, Vitor Mazuco, Numbo3~bot, ThrasherÜbersensch, Luckas~bot, LinkFA-Bot, LaaknorBot, Tyagotayrony, Millennium bug, Salebot, ArthurBot, Alumnum, Xqbot, GhalyBot, Mr. Hyde~ptwiki, Ts42, D'ohBot, Tuga1143, Josebarbosa, TobeBot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, KamikazeBot, HVL, TjBot, Tiago Peixoto, Francisco Quiumento, Bruninhor, EmausBot, JackieBot, ZéroBot, JorgePP, Érico, Bluemasterbr, Braswiki, Salamat, Dreisp, Nelson Teixeira, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Raul de Oliveira, CocuBot, Colaborador Z, MerllwBot, DarkRaku, Antero de Quintal, Amorimcarlos, J. A. S. Ferreira, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Dexbot, Décio Krause~ptwiki, Hume42, Prima.philosophia, Önni, Inji~ptwiki, Legobot, EVinente, Jordeñ, Geovane.spe, Marcos dias de oliveira, Ofim, Vitor, Gabsantosil, Papa Christus, Cu323232 e Anônimo: 213
- Metafísica** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica?oldid=47533961> *Contribuidores:* Sistema428, Robbot, Luis Dantas, JMGM, Manuel Anastácio, Mschindwein, Mrcl, Juntas, LeonardoRob0t, Alexg, Ziguratt, Whooligan, Dvulture, NTBot, JP Watrin, 333~ptwiki, João Carvalho, HumbertoDiogenes, Leinad-Z~ptwiki, Giro720, OS2Warp, Leonardo Teixeira de Oliveira, Cesarschirmer, Belegurth, YurikBot, Cícero, Fernando S. Aldado, Martiniano Hilário, MalafayaBot, Edrid, LijeBot, FSogumo, Rei~bot, Felipe P, Minivalley, Daimore, MSBOT, Rossicev, Seewolf, JAnDbot, Alchimista, Pilha, Luiza Teles, Observatore, Fabio Rocha, Alexanderps, TXiKiBoT, Tumnus, Aibot, VolkovBot, Brunosl, SieBot, Cambraia, Synthebot, Javali~ptwiki, Teles, Hamato, BotMultichill, AlleborgoBot, GOE, Tetraktys, José1, Auréola, Heiligenfeld, Beria, Eu Sou, Jobs1, Alexbot, Lourencoalmada, Theus PR, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Luckas~bot, LinkFA-Bot, Danielcz, Salebot, Camoens2, Matheus-sma, SuperBráulio13, Xqbot, Gean, Almbot, Darwinus, RibotBOT, TobeBot, DarwinBot, Aleph Bot, EmausBot, Joao.pimentel.ferreira, JorgePP, Leomvpin, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Colaborador Z, MerllwBot, Antero de Quintal, Épico, Karolineane, Bráulio B Neves, Shgür Datsügen, Zoldyick, AlchemistOfJoy, Dexbot, Raul Caarvalho, Prima.philosophia, Önni, Legobot, EVinente, Dark-Y, Ixocactus, Stanglavine, Arthur A C Treuherz, Rosbife, UsuárioAmericano, Vinctus, Vítor Menes, Xutzão e Anônimo: 148
- Verdade** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Verdade?oldid=48328694> *Contribuidores:* Amorim Parga, Robbot, Manuel Anastácio, Digo UFCG~ptwiki, E2mb0t, Chico, LeonardoRob0t, Ziguratt, Whooligan, Indech, NTBot, RobotQuistnix, Glum, Rei-artur, Sturm, Epineiro, 333~ptwiki, 999, Giro720, OS2Warp, Cesarschirmer, Águia, Chobot, Lijealso, JLCA, Belard, MalafayaBot, Mauro do Carmo, Tilgon, Leonardo.stabile, Edrid, Xandi, Jo Lorib, Reynaldo, FSogumo, Marcelo Victor, Yanguas, Rei~bot, GRS73, JAnDbot, Alchimista,

Luiza Teles, Bisbis, BetBot-ptwiki, Andrelz, Maxtremus, Fatelier, Bot-Schafter, Guilherme Dourado, Idioma-bot, Carlos28, TXiKiBoT, Gunnex, VolkovBot, SieBot, Rodbicalho, Yone Fernandes, Raphael Bortoli, Jovem Werther, Vini 175, BotMultichill, Mário Henrique, AlleborgoBot, Agiesbrecht, GOE, Amats, Alexbot, Edvigens, BodhisattvaBot, SilvonenBot, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Maurício I, NjardarBot, ChristianH, Numbo3-bot, Luckas-bot, AlnoktaBOT, Aeroparque, José Eliel da Silva, LaaknorBot, Ptbotgourou, Wiknowledge, Eamaral, Salebot, ArthurBot, Ticarex, Xqbot, Lépton, GhalyBot, Darwinius, RibotBOT, RedBot, TobeBot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, HVL, QuarkAWB, Danilo.bot, TjBot, Viniciusmc, Edwinaclima, EmausBot, HROestBot, Érico, ChuispastonBot, Stuckkey, WikitanvirBot, Miguel Meireles, MerllwBot, PauloEduardo, Fronteira, Vagobot, Luizpuodzius, Karolineane, Dianakc, DARIO SEVERI, Shgür Datsügen, Zoldyick, Jml3, Dexbot, Wazcontato, Leon saudanha, Legobot, EVinente, Jackgba, Marcos dias de oliveira, Armagedon2000, Hentai2015, Florentina Marques, Vitorgouveiacury, XXilluminatiMLGsonXx, EnderBR2016 e Anónimo: 159

- **Sofisma** *Fonte:* <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sofisma?oldid=47458814> *Contribuidores:* JMGM, Joaotg, Robin Hood-ptwiki, Mrcl, Ziguratt, Dvulture, RobotQuistnix, JP Watrin, Gil mnogueira, Renatomcr, Giro720, Cláudio Aarão Rangel, OS2Warp, Nrafael, YurikBot, Gpvos, Dantadd, Servitiu, Dayannesousa, Thijs!bot, Rei-bot, GRS73, Biologo32, JAnDbot, Alpandrade, Der kenner, Carlos28, TXiKi-BoT, Tumnus, SieBot, GOE, Tiago Santos, RafaAzevedo, BOTarate, LiaC, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Louperibot, Missigno, Numbo3-bot, Luckas-bot, LaaknorBot, Contagemwiki, GoeBOThe, Cadnero, Salebot, Jeanfcarvalho, Yonidebot, ArthurBot, Xqbot, GhalyBot, Darwinius, RibotBOT, MauritsBot, Faustino.F, RedBot, Marcos Elias de Oliveira Júnior, Rafael Kenneth, Aleph Bot, EmausBot, Salamat, ChuispastonBot, Stuckkey, Antero de Quintal, Karolineane, Dianakc, Shgür Datsügen, Zoldyick, Raul Caarvalho, Legobot, Lucas axm e Anónimo: 79
- **Escola sofística** *Fonte:* [https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_sof%C3%ADstica?oldid=48148619](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sof%C3%ADstica?oldid=48148619) *Contribuidores:* Manuel Anastácio, Lijealso, PTLux, Dantadd, Leonardo.stabile, Antonio Prates, Jo Lorib, He7d3r, Salm, Alchimista, Navegador2, Delemon, Urs.bira, EuTuga, Tumnus, Lechatjaune, Merrill, LeoBot, RadiX, Lech, Pietro Roveri, Vitor Mazuco, Missigno, Lukinhaz, Vanthorn, Salebot, Tastebills, HVL, Hebbeone, FMTbot, Aleph Bot, EmausBot, Lucas França de Souza, Érico, Nelson Teixeira, Camervan, LukasRodrigues, MerllwBot, J. A. S. Ferreira, Zoldyick, Matheus Faria, Bruno Albergrafia, Oxe, Hume42, EVinente, O revolucionário aliado, Krimpo, Rojerdasnevas, Grupo escola sofística e Anónimo: 69

### 6.3.2 Imagens

- **Ficheiro:Aristotle\_Altemps\_Inv8575.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Aristotle\\_Altemps\\_Inv8575.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Aristotle_Altemps_Inv8575.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Jastrow (2006) *Artista original:* Após Lísipo
- **Ficheiro:Commons-logo.svg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Commons-logo.svg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* This version created by Pumbaa, using a proper partial circle and SVG geometry features. (Former versions used to be slightly warped.) *Artista original:* SVG version was created by User:Grunt and cleaned up by 3247, based on the earlier PNG version, created by Reidab.
- **Ficheiro:Conhecimento-Diagrama.png** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/53/Conhecimento-Diagrama.png> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que seja obra própria, baseando-se nas informações sobre direito autoral. *Artista original:* Sem fonte automaticamente legível. Presume-se que a autoria seja de Leinaad-Z-commonswiki, baseando-se nas informações sobre direito autoral.
- **Ficheiro:Da\_Vinci\_Vitruve\_Luc\_Viatour.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Da\\_Vinci\\_Vitruve\\_Luc\\_Viatour.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/22/Da_Vinci_Vitruve_Luc_Viatour.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Leonardo Da Vinci - Photo from www.lucnix.be. 2007-09-08 (photograph). Photography: *Artista original:* Leonardo da Vinci
- **Ficheiro:David\_-\_The\_Death\_of\_Socrates.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/David\\_-\\_The\\_Death\\_of\\_Socrates.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/David_-_The_Death_of_Socrates.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/436105> *Artista original:* Jacques-Louis David
- **Ficheiro:Disambig\_grey.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig\\_grey.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Disambig_grey.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Obra do próprio *Artista original:* Bub's
- **Ficheiro:Discourse-into-the-night.jpg** *Fonte:* <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/74/Discourse-into-the-night.jpg> *Licença:* Public domain *Contribuidores:* Blades, William: "Pentateuch of Printing with a Chapter on Judges" (1891), <http://www.fromoldbooks.org/Blades-Pentateuch/pages/discourse-into-the-night/1166x626.html> *Artista original:* ?
- **Ficheiro:Flag\_of\_Greece.svg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/Flag\\_of\\_Greece.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5c/Flag_of_Greece.svg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* own code *Artista original:* (of code) cs:User:-xfi- (talk)
- **Ficheiro:Frans\_Hals\_-\_Portret\_van\_René\_Descartes.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Frans\\_Hals\\_-\\_Portret\\_van\\_Ren%C3%A9\\_Descartes.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Frans_Hals_-_Portret_van_Ren%C3%A9_Descartes.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* André Hatala [e.a.] (1997) *De eeuw van Rembrandt*, Bruxelles: Crédit communal de Belgique, ISBN 2-908388-32-4. *Artista original:* Após Frans Hals (1582/1583–1666)
- **Ficheiro:Gregor\_Reisch,\_Margarita\_Philosophica,\_Typus\_Logice.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Gregor\\_Reisch%2C\\_Margarita\\_Philosophica%2C\\_Typus\\_Logice.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/44/Gregor_Reisch%2C_Margarita_Philosophica%2C_Typus_Logice.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* Gregor Reisch
- **Ficheiro:Heidegger\_4\_(1960)\_cropped.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Heidegger\\_4\\_%281960%29\\_cropped.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2c/Heidegger_4_%281960%29_cropped.jpg) *Licença:* CC BY-SA 3.0 *Contribuidores:* Landesarchiv Baden-Württemberg *Artista original:* Willy Pragher
- **Ficheiro:Herkulaneischer\_Meister\_002.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Herkulaneischer\\_Meister\\_002.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Herkulaneischer_Meister_002.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* The Yorck Project: *10.000 Meisterwerke der Malerei*. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. *Artista original:* Herkulaneischer Meister
- **Ficheiro:Instauratio\_Magna.jpg** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Instauratio\\_Magna.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/01/Instauratio_Magna.jpg) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* <http://history.wisc.edu/sommerville/351/351images/instauratio.jpg> *Artista original:* Francis Bacon
- **Ficheiro:Kant\_drawing.png** *Fonte:* [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/62/Kant\\_drawing.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/62/Kant_drawing.png) *Licença:* Public domain *Contribuidores:* ? *Artista original:* ?

- **Ficheiro:La\_scuola\_di\_Atene.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/La\\_scuola\\_di\\_Atene.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/31/La_scuola_di_Atene.jpg) Licença: Public domain Contribuidores: File:Sanzio 01.jpg Artista original: Rafael Sanzio
- **Ficheiro:Ludwig\_Wittgenstein\_Pencil\_on\_board.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Ludwig\\_Wittgenstein%2C\\_Pencil\\_on\\_board.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d2/Ludwig_Wittgenstein%2C_Pencil_on_board.jpg) Licença: CC BY-SA 2.0 Contribuidores: flickr Artista original: Christiaan Tonnis
- **Ficheiro:Magnifying\_glass\_01.svg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying\\_glass\\_01.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3a/Magnifying_glass_01.svg) Licença: CC0 Contribuidores: ? Artista original: ?
- **Ficheiro:Plato\_Pio-Clemetino\_Inv305.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Plato\\_Pio-Clemetino\\_Inv305.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/da/Plato_Pio-Clemetino_Inv305.jpg) Licença: Public domain Contribuidores: Marie-Lan Nguyen (2006) Artista original: Desconhecido<a href="https://www.wikidata.org/wiki/Q4233718" title="wikidata:Q4233718"></a>
- **Ficheiro:Raja\_Ravi\_Varma\_-\_Sankaracharya.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/Raja\\_Ravi\\_Varma\\_-\\_Sankaracharya.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/Raja_Ravi_Varma_-_Sankaracharya.jpg) Licença: Public domain Contribuidores: Original source not stated by uploader, however many sources available on web including this. Artista original: Raja Ravi Varma
- **Ficheiro:Rembrandt\_Harmensz.\_van\_Rijn\_038-crop.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/51/Rembrandt\\_Harmensz.\\_van\\_Rijn\\_038-crop.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/51/Rembrandt_Harmensz._van_Rijn_038-crop.jpg) Licença: Public domain Contribuidores: The Yorck Project: 10.000 Meisterwerke der Malerei. DVD-ROM, 2002. ISBN 3936122202. Distributed by DIRECTMEDIA Publishing GmbH. Artista original: Rembrandt
- **Ficheiro:Rodin\_le\_penseur.JPG** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Rodin\\_le\\_penseur.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Rodin_le_penseur.JPG) Licença: CC BY-SA 1.0 Contribuidores: Obra do próprio Artista original: Piero d'Houin Inocybe
- **Ficheiro:Rodin\_le\_penseur.JPG** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Rodin\\_le\\_penseur.JPG](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ac/Rodin_le_penseur.JPG) Licença: CC BY-SA 1.0 Contribuidores: Obra do próprio Artista original: Piero d'Houin Inocybe
- **Ficheiro:Sanzio\_01\_cropped.png** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d1/Sanzio\\_01\\_cropped.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d1/Sanzio_01_cropped.png) Licença: Public domain Contribuidores: Raffaello Sanzio Artista original: Rafael Sanzio
- **Ficheiro:Searchtool.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Searchtool.svg> Licença: LGPL Contribuidores: <http://ftp.gnome.org/pub/GNOME/sources/gnome-themes-extras/0.9/gnome-themes-extras-0.9.0.tar.gz> Artista original: David Vignoni, Ysangkok
- **Ficheiro:SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1c/SeptemArtes-Philosophia-Detail.jpg> Licença: Public domain Contribuidores: from "Hortus deliciarum" of Herrad von Landsberg - date: about 1180 Artista original: User:Markus Mueller
- **Ficheiro:St-thomas-aquinas.jpg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e3/St-thomas-aquinas.jpg> Licença: Public domain Contribuidores: <http://www.nationalgallery.org.uk/paintings/carlo-crivelli-saint-thomas-aquinas> Artista original: Carlo Crivelli (cerca de 1435–cerca de 1495)
- **Ficheiro:Tram\_Urbinati.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/25/Tram\\_Urbinati.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/25/Tram_Urbinati.jpg) Licença: Copyrighted free use Contribuidores: ? Artista original: ?
- **Ficheiro:Venn\_0001\_0110.svg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/Venn\\_0001\\_0110.svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/82/Venn_0001_0110.svg) Licença: Public domain Contribuidores: ? Artista original: ?
- **Ficheiro:Wikibooks-logo.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikibooks-logo.svg> Licença: CC BY-SA 3.0 Contribuidores: Obra do próprio Artista original: User:Bastique, User:Ramac et al.
- **Ficheiro:Wikiquote-logo.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fa/Wikiquote-logo.svg> Licença: Public domain Contribuidores: Obra do próprio Artista original: Rei-artur
- **Ficheiro:Wikisource-logo.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4c/Wikisource-logo.svg> Licença: CC BY-SA 3.0 Contribuidores: Rei-artur Artista original: Nicholas Moreau
- **Ficheiro:Wikitext.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/ce/Wikitext.svg> Licença: Public domain Contribuidores: Obra do próprio Artista original: Anomie
- **Ficheiro:Wiktionary-logo-pt.png** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Wiktionary-logo-pt.png> Licença: CC BY-SA 3.0 Contribuidores: originally uploaded there by author, self-made by author Artista original: la:Usor:Mycês
- **Ficheiro:Wiktionary-logo.svg** Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/ec/Wiktionary-logo.svg> Licença: CC BY-SA 3.0 Contribuidores: ? Artista original: ?
- **Ficheiro:Woher\_kommen\_wir\_Wer\_sind\_wir\_Wohin\_gehen\_wir.jpg** Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fc/Woher\\_kommen\\_wir\\_Wer\\_sind\\_wir\\_Wohin\\_gehen\\_wir.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fc/Woher_kommen_wir_Wer_sind_wir_Wohin_gehen_wir.jpg) Licença: Public domain Contribuidores: Obra do próprio Artista original: Paul Gauguin

### 6.3.3 Licença

- Creative Commons Attribution-Share Alike 3.0